Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

c/ duas obras
1.500 $ m

A VIDA DE UMA ACTRIZ.

A. de Pinho lith.

Lith. Imp.ª de Ed. Rensburg.

Ludovina Soares da Costa

A

VIDA DE UMA ACTRIZ,

DRAMA EM 5 ACTOS E OITO QUADROS,

Por MM. Aniceto Bourgeois e Theodoro Barrière;

TRADUZIDO DO FRANCEZ

POR

D. Maria Velluti,

E DEDICADO Á INSIGNE TRAGICA PORTUGUEZA

D. Ludovina Soares da Costa,

em cujo beneficio foi representado no Imperial Theatro de S. Pedro d'Alcantara.

RIO DE JANEIRO,

Typ. e Livraria de Bernardo Xavier Pinto de Sousa,

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1859.

A D. Ludovina Soares da Costa.

Nunca tive a pretenção de ver alguma das minhas traducções impressa, pois não lhes dava tal importancia; e quando me fallárão para isso, offerecendo-me coadjuvação n'esse trabalho, fiquei indecisa e acanhada. Sem tomar uma resolução definitiva, passei em resenha esse repertorio por mim traduzido, e deparando com o drama em 5 actos, de Bourgeois e Barrière — A Vida de uma Actriz, — animei-me então e accitei a delicada coadjuvação que se me offerecia. E por que me animei? por que annuí a uma cousa que quasi me contrariava?... foi, porque na — Vida de uma Actriz — ha bastante assumpto para satisfazer o nosso orgulho de classe!... foi, para fazer sentir com melhor insinuação, que na nossa sociedade dramatica, como em todas, podemos ter, como temos, bastantes Olympias, e mais de um Saint-Phar que a ennobrecem!... podendo-se já, mais desafogadamente, pugnar pela moralidade de uma classe que, alem de engrandecida ha mais de um seculo por talentos immortaes, é honrada hoje com a admissão em seu gremio de artistas de elevado nascimento e perfeita educação. Tambem me animei, Senhora, e muito, com a idéa de poder presidir a esta publicação o vosso nome, que me servirá de egide contra a censura... pois

que a esse nome illustre, acatado com respeito e admiração por um publico instruido, deverei a indulgencia que merecer o meu trabalho.

Lastimo que a impressão d'este drama não tivesse tido lugar, quando era realçado por vossos trabalhos scenicos, para ser apreciado no seu justo valor. Sobre este ponto não irei ávante, pois são fracos os meus recursos para tão subida analyse.

Deus permitta que se não persuadão, que n'esta publicação fui guiada pela vaidade!... Sou capaz de confessar que não possuo elementos em que a fundar!.. o que será facil de convencer.

Sabendo apenas as primeiras letras, deixei a mestra pelo theatro, que desde criança me deu a subsistencia; devendo o pouco que sei á minha curiosidade. Mais tarde recei entregar-me sériamente ao estudo, pois reconheci, por experiencia, que a muita preoccupação das letras em uma mulher, póde atacar-lhe o juizo!... Quando era criança, lia e decorava *Marilia de Dirceo*, e as obras de *Malhão*: não tendo, porém, quem me esclarecesse ácerca da fabula, tomei ao serio a existencia do Olympo, e quasi endoudecia, por nunca ver (por mais que o procurasse) Cupido alado, armado com settas, voando pelas arvores; e Venus descer das nuvens em carro dourado, puxado por pombas; o que tudo isto havia de ser muito bonito!..., pensava eu. Com o andar do tempo desilludi-me do maravilhoso, e abracei-me ao romantico: compunha!... isto é, delirava imaginando lindas fantasias!.., mas, quando descia d'essas macias e vistosas regiões de ouro e algodão, era com a cabeça estonteada... a vista turba... parecendo-me a

realidade feia e asquerosa!.. não podendo supportar os tropeções n'este mundo de pedras. Felizmente mostrava as minhas producções a entendedores que me dizião, sobre a poesia: Está bonito!.. mas não está bom... falta-lhe metro. Sobre a prosa a mesma cousa: falta-lhe grammatica. « Bem bom! disse comigo; não póde haver verso sem metro, e mal se admitte a prosa sem grammatica... estou salva! guardo as minhas idéas, e não aprendo nem uma, nem outra cousa. »

Ora, se eu sem metro nem grammatica, quasi não sentia a terra... com metro e com grammatica voava para as palhas!... Renunciei, e fiz muito bem. Se eu me atrevesse a dar um conselho ás senhoras de imaginação viva, seria o de limitarem sua applicação ás letras no ponto necessario para não fazerem triste papel na conversação, saberem guiar a intelligencia de seus filhos, e formar-lhes o coração. Tudo o mais é arriscar o juizo; isto é, nas senhoras de imaginação ardente.

Parece-me que fallei muito de mim!.. Emfim, desculpar-se-me-ha a intenção; será a ultima vez.

Perdoai, Senhora, se ousei propor-vos a dedicatoria desta traducção: agradeço-vos, cheia de reconhecimento, a bondade com que a aceitastes.

Vossa affeiçoada amiga e respeitosa Vr.ª

MARIA VELLUTI.

DISTRIBUIÇÃO DA PEÇA.

O CONDE CARLOS DE RUDENTZ	Sr.	De-Giovanni.
O MARQUEZ EMILIO DE RUDENTZ, seu primo	»	Arêas.
JORGE, medico	»	Amoêdo.
ST.-PHAR, gracioso da comedia franceza	»	Gusmão.
LINDORO, dançarino	»	Martinho.
DE BRIONNE	»	Almeida.
DE FLASSAN	»	Martins.
O CONDE BORILOFF, Russo	»	Motta.
CELICOURT, actor da comedia franceza	»	Thimotheo.
FIRMINO, criado		N. N.
BERNARDO, proprietario		N. N.
MIGUEL, inspector da prisão		N. N.
UM MORDOMO		
UM CONTRA-REGRA		
UM CARCEREIRO		
UM AGENTE		
JOSÉ, criado		
OLYMPIA, actriz do Theatro Francez, depois Condessa de Rudentz	Sra.	D. Ludovina S. da Costa
ROSA MICHON, sua irmãa	»	Velluti
CLARA, sua criada grave	»	Isabel Nunes.
A CONDESSA VIUVA DE RUDENTZ, mãi de Carlos	»	Clotilde.
LUIZA, costureira de sapatos		N. N.
ESTHER, dançarina	»	Clara Ricciolini.
NANINE, dançarina		N. N.
DIONISIA		N. N.

Fidalgos, damas, guardas, povo, &.

A

VIDA DE UMA ACTRIZ,

Drama em 5 actos e 8 quadros.

ACTO I.

PRIMEIRO QUADRO (1787)

Casa de Olympia. — Um salão muito elegante, com pannos abertos. — Grande porta no fundo. — Portas lateraes. — No panno aberto da direita uma janella dando para um pateo. — Mais para diante, do mesmo lado, um canapé com um velador meio encoberto por uma cadeira que está adiante. — Uma campainha sobre o velador. — No panno aberto da esquerda uma grande lareira, rodeada de cadeiras. — Um consolo no plano acima d'aquelle onde se acha a lareira. — Sobre o consolo tudo o que é necessario para escrever.

SCENA 1.ª

CLARA, LINDORO, depois JOSÉ, em seguida FIRMINO. — (*Ao levantar do panno, Lindoro com uma pequena rabeca na mão, dá algumas lições a Clara; esta, depois de algumas attitudes, presta attenção ao fundo.*)

CLARA.

(*Vivamente a Lindoro, empurrando-o para a porta da direita.*) Depressa... depressa, esconda-se. (*Lindoro desapparece. — Entra um criado com um ramo de flores, que depõe á direita*).

JOSÉ.

Sra. Clara, estas flores são para nossa ama.

CLARA.

Flores... aceitão-se sempre. Está bom. (*O criado sahe*).

LINDORO.

(*Entre-abrindo a porta*). Posso sahir?

CLARA.

Sim! Não! (*Fecha-lhe a porta na cara. — José apparece de novo no fundo*).

JOSÉ.

Sra. Clara, é o ourives da senhora que traz os diamantes.

CLARA.

Diamantes, é outra cousa; que entre. (*José sahe*).

LINDORO.

(*Mesmo jogo.*) Agora. . .

CLARA.

Inda não. (*Mesmo jogo. — Um segundo criado apparece á esquerda*).

FIRMINO.

Sra. Clara, aqui está uma carta para nossa ama; vem do Theatro Francez. Creio que recebêrão alguma ordem da côrte. S. M. a Rainha assistirá á representação d'esta noite.

CLARA.

Mudarião o espectaculo?

FIRMINO.

Sim, S. M. pedio *Andromaca*.

CLARA.

Andromaca! e a senhora que não contava representar hoje!... Firmino, a senhora está no Bosque de Bolonha; monta a cavallo depressa, e corre a prevenil-a. (*Sahe o criado*).

LINDORO.

(*Sahindo definitivamente de seu escondrijo.*) Isto é de mais. . . succeda o que succeder. . . é muito humilhante para um dançarino do Theatro Francez, occultar-se assim diante da criadagem. Minha querida, ou se tem um mestre de dança, ou se não tem.

CLARA.

Não se zangue, Sr. Lindoro, isto não ha de durar sempre; espero em breve não precisar mais esconder-me para tomar as minhas lições.

LINDORO.

(*Com malicia.*) Oh ! sim... nós nos havemos de esconder sempre...

CLARA.

(*Com altivez.*) Sr. Lindoro !...

LINDORO.

Clarinha, vamos conversar um pouco. Vóssê é a criada mais bonita de actriz, que tem entrado nos bastidores do Theatro Francez. Com esse vestidinho simples e modesto deu-me a perceber um grande genio ! e para as nossas mais bellas nymphas ficarem a perder de vista, basta que vóssê ponha um pouco de vermelhão, vista uma calça de meia, uma saia vaporosa... e depois com um pouco de habilidade...

CLARA.

Habilidade, espero-a do senhor.

LINDORO.

Sim, minha filha, Vmc. por ora só é uma nympha imperfeita... eu lhe darei as azas, minha Terpsicore ! Basta uma palavra sua, e verá que esta noite á sahida do espectaculo eu, seu Apollo, roubo-a, e levo-a para o meu Olympo, um vistoso quarto sobrado, no becco de Bussy n. 7.

CLARA.

(*Suspirando, diz comsigo*). Ah ! é muito alto !

LINDORO.

Heim ? tem medo do meu amor ?

CLARA.

Não é do seu amor que tenho medo... é do quarto sobrado !... Escute, Sr. Lindoro, Vmc. não é feio, pelo contrario, agrada-me... porém não é com um quarto sobrado que eu sonho, nem com o becco Bussy... Sonho com um palacio, um salão dourado... um gabinete côr de rosa e branco, em fim, sonho que embaixadores, financeiros, principes e marquezes, estão aos meus pés, assim como estão aos pés de minha ama ; com a differença que minha ama, recebe-os todos juntos ; porém eu não gosto da multidão. Quando todos esses figurões lhe offerecem flores e diamantes, ella só aceita as

flores, e elles ficão tristes; eu então, para não os descontentar, aceitaria tudo.

LINDORO.

(*A' parte.*) Peste ! que disposições! (*Alto*) Mas, no seu brilhante palacio, Vmc. se esqueceria de mim... de mim que sou o seu *criador*.

CLARA.

Não sei.

LINDORO.

(*Com sentimento.*) Clara, Vmc. tornava-se ingrata!

CLARA.

(*Com dôr.*) Parece-me que sim !

LINDORO.

Ah !

CLARA.

Escute, Sr. Lindoro, o amor é bonitinho, mas a fortuna é muito bella ! Oh ! se eu estivesse no lugar de minha ama, que só recebe os seus ordenados, já tinha um milhão; não sei como, mas sei que já o havia de ter.

LINDORO.

E depois ?

CLARA.

E depois, havia procurar ter dous.

LINDORO.

E depois?

CLARA.

E depois, havia de querer tres.

LINDORO.

E depois, sempre para diante do mesmo modo?

CLARA.

Sempre para diante do mesmo modo !

LINDORO.

(*A' parte, mettendo a rabeca na caixa.*) Que pessima natureza ! È pena, porque tem uma cara linda !

CLARA.

Ah ! Sr. Lindoro, se ao menos Vmc. fosse um millionario inglez, ou um principe russo...

LINDORO.

Como não conheço meu pai, nem a terra em que nasci, talvez seja russo ou inglez.

CLARA.

Sim, mas infelizmente não é millionario, nem principe !

LINDORO.

Parece-me que não.

CLARA.

E todas as noites sonho, que sou roubada n'uma bella carruagem, por um grande fidalgo que me leva não sei para onde, mas de certo que não é para um quarto sobrado, nem para o becco Bussy.

LINDORO.

(*A' parte.*) Tanto espirito... tanta belleza, e tão máo coração ! È uma especuladora que fará fortuna... se a deixo escapar, não a torno a apanhar.

JOSÉ.

(*Entrando.*) Sra. Clara, está ahi uma moça ; diz que vem da parte de nossa ama.

CLARA.

Que entre. (*A Lindoro*) e o Senhor va-se embora depressa.

LINDORO.

Então até á noite, no theatro ; Vmc. vai vestir sua ama, não é assim ?

CLARA.

Sem duvida. . . só se. . .

LINDORO.

O que ?

CLARA.

Só se sonhar acordada (*Empurra-o pela esquerda. — Rosa Michon apparece no fundo*).

SCENA 2.ª

CLARA e ROSA.

ROSA.

(*Entrando com cuidado, e olhando para o chão.*) Como é bonito! Póde-se andar por cima d'isto?

CLARA.

Póde, póde, não tenha medo. (*Comsigo*) Hei de tel-os melhores! (*relativo ao tapete*). — (*Alto, com ar protector*) Que pretende, pequena!

ROSA.

(*Rindo á parte, e olhando Clara.*) Pequena! (*Alto*) Não é Vmc. a criada da casa?

CLARA.

Sim; e então?

ROSA.

(*Com affectação*) Então pequena. . . ainda agora atropelei-me adiante d'uma bella cavalgada nos campos Elysios; digo adiante, por dizer, mas por baixo é que eu estava.

CLARA.

Oh! meu Deos!

ROSA.

Mas não me succedeu mal algum; as bellas cavalleiras, e os elegantes moços que as acompanhavão, erão bem destros, e os cavallos tambem! Parárão, e alguns se apeárão; uma das damas que parecia a rainha de todas, tomou-me de parte, e depois de se certificar que eu não tinha nada quebrado, queria metter-me na algibeira a sua bolsa; eu não quiz aceitar.

CLARA.

D'onde sahio Vmc.?

ROSA.

Da loja do Sr. Michon, meu marido, sapateiro de senhoras, morador na rua dos Açougues, que fica perto d'aqui.

CLARA.

Mas, finalmente, minha ama deu-lhe a sua freguezia?

ROSA.

E que teria isso que admirar? Meu marido é um bom sapateiro, trabalha com solidez, e um par de sapatos feitos por elle, durão seis mezes.

CLARA.

Minha ama gasta um par por dia.

ROSA.

Então ella caminha sobre navalhas?!... Porém, isso não tem dúvida, meu marido tambem póde fazer sapatos que durem uma hora, com tanto que sua ama lhes ponha o preço... e demais, seja o que for; quando eu lhe disse o meu nome, ella continuou a abraçar-me, e pedio-me que a viesse esperar em sua casa, rua da Comedia n. 15. É aqui, não é, que mora a Sra. Olympia, actriz do Theatro Francez?

CLARA.

E'.

ROSA.

Então aqui estou. Vmc. dá licença que me sente um bocado? (*Ouve-se bulha no fundo.*)

CLARA.

(*Olhando.*) Minha pequena, Vmc. não póde esperar aqui; chegão visitas para a senhora, e se dirigem para esta sala.

ROSA.

(*Olhando tambem.*) Oh! que bellos senhores! como estão bem vestidos, e bem calçados!... Ah! meu marido trabalha com solidez, mas não tão bem! Que vem elles cá fazer?

CLARA.

A côrte a minha ama.

ROSA.

Todos?

CLARA.

Todos.

ROSA.

(*Rindo.*) Que sucia!

CLARA.

Vá, vá, quando vier a senhora, eu a chamarei.

ROSA.

Muito obrigada. (*A' parte, sahindo.*) Com effeito, tantos namorados! dá vontade de rir!.. eu nunca tive senão um... foi meu marido; mas esse foi a valer! (*Sahe pela esquerda, os outros apparecem no fundo.*)

SCENA 3.ª

CLARA, CARLOS DE RUDENTZ, BORILOFF, DE BRIONNE, DE FLASSAN. (*Entrão todos conversando, Boriloff e Carlos vem juntos; Carlos vai para o pé da chaminé.*)

BORILOFF.

Sr. Conde, assevero-lhe, que V. Ex.ª anda triste... Hontem, no theatro, já lhe percebi essa melancolia... Só quando appareceu a nossa bella actriz, é que seu rosto se animou. Acaso estará namorado? Para isso deve ter a certeza de ser o mais rico de nós todos.

CARLOS.

(*Com uma especie de colera.*) Sr. Barão!..

BORILOFF.

Pois em França não é como na Russia?...

DE FLASSAN.

Não, Sr. Boriloff, estas senhoras tornão-se inaccessiveis... E o que eu estava dizendo ao Sr. De Brionne: Olympia resistio á chuva de ouro do Sr. de Montbarrey... O ex-ministro foi menos feliz do que Jupiter, ou a nossa Olympia mais virtuosa que Danae. (*Carlos deixa o grupo e falla com Clara.*)

CLARA.

(*A meia voz.*) Minha ama não tarda a chegar.

BORILOFF.

E para domar essa virtude selvagem, os senhores não teem o forte do Bispo?

DE FLASSAN.

Como vai longe o Sr. Barão... não estamos em Moscow. (*Vai sentar-se defronte da chaminé.*)

DE BRIONNE.

(*Sentado á direita.*) É verdade que o Sr. de Vergennes deixa os negocios estrangeiros?

BORILOFF.

Sim, senhores, e é o Conde de Montmorin que o substitue. (*Rindo.*) É admiravel, que seja eu, um russo, que lhes diga as noticias do seu paiz!

DE BRIONNE.

É cousa de tão pouco interesse... E o que me dizem da chegada dos Notaveis a Versailles?

BORILOFF.

Cuidado com elles, meus senhores... se lhes derem azo, mataráõ os privilegios.

DE FLASSAN.

(*Com ironia.*) Pois sim!...

DE BRIONNE.

Ora essa! não pedem elles a igualdade dos direitos nacionaes?

DE FLASSAN.

É para morrer de riso! (*Riem*)

BORILOFF.

(*Rindo tambem.*) Rião, rião, meus senhores... estão em terra sua. (*Voltando-se.*) Quem é este homem? Que procura?

DE BRIONNE.

Talvez seja um Notavel. (*Todos riem.*)

SCENA 4.

Os mesmos, ST.-PHAR.

ST.-PHAR.

(*Vendo Clara que sahe da porta da direita, e que se dirige ao fundo.*) O' Sra. Clara, Olympia já veio?

CLARA.

Inda não. (*Sobe*).

TODOS.

Olympia!

DE FLASSAN.

(*Levantando-se.*) O senhor é o pai, ou o tio da nossa Melpomene?

ST.-PHAR.

(*Cortejando.*) Pouco mais ou menos, senhor.

CARLOS.

(*Tomando a mão de St.-Phar.*) Bom dia, St.-Phar.

DE BRIONNE.

(*Levantando-se.*) Ora, senhores, é o bom homem St.-Phar, o lacaio de comedia, o ultimo herdeiro dos *Peixes*. Bom dia, bom dia, St.-Phar... não o tinhamos conhecido.

ST.-PHAR.

Vestido assim?.. Ora, na scena parecêmos outros.

DE BRIONNE.

Hontem estivemos no theatro e applaudimos como furiosos....

ST.-PHAR.

Ah! gostárão? (*Com orgulho.*) Esteve bom?

DE BRIONNE.

(*Sorrindo.*) Delicioso, Sr. St.-Phar... Sobre tudo nas *travessuras*.

ST.-PHAR.

Nas *travessuras*? Quem? Olympia?

DE BRIONNE.

Ah! perdão! julguei que me fallava...

ST.-PHAR.

D'ella.... da minha discipula... porque Olympia é minha discipula. Cá de mim ninguem se occupa; sou apenas um contra-scena, substituo algum collega quando elle está aborrecido, ou cançado... preparo as entradas da célebre actriz... e isto serve para alguma cousa: tanto que uma vez ella tardava, e eu entretinha a scena repetindo as minhas phrases; mas custou-me caro... o publico julgando que era

falta de memoria pateou-me, porém Olympia sahio a tempo e foi applaudida. (*Riem.*)

DE BRIONNE.

Que bom homem! (*Passa á esquerda, perto de Boriloff, e de De Flassan.*)

ST -PHAR.

(*Dirigindo-se a elles.*) Mas d'aqui a pouco, não lhe poderei fazer estes pequenos serviços. . . vou ficando velho. . . temos outros jovens que me impurrão para a retaguarda. . . e só me restará uma pequena pensão para ir durando; e o direito de entrar no theatro onde ella representa, e collocar-me n'um canto, para vêl-a e ouvil-a. . . para chorar á minha vontade quando a cobrem d'applausos e de flores. (*Chora e ri ao mesmo tempo.*) Perdão, meus senhores. . . porém, isto é mais forte do que eu! . . É célebre! quando represento e que preciso chorar, não posso. . . mas, quando minha filha está na scena, estou sempre a chorar! . . mesmo quando deveria rir! (*Todos riem.*) (*Elle rindo tambem.*) É verdade. Não achão esquesito? . . Os velhos todos tem a sua mania; a minha é adorar Olympia!

BORILOFF.

(*A' boca da scena á esquerda.*) O Sr. é parente d'Olympia . . . . em que gráo?

ST.-PHAR.

Em que gráo? . . . A cincoenta, meu senhor. (*Pondo a mão no coração.*) Ao menos aqui. Meu Deos! eu sou unicamente um pobre homem que achou um thesouro, mas que lh'o podem tirar, sem mesmo elle exigir uma recompensa razoavel. (*Limpa uma lagrima.*)

DE BRIONNE.

(*Com interesse.*) Conte-nos isso, Sr. St.-Phar, acredite que tudo que respeita á nossa grande artista, nos interessa summamente!

ST.-PHAR.

Devéras? Oh! com todo o gosto! . . . desejo tanto fallar n'ella! . . Tenho contado esta historia a todo o mundo. . . e quasi sempre á noite. . . Quando estou na caixa do theatro, faço um buraco no panno, seja com o que fôr, inda que novo,

não importa. . . Depois agarro alguem, o avisador, o contra-regra, outro qualquer, e digo-lhe apontando para a minha Olympia, que está representando: « Vmc. vê aquelle anjo? Ha dez annos, não tinha mais que dezaseis, e já arrastava a sua vida debaixo da chuva e da neve; ainda me lembra da noite em que encontrei a pobre abandonada! . . fazia um frio de gelar. . . e ella hia caminhando a tiritar, com a cabeça descoberta, seus longos cabellos negros cheios de geada, e a guitarra ás costas. Cantarolava sua ultima canção, que se lhe gelava nos beiços. De quando em quando, parava ao pé das lojas para observar, através dos vidros, o bom fogo com que se aquecião as outras moças da sua idade. . . Era na noite de Natal, bem me lembra! . . . e ella não sabia se no dia seguinte teria um bocado de pão para comer. . . Fui seguindo-a. . . n'aquella noite eu só entrava na farça, mas assim mesmo tardei, e fui multado em dez escudos. . . Tornêmos á pequena: ella hia chorando baixinho, porque a tinhão mandado embora do botequim Procope, sem a deixarem acabar a sua canção; cheguei-me a ella, disse-lhe que me seguisse; teve medo ao principio, mas como a fome é negra, e a neve cahia cada vez mais, e conhecendo talvez em mim algum indicio de boa fé, cedeu: uma hora depois ella fazia a sua entrada comigo no Theatro Francez, e desde então a minha Olympia, comeu todos os dias, e não teve mais frio. (*Enxuga uma lagrima; Boriloff vai friamente a elle, aperta-lhe a mão, e passa á direita.*)

CARLOS.

Sr. St.-Phar, Vmc. fez uma boa acção!

DE BRIONNE E DE FLASSAN

(*A' direita de St.-Phar.*) Sim, senhor, uma boa acção!

ST.-PHAR.

Louvado Deos, estou bem recompensado, pois que a minha engeitadinha tornou-se uma grande actriz! . . É verdade que lhe custou muito. . . a pequena era bonita, mas era honesta, e levou tempo para chegar ao que está hoje! . . A minha protecção servia-lhe de pouco. . . e por mais que eu gritasse: « ella tem genio! . . ella tem talento! . . » era em vão, porque não fazião caso do seu vestidinho remendado, e deixavão-a para um canto. . . só lhe davão recadinhos que

as outras não querião fazer. Isto durou dez annos, e teria durado sempre, se no anno passado não adoecesse Mademoiselle Sainval, mesmo no dia da representação. O theatro estava cheio, e os emprezarios não gostão muito de restituir o dinheiro; era um domingo, estava annunciado o *Horacio*, e faltava Camilla! eu comecei a gritar: « a pequena sabe o papel... a pequena sabe o papel... ella está prompta!.. » Ainda hesitavão, mas quando virão Olympia tão bella, com seu vestuario de *Camilla*, animárão-se e propuzerão ao publico a substituição da dama; este ao principio resmungou; mas como felizmente chovia aquella noite, ninguem quiz ir para casa. Eu abraço Olympia, e depois que me retribue, atiro-a para a scena... Ella tremia como varas verdes, julguei que desmaiava... porém sua belleza tinha produzido effeito. Inda não tinha fallado, já havia ganho a sympathia do publico... é animada... applaudida,.. torna-se sublime!... e quando entrou triumphante para dentro dos bastidores, tropessou n'uma cousa que estava estirada no chão... essa cousa era eu, que tinha desmaiado de prazer!... (*Boriloff que se acha ao pé d'elle, bate-lhe no hombro, e aperta-lhe de novo a mão, sempre friamente*).

DE BRIONNE.

É ao senhor que ella deve tudo.

ST.-PHAR.

Oh! ella tem sido grata! Por exemplo, d'aqui a alguns dias vou fazer o meu beneficio; por isso venho pedir a minha filha, de lhe ajuntar, representando, cinco mil libras aos vinte francos, que eu ganharia se ella não representasse.

DE BRIONNE.

Oh! não tenha duvida, que a Sra. Olympia não se recusará

ST.-PHAR.

(*Com confiança.*) Não tenho duvida, não, senhor.

CARLOS.

(*Com emoção.*) Ah!.. (*A meia voz.*) Ella ama muito o theatro, não é assim?

ST.-PHAR.

É a sua vida... não o deixará por cousa alguma do mundo.

CARLOS.

Por cousa alguma do mundo?

CLARA.

(*Entrando com um maço de cartas.*) Senhores, chegou a senhora... entrou a cavallo no pateo.

TODOS.

Vamos ver. (*Lanção-se para a janella.*)

BORILOFF.

Sim, senhores, é ella!... como está linda d'amazona!.. (*Batendo palmas.*) Bravo, Olympia! Bravo!

TODOS.

(*O mesmo.*) Bravo!

ST.-PHAR.

(*A' parte, á boca da scena á direita.*) Agora muitas palmas; mas quando a pobre só tinha a sua guitarra, nenhum d'estes senhores lhe dava uma esmola.

DE BRIONNE.

(*A' entrada do fundo.*) Ei-la! ei-la! (*Todos fazem fileira; Olympia apparece no fundo vestida d'amazona.*)

SCENA 5.ª

Os mesmos, OLYMPIA.

OLYMPIA.

Bom dia, meus senhores! V. Excellencias estavão á minha espera... fizerão muito mal, pois que não tenho tempo se quer d'olhar para os senhores... S. M. honra esta noite o theatro com sua presença; mandou que se representasse *Andromaca*, e eu preciso recordar o meu papel de *Hermione*.... por isso puz o meu cavallo a galope; e vejo-me na necessidade de os despedir.

CLARA.

(*Perto da chaminé, diante d'Olympia, entregando-lhe as cartas.*) Minha senhora, cartas importantes, das quaes esperão resposta.

BORILOFF.

(*Avançando.*) Assim nos despede, cruel!

OLYMPIA.

(*Rindo.*) Se eu sou cruel, Sr. Barão, V. Ex.ª é um barbaro; não temos de que nos queixar um do outro. (*Todos riem*).

DE BRIONNE.

Temos muito que lhe dizer, minha senhora.

OLYMPIA.

Pois então, Sr. de Brionne, faça uma nota e entregue-m'a esta noite, n'um dos intervallos. (*A Clara.*) Prepara o meu vestuario, ouviste?

CLARA.

Sim, minha senhora.

CARLOS.

(*Aproximando-se d'Olympia.*) Senhora, preciso muito fallar-lhe.

OLYMPIA.

(*Lendo sempre.*) Para V. Ex.ª, caro Conde, inda é mais difficil que para outro qualquer. (*Com gracioso sorriso.*) Pois esculalo-hia por muito tempo.

CARLOS.

(*Com expressão d'ironia.*) Deseja antes que eu escreva?

OLYMPIA.

(*Indicando Clara, que está baixa ao pé da chaminé, lançando no fogo todas as cartas que ella rasga.*) Veja como eu respondo; acha que é lisongeiro?

CARLOS.

(*Baixo.*) Permitte-me que eu espere na outra sala? apresentar-me-hei quando me chamar.

OLYMPIA.

(*Rindo.*) E se eu me esquecer?

CARLOS.

(*Baixo.*) A senhora despedaça-me o coração.

OLYMPIA.

(*Que acaba de percorrer uma carta, diz á parte.*) È d'elle!

CARLOS.

(*Com ciume.*) D'elle! (*Quer arrancar-lh'a.*)

OLYMPIA.

(*Severamente.*) Sr. Conde!...

CARLOS.

Perdão!

OLYMPIA.

(*Com bondade.*) É d'um amigo.... ciumento!

CARLOS.

Agradecido! Porém seja boa de todo!

OLYMPIA.

Pois bem; então espere. (*Carlos inclina-se, e sobe á scena; Boriloff desce á esquerda; depois, como assaltado por uma grande esperança, sobe para Olympia que está perto da chaminé.*)

BORILOFF.

(*Com paixão.*) Divina Olympia! pensou bem no meu amor? pensou bem nos dez mil servos que posso depor a seus pés? e que lhe offereço?

OLYMPIA.

Meu Deos! Sr. Barão, que hei de fazer do seu amor, e dos seus dez mil servos!.. Guarde tudo isso para a Sra. Baroneza. Dizem-me que é formosa; por tanto, V. Ex.ª não dá prova de bom gosto com essa deslealdade!

BORILOFF.

(*Friamente.*) Bem... bem. Esperarei.

OLYMPIA.

Clara, não veio uma moça procurar-me?

CLARA.

Uma sapateira? Sim, minha senhora, está na outra sala.

OLYMPIA.

Bem, vai chamal-a. (*Percebendo St.-Phar que está sentado*

á direita com a cabeça baixa, e como esperando.) Ah! é Vmc. meu querido pai? ha muito tempo que está ahi?

ST.-PHAR.

(*Indo a ella.*) Certamente.

OLYMPIA.

Não o tinha visto... nunca faz bulha....

ST.-PHAR.

Com tanto que tu a faças...

OLYMPIA.

Não me abraça?

ST.-PHAR.

Pois não, minha filha! (*Olha para todos com orgulho, depois de a ter abraçado.*) Isto é só para mim... só para mim! (*Todos riem.*)

OLYMPIA.

Tem alguma cousa a dizer-me?

ST.-PHAR.

Sim, mas voltarei depois.

OLYMPIA.

De que se trata?

ST.-PHAR.

Tenho um favor que pedir-te.

OLYMPIA.

Oh! então não saia, fique.

ST.-PHAR.

Querida filha!

OLYMPIA.

Dou-lhe o numero tres. (*A Carlos.*) Sr. Conde, V. Ex.ª tem o numero dois. (*A Clara.*) Previne o numero um. (*Clara sahe pela esquerda, Carlos passa á direita e sahe*).

(*Aos outros.*) Meus senhores, eu não os detenho, pelo contrario despeço-os a todos, para não dar preferencia a nenhum. (*Baixo ao Conde.*) Volte depois.

CARLOS.

(*Baixo.*) Obrigado!... (*Beija-lhe a mão.*)

BORILOFF.

(*A' parte.*) Ella conserva-se renitente, mas não se resiste por muito tempo a um Boriloff. (*Todos cortejão Olympia, e sahem pelo fundo.*)

OLYMPIA.

(*A St.-Phar*) Espere-me alli... (*Rindo, designa a direita*) e vá recordando o meu papel. (*Entra Clara com Rosa.*)

CLARA.

(*Annunciando comicamente.*) A Sra. Rosa Michon! (*Olympia com um gesto manda embora Clara.*)

SCENA 6.ª

OLYMPIA e ROSA. (*Olympia estende a mão a Rosa, que confusa se aproxima d'ella.*)

ROSA.

A senhora... disse-me que viesse... é para... para... fazer sapatos? (*Olympia sorri; enxuga uma lagrima; e depois, como attrahida, toma a cabeça de Rosa e a beija na testa*).

(*Admirada, com um pequeno grito.*) Ah!... (*A' parte*) parece-me que não é para sapatos...

OLYMPIA.

Rosa, procurei-te muito tempo!

ROSA.

Procurou-me?... a mim?

OLYMPIA.

Sim... (*Com dôr*) e tambem a nossa pobre mãi!

ROSA.

Nossa mãi! Que está dizendo, senhora?...

OLYMPIA.

Digo-te que es minha irmã, mas que me não conheces.

ROSA.

(*Muito commovida*) Oh! meu Deos!... ora essa!... e a senhora diz-me isso assim... sem me prevenir!... Apre! que golpe!... A senhora, minha irmã!... ora!... ora!... Meu Deos!

OLYMPIA.

Então abraça-me! (*Rosa abraça-a com hesitação.*)

ROSA.

Com muito gosto .. porém... eu não entendo isto!

OLYMPIA.

Tu lembras-te de nossa mãi, não é assim?

ROSA.

Se me lembro!.. Eis o seu retrato que trago sempre comigo! (*Tira uma medalha. Olympia a toma e leva-a aos labios.*) (*Attrahida.*) Essas lagrimas... esses beijos!.. (*Abracando-a.*) Oh! Sim, tu és minha irmã... tua mãi era a minha!... (*Olympia desfeita em lagrimas, vai sentar-se no canapé.*) (*Depois d'um instante.*) Porém... como... (*Senta-se na cadeira que está ao pé do canapé.*)

OLYMPIA.

É bem triste, e bem simples a minha historia!... Nossa mãi foi seduzida e abandonada!.. quasi que hia morrendo dando-me á luz... fui entregue aos cuidados d'uma estranha... nossa mãi tinha entrado n'um hospicio de caridade... quando sahio estava tão pobre, que nem pensava em me tomar.... mais tarde, e graças ao seu trabalho, que ao menos lhe dava um bocado de pão para sua filha, foi reclamar-me, porém não me achou, porque tinha sido roubada!

ROSA.

Roubada!

OLYMPIA.

Por uma mendiga que me batia quando eu lhe não levava esmola. Tinha doze annos; sentindo-me forte e animosa, fugi.... vivia das minhas canções... mas vivia mal.... Semelhante a nossa mãi, eu senti todas as dôres, todas as angustias da miseria.... iria cahir talvez á porta d'algum hospicio.... quando um bom homem me recolheu e me adoptou; por alguns

indicios que lhe dei, elle procurou a minha familia, e encontrando a mulher estranha, a quem eu fui primeiramente confiada, e da qual me recordava o nome, soube por ella que minha mãi se tinha casado, que tivera outra filha, e que depois morrêra... (*Apertando-lhe as mãos.*) Eu tinha uma irmã!... uma irmã!.. Somente hontem é que soube que tu eras a mulher do Sr. Michon, e que habitavas Paris... Queria escrever-te, queria que viesses á minha casa, ou eu á tua... quando o acaso te conduzio ao meu caminho, e me permittio abraçar-te mais cedo... eis ahi tudo... Não é, como te dizia, bem triste e bem simples esta historia?

ROSA.

Oh! Sim... bem triste!

OLYMPIA.

Ao menos tu cuidaste em nossa pobre mãe!.. Eu teria sido bem feliz, em cercar sua velhice com um pouco de bem estar!.. A primeira vez que recebi uma porção de ouro, eu disse comigo: « se minha mãi fosse viva, podia ella agora esquecer sua miseria!.. » O dia em que me foi revelado que eu tinha talento, e que, embriagada do meu primeiro triumpho, me achava só no meu quarto, eu dizia comigo: « se minha mãi estivesse aqui, como ella participaria da minha felicidade!.. » Todas as noites, quando a multidão se apressa para me ver e applaudir.... meus olhos procurão alguem que me seguiria com os seus.... alguem, que me applaudiria do coração... minha mãi!.. minha querida mãi!...

SCENA 7.ª

AS MESMAS, CLARA. (*Com dous cofres de joias.*)

CLARA.

Perdão, minha senhora! (*Rosa disfarça sua emoção, desce á boca da scena, á esquerda.*)

OLYMPIA.

Que queres? eu não chamei.

CLARA.

O seu ourives, que já aqui esteve, voltou agora, e traz os diamantes que concertou.

OLYMPIA.

Muito bem. Põe o cofre sobre o consolo, e deixa-nos; não appareças mais.

CLARA.

(*A' parte.*) Como hei de ser insolente quando tiver criados!.. Não esqueçamos o que me recommendou o Sr. de Boriloff; este pobre principe russo, perderá seus suspiros e seus diamantes... (*Olhando para um cofre que depõe sobre um velador á direita; e suspirando.*) Podia emprega-los tão bem... (*Sahe pela direita.*)

SCENA 8.ª

ROSA, e OLYMPIA.

ROSA.

(*Olhando de longe o cofre que está sobre o consolo.*) Diamantes... nunca os vi senão de longe... e pela rua dos Açougues não passão muitos.

OLYMPIA.

Pois vê, minha irmã, vê.

ROSA.

Como é bonito!.. e como deve custar caro!

OLYMPIA.

(*Sorrindo.*) A mim não me custárão nada.

ROSA.

(*Fechando o cofre.*) Nada! Bem dizia eu então... custárão caros!..

OLYMPIA.

(*Depois d'algum silencio.*) Rosa, dá-me esse cofre. (*Abrindo-o.*) Ves este bracelete? foi-me dado pela senhora de Narbonne; estes brincos, pela senhora de Polignac; esta cruz, pela Princesa de

Lamballe; e este collar, a minha joia mais preciosa, por S. M. a Rainha; vê bem, minha irmã, que não ha nada mais no cofre.

ROSA.

Oh! perdão, por haver tido um máo pensamento! (*Pondo o cofre sobre o velador, apercebe o outro que deixou Clara.*) Aqui está outro cofre.

OLYMPIA.

(*Levantando-se, e passando á esquerda.*) Outro?... esse não é meu; foi engano do ourives.

ROSA.

É preciso verifical-o. (*Traz o cofre a Olympia.*)

OLYMPIA.

(*Abre o cofre, e tira um bilhete que lê.*) « A' mulher que eu amo.... Boriloff. »

ROSA.

(*Admirada.*) Boriloff!

OLYMPIA.

(*A' parte.*) Bem... elle manda-me o rendimento de seus dez mil servos.... (*Alto.*) Rosa, este cofre não é para mim, e eu vou envial-o ao seu verdadeiro destino. (*Colloca-se á mesa e escreve.*) Chama.

ROSA.

A quem?

OLYMPIA.

Toca a campainha.

ROSA.

Ah! Sim. (*Vai ao velador, e toca com força. Apparece um criado*).

OLYMPIA.

(*Ao criado*) José, leva tu mesmo esta carta ao palacio da Sra. Baroneza de Boriloff. (*Da-lhe o cofre e um bilhete.*) Não digas d'onde vais. (*O criado sahe.*)

ROSA.

(*Rindo*) A senhora Boriloff vai ficar agradavelmente surprendida.

OLYMPIA.

Agora fallemos de ti : és feliz? Teu marido ama-te ?

ROSA.

Com toda a força !

OLYMPIA.

Estás contente com a tua sorte ?

ROSA.

Como não sou ambiciosa, estou. Eu não tinha dote algum, mas o Sr. Michon assim mesmo ficou satisfeito comigo. . . eu trabalho, economiso. . . obra não nos falta, e no fim do anno não devemos nada a ninguem.

OLYMPIA.

Mas isso não é bastante. Deves emprehender grandes negocios... ter um bello armazem... e se quizeres...

ROSA.

O que ?

OLYMPIA.

Eu sou rica, e...

ROSA.

(*Confusa.*) Obrigada... tu és muito boa... mas eu não preciso de nada... de nada.

OLYMPIA.

Recusas? Teu marido será mais razoavel ; dize-lhe que me venha fallar, e...

ROSA.

(*Ainda mais confusa.*) Meu marido ?... oh ! eu te digo . . . elle está sempre muito occupado . . . e depois. . . é um tanto urso. . . brutal. . . afferrado aos seus principios. . . poderia suppor cousas, que eu não acredito. . . Quando elle está calçado com uma idéa, é teimoso como que !

OLYMPIA.

(*Amargamente.*) Comprehendo. . . o senhor Michon tem seus preconceitos, não é assim ?

ROSA.

Talvez seja em consequencia do seu officio ! (*Olympia dá*

uma gargalhada, enxuga uma lagrima, e passa á direita.) Ficas zangada comigo?

OLYMPIA.

(*Socegando*) Comtigo? não, minha filha. . . De mais, talvez teu marido tenha razão. . . filha natural e actriz. . . poderia comprometter-te. (*Abraçando-a.*) Está bem, não fallemos mais n'isto. O que eu quero é que venhas ver-me, ainda que seja ás escondidas. . . Tu virás não é assim? A tua presença será a minha consolação!

ROSA.

Oh! com todo o prazer, minha irmã. . . virei ás terças-feiras, trazendo obra. . .

OLYMPIA.

(*Com esforço*) Sim, procurarás qualquer pretexto. . .

ROSA.

(*Com ternura.*) Olympia! . . .

OLYMPIA.

Nada. . . nada. . . está acabado. . . demorei-te já bastante tempo. . . não quero que teu marido te ralhe. Dá-me um abraço, e vai-te embora. . . adeos. . . adeos!

ROSA.

Até sempre, minha boa Olympia. . . voltarei breve, e muitas vezes. (*Abraça-a de novo, e sahe*).

SCENA 9.ª

OLYMPIA e CLARA.

OLYMPIA.

(*Com dolorosa colera.*) De que serve sermos grandes actrizes. . . o idolo da côrte e do publico? . . . de que serve sermos honestas, se o primeiro rico que se nos apresenta, nos trata como perdidas, e o pobre operario nos repelle do lugar de irmãs! . . . Oh! mundo! . . . mundo! . . . depois que lutamos contra a miseria, devemos ainda lutar contra a allucinação da riqueza e do luxo... e finalmente, contra o nosso proprio coração!... e tu não

acreditas na sinceridade da luta !... tu nos condemnas quando combatemos, e depois que somos vencedoras, ainda nos desprezas !...

CLARA.

(*Entrando pelo fundo.*) O Sr. Conde de Rudentz, póde entrar ?

OLYMPIA.

Sim, que entre. (*Clara sahe.*) Oh ! o desprezo d'este matar-me-hia !

SCENA 10.

CARLOS e OLYMPIA.

OLYMPIA.

Queira perdoar-me, Sr. Conde, de o fazer esperar tanto tempo, para lhe dar tão curta audiencia. Represento esta noite. . . preciso concentrar-me e recordar o meu papel. . . emfim, preciso estar só.

CARLOS.

A senhora parece-me muito agitada. . . muito commovida !

OLYMPIA.

Não se engana, Sr Conde, estou preoccupada com a representação d'esta noite. . . eis a razão. Ouçamos o que tem a dizer-me. . . . porém com alguma brevidade. (*Carlos olha para ella em silencio.*) V. Ex.ª hoje, parece-me mais grave que de costume. . . está quasi solemne !

CARLOS.

Olympia, rogo-lhe que não graceje. . . Até hoje, só lhe tenho fallado do meu amor. . . do futuro. . . e nunca do passado.

OLYMPIA.

Do meu ?

CARLOS.

Não. . . o seu passado eu o conheço.

OLYMPIA.

E então ?

CARLOS.

Eu amo-a!

OLYMPIA.

(*Dando-lhe a mão.*) Sr. Conde, V. Ex.ª é generoso!

CARLOS.

Só sei dizer o que penso, Olympia. . . confesso que a minha natureza é um tanto selvagem. . . era visto mais vezes com a espingarda ao hombro nas florestas e nas montanhas, do que com a espada ao lado, nos saráos e nos theatros. O Marquez Emilio de Rudentz, meu primo, era o encarregado de fazer brilhar no mundo o nome de nossa familia! . . . Agora mesmo, elle combate na America, ao lado do Sr. de Lafayette. . . Em quanto a mim, procurei sempre a solidão e a obscuridade. . . e encontrei a ventura no centro da minha velha Bretanha, no castello de meus avós, ao pé de minha nobre e santa mãi, a Condessa de Rudentz. Fui obrigado a vir a Paris. . . . eu a vi, Olympia. . . a minha vida mudou! . . só tinha no coração um desejo. . . uma esperança. . . o de ser amado pela senhora! . . embriaguei-me com o seu olhar. . . com as suas palavras. . . soberbo de seus triumphos. . . ditoso com a sua felicidade. . . triste com os seus pezares, eu vivia da sua vida! e mal supportava as horas que passava ausente. . . Olympia, duvída do que lhe digo?

OLYMPIA.

Não, Sr. Conde. As homenagens que me rendem, humilhão-me e ferem-me. . . . mas o seu amor torna-me feliz e orgulhosa! . . esse amor nasceu da estima, não tem um fim. . . . por isso é sem esperança.

CARLOS.

Escute-me, senhora. . . Ha tres seculos que os Rudentz tem consagrado suas vidas á gloria de sua patria, e muitos morrêrão por ella. . . Os Rudentz contão na historia de sua familia uniões de princezas, e amizades reaes. (*Inclinando-se diante d'Olympia.*) Senhora, o Conde de Rudentz depõe a seus pés sua fortuna e seu nome.

OLYMPIA.

Que diz, senhor? . .

CARLOS.

Pergunto-lhe, Olympia, se quer ser minha esposa?

OLYMPIA.

Sua esposa? . . . loucura!

CARLOS.

Loucura? por que?

OLYMPIA.

Porque! . . . . . V. Ex.ª bem sabe que eu não sou mais do que uma filha illegitima. . . . . uma actriz. . .

CARLOS.

Que me importa, se a amo? . .

OLYMPIA.

Sim, V. Ex.ª ama-me; e com effeito não é possivel dar-me uma prova mais real. . . . Pois bem, eu tambem o amo, Carlos. . . e tambem eu quero dar-lhe uma prova. (*Movimento de Carlos.*) Recuso a honra que me offerece, Sr. Conde. . . recuso o sacrificio que me faz. . . Que diria o mundo? . . que diria sua mãi? . . . . Não. . . não, Olympia a actriz, não póde ser sua amante, mas tambem não póde ser sua mulher. (*Aproxima-se do canapé.*)

CARLOS.

Olympia, muitos outros, primeiro do que eu, lhe terão dito sem duvida o que eu acabo de dizer; chegada a occasião talvez o não cumprissem. . . . porém eu. . . oh! eu o cumprirei! . . . Para chegar aos fins a que o meu coração se propoz, posso tudo sacrificar, Olympia, até a minha vida! . . . e o dia em que for obrigado a renunciar á minha mais cara esperança. . . esse dia será o ultimo da minha existencia! . . eu o juro! Se duvída, escute-me: — Tinha desoito annos; em um momento, talvez de loucura, faltei ao respeito a minha mãi. . . era um facto sem exemplo na historia de nossa familia. . . Só a minha natureza selvagem, poderia impellir-me a commetter este acto sem nome. A Condessa de Rudentz não disse uma só palavra; ordenou que eu fosse habitar a parte opposta do castello, áquella occupada por ella. . . Era uma velha torre edificada sobre uma rocha, e que dava sobre um pequeno rio. . . á margem do qual, a Condessa gostava de ir meditar. Eu já tinha escripto

dez cartas supplicantes a minha mãi, e todas ficárão sem resposta: então n'uma ultima. lhe jurei, que me precipitaria da janella da minha prisão, se ella continuasse a recusar-me o perdão que lhe pedia... Minha mãi despresou esta ameaça, e no dia seguinte, quando passava a cavallo por baixo da torre, achou-me inanimado e banhado em sangue, estendido sobre a relva... (*Olympia cahe sentada.*) Tinha cumprido a minha palavra. Escapei de morrer, mas minha mãi perdoou-me.

OLYMPIA.

Carlos, n'esse tempo era uma criança, porém hoje é um homem.

CARLOS.

Mas o meu coração é o mesmo, Olympia. (*Sorrindo.*) Sou tão selvagem como d'antes. Lembre-se d'esta aventura... se eu alguma vez lhe disser: matar-me-hei se a senhora me não amar.

OLYMPIA.

(*Levanta-se e passa á esquerda*) Vamos, meu amigo... isso é loucura... Eu devo ter juizo por dous.

CARLOS.

Juizo?... oh! sim, bem a entendo... não me ama, como eu a amo! Eu dou-lhe uma corôa de Condessa, e a senhora não tem a coragem de sacrificar-me a sua corôa de artista.

OLYMPIA.

Essas corôas, que um só dia póde emmurchecer, sao-me cáras e preciosas... As minhas noites de triumpho, pagarão-me vinte annos de soffrimentos e miserias!... essas noites eu as teria comprado á custa da minha vida!... Não obstante, eu lhe juro, essas corôas, essa gloria, e esses triumphos eu os sacrificaria sem hesitar; eu os entregaria a Carlos pobre e obscuro, assim como lhe entreguei o meu primeiro, o meu unico amor.

CARLOS.

(*Com transporte.*) Olympia!

OLYMPIA.

Porém ao Conde Rudentz, rico e nobre... que conta em sua familia parentes reaes... e que pode, como seus antepassados, aspirar á união d'uma princesa, a esse eu só lhe levaria

a vergonha d'um nascimento illegitimo. . . a duvida d'um passado desconhecido. . . Seu illustre nome não seria bastante para apagar essa vergonha ; a dúvida estorcer-lhe-hia o coração. . . Então maldiria a sua fraqueza de hoje. . . envergonhar-se-hia de sua mulher. . . e eis o que eu não quero, Carlos. (*Desembaraçando-se dos braços de Carlos.*) Deixe-me a sua estima, a sua amisade. . . Deixe-me a minha coragem!

CARLOS.

Olympia, tu disseste que me amavas? . . tu serás minha mulher! . . Oh! não hesites. . . tu, unicamente tu, alguma cousa sacrificas á nossa felicidade! . . Não deves mais pôr os pés n'esse maldito theatro, que quasi me separava de ti. . . talvez que amanhã ja me não attendas. (*Ella passa á direita.*) Esta noite tudo fica prompto para a nossa partida. . . . Fugiremos juntos, e eu te juro que á força d'amor, de respeito e de ternura, farei com que te esqueças do teu passado, farei com que te esqueças da tua gloria!

OLYMPIA.

(*Attrahida.*) Carlos! . . Carlos! (*Carlos agarra-a com transporte em seus braços ; St.-Phar entre-abre a porta da direita.*)

SCENA 11.ª

CARLOS, OLYMPIA, e ST.-PHAR.

OLYMPIA.

Ah!

CARLOS.

(*A' parte, com colera.*) Alguem. . .

ST.-PHAR.

(*Timidamente.*) Ah! Ainda tem gente! Pode-se entrar?

OLYMPIA.

(*Tranquillisando-se.*) Sim. . . . sim. . . sempre.

ST.-PHAR.

Desculpa-me. . . mas. . . (*Rindo.*) disseste-me que recordasse o teu papel. . . e eu ja o sei. . .

OLYMPIA.

Meu bom amigo, disse que tinha um serviço a pedir-me? . .

ST.-PHAR.

Sim, tenho.

OLYMPIA.

Disponha de mim, diga o que é.

ST.-PHAR.

Minha filha. . . d'aqui a alguns dias. . . dou uma representação em meu beneficio. . . e bem sabes que se não entrares. . . talvez eu não ganhe nem para as despezas. . . Agora os beneficios são quasi todos assim. . . Vinha pedir-te para representares a *Camilla*, bem sabes, o papel do teu debute. . . o teu mais bello triumpho!

OLYMPIA.

Pois sim. . .

CARLOS.

(*A meia vós.*) Olympia! . .

OLYMPIA.

(*Confusa.*) Oh! meu Deos! . . Meu amigo. . .

ST.-PHAR.

Acaso recusarás! . .

OLYMPIA.

Não. . . mas. . .

CARLOS.

(*Vivamente.*) Sr. St.-Phar, Olympia deixa o theatro.

ST.-PHAR.

Heim?. . que é que diz? . . Parece-me que não ouvi bem!

CARLOS.

Digo, que sua filha, dentro em pouco, vai mudar de posição.

ST.-PHAR.

(*Imaginando.*) Mudar de posição! . . Inda não entendo.

CARLOS.

Olympia bem depressa será Condessa.

ST.-PHAR.

(*Indo a elle.*) Condessa! . para que? . . .

OLYMPIÁ.

(*Baixo a St.-Phar.*) Elle me ama, meu pai, offerece-me seu nome e sua mão.

ST.-PHAR.

(*Estupefacto.*) Então isso é outra eousa. . . D'esse modo deixas-nos? . . abandonas esse publico que te adora. . . os teus companheiros que. . . (*Enxuja as lagrimas, e com um esforço de riso diz.*) Ora não acredito. . . estamos representando alguma comedia. (*Olympia abaixa os olhos, e vai sentar-se no canapé.*)

CARLOS.

(*Com alegria.*) Sr. St.-Phar, Vmc. não hade perder; ouvio?

ST.-PHAR.

Não ouço, não senhor.

CARLOS.

A quanto póde subir a receita do seu beneficio ?

ST.-PHAR.

Representando ella, poderia fazer 6 mil libras, sem augmentar os preços !

CARLOS.

Pois bem ; offereço-lhe o dobro.

ST.-PHAR.

(*Que, preocupado, não ouvio.*) O dobro de que ? . . . eu não sei o que o senhor está dizendo.

CARLOS.

Offereço-lhe 12 mil libras pelo seu beneficio, e Olympia não representará !

ST.-PHAR.

(*Muito commovido.*) Doze mil libras !... Mil perdões, senhor Conde, mas nós cá, os comicos, temos tambem a nossa dignidade, e só recebemos do publico. . . elle paga nossas lagrimas e nossos risos, e nós fazemos o possivel para que elle gaste bem o seu dinheiro ; se lhe agradamos, ainda em cima nos dão palmas, e cada um aproveita. Aceitarei com prazer o importe que o operario dá pelo seu bilhete, e isso não me humilhará ; mas as 12 mil libras que V. Exa. me quer dar de mão para mão, não é

um lugar que compra, mas sim uma esmola que me faz. Portanto, não quero, senhor Conde, não aceito.

CARLOS.

Senhor St.-Phar !

ST.-PHAR.

(*Passando á esquerda.*) Vou mudar o espectaculo; darei uma representação magnifica ! . . . Um acto do casamento de Figaro, fazendo Olympia o papel da condessa. . . Horacio. . . com Olympia no papel de Camilla. . . Que heide fazer ? . . . O melhor é não fazer nada. . . (*Quer sahir.*)

CARLOS.

(*Detendo-o.*) Meu amigo. . .

ST.-PHAR.

(*Repelindo-o.*) Eu não sou amigo do senhor, que nos rouba Olympia !

CARLOS.

Pense em tudo quanto lhe offereço. . .

ST.-PHAR.

Que é que o senhor lhe-offerece ? fortuna ? ella tem bastante, pois que ainda lhe sobeja para remediar algum desgraçado... Criados ? ella tem muitos, e de grande libré. . . Quer fazel-a Condessa ? que grande cousa, para quem é Rainha ! . . . Quer apresental-a nos salões ?... e isso dar-lhe ha aquelles terrores d'uma primeira representação, que são a vida de nós outros artistas ? . . . É capaz o senhor de lhe dar um theatro resplandecente de luzes. . . de flores... um theatro cheio de tudo o que ha de mais nobre. . . de mais joven. . . de mais enthusiasta na sociedade ? . . . É capaz o senhor de a indemnisar d'aquella felicidade que innunda o coração d'uma artista como ella, quando vê que um publico inteiro está suspenso pela palavra de seus labios ? Finalmente, é capaz o senhor de a indemnisar dos bravos que ella provoca. . . das lagrimas que faz derramar ? . . .

CARLOS.

Senhor ! . . .

ST.-PHAR.

Não. . . não, senhor Conde, V. Exa. não lhe póde dar nada d'isto. . . V. Exa. tem nobreza, titulos. . . fortuna, o que nós não

temos, é verdade. . . mas V. Exa. não tem o que nós temos. . . quero dizer: a febre . . o trabalho, as vigilias que nos trazem as lutas do dia. . . as doces insomnias, que nos trazem as victorias da vespera.

OLYMPIA.

(*Desfeita em lagrimas, arrasta-se para St.-Phar.*) Meu pai... meu amigo. . . eu estava louca. . . representarei. . .

ST.-PHAR.

(*Com alegria.*) Olympia! minha filha!

CARLOS.

Senhora, pense bem.

OLYMPIA.

Ja disse, Sr. Conde. (*Dá a mão a St.-Phar.*) Representarei!. . (*St.-Phar cobre-a de beijos.*)

ACTO II.

SEGUNDO QUADRO.

Os bastidores do Theatro Francez.

O theatro representa uma coxia; á esquerda os primeiros bastidores que deitão para a scena. — Á direita um toucador ricamente adornado, e meio cercado por um biombo.—No fundo, do mesmo lado, uma escada que conduz para o *foyer* dos artistas.

SCENA 1.ª

LINDORO e CLARA, e depois ROSA MICHON. (*Clara arranja no toucador diversas cousas. — Actores, dancarinos e dancarinas.—Ao levantar do panno, entrão e sahem varias personajens que representão na trajedia. — Actores do* Casamento de Figaro, *que tambem se representa. — No fundo um grupo de dancarinos que devem figurar no baile que ha de terminar o espectaculo. — Lindoro apparece vivamente pelo fundo; vem vestido como o pastor Corydon, na pastoral comica).*

LINDORO.

(*Entrando.*) Em que acto estão?

CLARA.

(*Que sahio do biombo.*) Oh ! Vmc. tem tempo, senhor Lindoro, estão no 3.º *de Horacio.*

LINDORO.

Muito bem. (*Ameia voz.*) Minha adorada, esta noite furto-a, não é assim ?

CLARA.

Para me levar para o becco ? Preciso reflectir.

LINDORO.

Deixe-se de reflexões... siga o seu primeiro movimento, que é o que tem de bom as mulheres.

CLARA.

(*Com dignidade.*) Senhor, não posso dar-lhe mais attenção ; minha ama espera-me.

LINDORO.

Sua ama !... quem só deveria ter escravos ! (*Quer roubar-lhe um beijo, ella se lhe escapa e entra no toucador.—A' parte.*) É minha ! (*Faz uma piroeta, alguns exercicios de danca, depois sobe. Rosa Michon, tendo descido a escada do* foyer, *apparece no meio dos grupos*).

ROSA.

(*Ao contra-regra.*) O senhor sabe dizer-me ?...

CONTRA-REGRA.

Vá para o diabo !

ROSA.

Que gente esta tão mal criada !

SCENA 2.

Os MESMOS, e ROSA.

CLARA.

Ah ! é Vmc., pequena ?

ROSA.

(*A' parte.*) Forte teima, com *a pequena !* (*Alto.*) Sim, senho-

ra, sou eu. Esta noite estou livre ; meu marido foi ao club dos sapateiros, e...

CLARA.

Ao club dos sapateiros?... que vem isso a ser?

ROSA.

É uma reunião onde se trata dos interesses da Europa. Mas, como isso a mim não me importa, aproveito a sua ausencia, e venho ver mi... (*Reprimindo-se.*) a senhora Olympia!... Como não tinha bilhete, para ir para fóra, disse uma mentira ao porteiro da caixa... disse que era sapateira de sua ama ; então deixarão-me entrar, e aqui estou. Queria vêl-a ; por onde hade ser?

CLARA.

(*Indicando os bastidores.*) Olhe, d'alli não vê nada.

ROSA.

(*Contrariada.*) Ora! então como hei de fazer? (*Olhando para todos.*) Todos estes senhores são actores?

CLARA.

Todos.

ROSA.

(*Indicando Lindoro.*) Como é feio aquelle!

LINDORO.

(*Que ouvio.*) A menina falla comigo? .. pois olhe, nem todos são da sua opinião. (*Faz uma piroeta.*)

ROSA.

(*Que vê Lindoro em calça de meia.*) O' senhora Clara, como este senhor está indecente!

CLARA.

Por que?

ROSA.

Esqueceo-lhe de vestir o essencial.

CLARA.

É assim mesmo.

ROSA.

Assim mesmo!... pois é costume apresentarem-se diante do público com a carne á mostra? Deos me livre de ver meu

marido assim.... Antes quero ver o espectaculo. (*Vai para os bastidores.*)

CLARA.

(*Detendo-a.*) Não vale a pena.. é melhor no outro acto; n'este, a Sra. Olympia só tem tres palavras a dizer.

ROSA.

Só tres?... Devem ser então muito bonitas!

CLARA.

(*Rindo.*) Oh! magnificas!.. Ella diz: (*Declamando.*) O' meus irmãos!....

ROSA.

Ah! ah! ah! só isso? e é preciso dizêl-o assim?

CLARA.

Certamente.

ROSA.

(*Repetindo.*) O' MEUS IRMÃOS!.. que grande cousa!.. O' MEUS IRMÃOS! ah! ah! ah! ora... ora... que officio tão tolo!

SCENA 3.ª

Os MESMOS, e ST.-PHAR. (*Muito agitado.*)

ST.-PHAR.

(*Cahindo sobre uma cadeira do biombo.*) Estou morto! estou aniquilado!

CLARA.

(*A' parte.*) Que diabo tem aquelle morcêgo arripiado!

ST.-PHAR.

(*Com desespero.*) Olympia!.. Olympia!..

LINDORO.

Que succedeo?

ROSA.

Teve alguma cousa? (*Indo a elle.*)

ST.-PHAR.

Antes tivesse!

ROSA.

(*A' parte.*) Que bruto!

ST.-PHAR.

(*Desesperado.*) Desgraçada! faltou-lhe a memoria!.. destruio todo o effeito.... todo!

ROSA.

(*A' parte.*) Terá esquecido: — O' MEUS IRMÃOS!

ST.-PHAR.

Eila ahi vem! (*Olympia sahe da scena; vem muito agitada, e vai cahir n'uma cadeira defronte do toucador.*)

SCENA 4.ª

OS MESMOS, e OLYMPIA.

OLYMPIA.

(*Comsigo.*) É elle... estou certa!

ST.-PHAR.

Olympia!.. minha filha!

OLYMPIA.

Oh! eu representei muito mal... não é assim?

ST.-PHAR.

Sim... sim... mas que foi que tiveste? falla!

OLYMPIA.

Oh! meu Deos!.. não imagina? tornei a vêr Carlos!..

ST.-PHAR.

Elle!

OLYMPIA.

Sim. Estava n'um camarote... Eu ja me sentia agitada sem saber por que... tinha como um presentimento que me assaltava o espirito... Havia algum minutos que eu olhava para esse camarote que se consersava fechado, e a meu pezar tremia de, ao abrir-se, encontrar-me face a face com o Conde... De repente cahe agrade, e deparo com Carlos!.. oh! era elle... sorria.. mas d'um sorrir amargo e quasi ameaçador... Não

era o amor que brilhava em seus olhos. . . não. . . não. . . era a loucura! (*Levanta-se.*)

ST.-PHAR.

(*Descendo á direita de Olympia.*) Esse homem é um damnado!

OLYMPIA.

Desde aquelle momento, nada mais vi. . . senão os seus olhos. . . e o seu riso!

ST.-PHAR.

Sim, não ouviste o ponto. . . e enterraste o nosso grande Corneille!

OLYMPIA.

Oh! meu Deos! . . que foi que eu disse? . Pateárão?

ST.-PHAR.

Patearem! patearem ati? . . Se tal houvessem feito, eu teria lançado fogo ao theatro! . . Murmurárão. . . resmungárão em alguns cantos. . . principalmente em dois ou tres camarotes.

OLYMPIA.

Sim, bem sei. . . N'aquelles camarotes onde se riem de todos, e de tudo. . . onde estão essas senhoras da moda, que vêem ao theatro, não para verem, mas para serem vistas. . . Essas senhoras que pouco se importão em aniquilar o futuro d'um artista, ou a obra de um poeta! . . . comtanto que ellas atrahião as vistas. . . que no dia seguinte se falle da frescura de suas flores. . . do brilho de seus diamantes. (*Passando á esquerda.*) Não faça caso do escarneo d'essas almas. . . Já alguem as vio estremecer ou chorar? Nada sentem. . . nada comprehendem. . . não as aceito por meus juizes!

ST.-PHAR.

Apoiado! tal e qual! E se quizeres, ainda pódes rehabilitar-te! . . . O verdadeiro talento, acha sempre um bravo defensor no verdadeiro público! e quando a febre do enthusiasmo o acommette, elle não ouve a critica que lhe sopra aos ouvidos, ou se a ouve, torna-se furioso, e brada: fóra! fóra! e tem muita rasão, faz muito bem! . . . Parece-me que estás menos agitada. . . comtudo, ainda não pódes tornar a apparecer. . . (*Ao contra-regra que passa.*) O' senhor contra-regra, saia á scena e falle ao pu-

blico; diga que Olympia está indisposta... que pede alguns minutos de repouso. (*O contra-regra sahe*).

OLYMPIA.

(*Sentando-se defronte do espelho.*) Que, pois?

ST.-PHAR.

Deixa-me cá. . . É preciso que descances, e o intervallo já dura ha pedaço! (*Ouvem-se applausos.*) Ouves? está dada a desculpa; assim, o público fica bem disposto para a tua reentrada no quarto acto. (*Desapparece um instante no bastidor*).

OLYMPIA.

Tem rasão, meu pai; obrigada. (*Dando com Rosa, que se conserva meia occulta pelo toucador.*) Ah! és tu Rosinha, como te achas aqui?

ROSA.

Tenho a noite por minha; quiz aproveitar. (*Vendo que Olympia bota polvilho no rosto.*) Que é isso que tu tens na cara?

OLYMPIA.

(*Sorrindo.*) É pallidez, minha filha.

ROSA.

Pallidez? mas tu já tinhas bastante! . . . (*Baixo.*) Dize-me cá, tens desgostos?

OLYMPIA.

Tenho, sim!

ROSA.

Conta-m'os.

OLYMPIA.

Não posso. O público, minha filha, o público espera-me!

ROSA.

Que espere. Não te vê todos os dias?

ST.-PHAR.

(*Voltando.*) Pode-se começar?

OLYMPIA.

Em um instante.

ROSA.

Vou para o meu buraco. (*Espreita nos bastidores.*)

LINDORO.

Eu vos conduzo. (*A' parte.*) Vamos ver se a grande tragica readquire seus effeitos: seria grande fatalidade se os houvesse perdido inteiramente!

ST.-PHAR.

Estás prompta? Agora procura esquecer...

OLYMPIA.

Carlos? farei o possivel.

ST.-PHAR.

(*Exaltando-se.*) Pensa bem que, se tu o amas, deves ser sublime, para interesse mesmo d'esse amor.

OLYMPIA.

Como?

ST.-PHAR.

Como? ora essa! boa pergunta! Bem sabes que nunca se ama uma actriz pateada! Olha lá os senhores de Brionne, e de Flassan... tinhão promettido que virião ver-te no intervallo; como te sahistes mal, não vierão... já te abandonárão!

OLYMPIA.

Porém, acredita que o senhor de Rudentz...

ST.-PHAR.

O senhor de Rudentz é como os outros... ama muito as tuas virtudes e a tua belleza, mas ainda mais ama o teu talento e os teus triumphos.

OLYMPIA.

Se fosse verdade!

ST.-PHAR.

Quem sabe se a estas horas seu coração não tem esfriado? Terá surprendido alguma critica... algum escarneo...

OLYMPIA.

Sim? desconfia d'isso? Tem razão! É preciso que eu seja applaudida... Sim, é preciso! Agora vai vêr.

ST.-PHAR.

(*A' parte.*) Venci!

CONTRA-REGRA.

Senhora Olympia, vai começar.

OLYMPIA.

(*Muito agitada.*) Estou prompta... estou prompta. (*O contra-regra sobe ao fundo, como quem vai prevenir aos outros. Olympia diz a St.-Phar:*) É o acto das imprecações não é assim? Vá para a platéa ouvir *Camilla*. Oh! vou rehabilitar-me! Não tenha receio... dissipou-se a nuvem que obscurecia o meu pensamento!... a febre que me devora me anima e aquece... (*Passando á direita.*) Estou com a exaltação e o enthusiasmo de *Camilla*! (*A St.-Phar.*) Não é o meu papel que vou patentear ao público... é a minha alma toda inteira!... Morrerei talvez, mas quero esta noite um triumpho, ainda que seja o ultimo, porém mais completo... mais brilhante que todos os outros.... Meu pai, estou segura de mim.... Ou estou louca... ou serei sublime! (*Ao contra-regra.*) Vamos, senhor, faça começar... depressa... depressa... se tardão... então não poderei... não poderei!..

CONTRA-REGRA.

(*Entrando no bastidor dá o signal e diz:*) Acima! (*Olympia sahe com impeto; ouvem-se applausos.*)

ST.-PHAR.

(*Enxuga uma lagrima, e de repente mudando de tôm, diz:*) Vamos, não quero perder uma palavra... pobre creatura! em que estado estava! Como deve soffrer... ah! se o público soubesse... (*Entra nos bastidores, e não se vê por algum tempo.*)

SCENA 5.ª

Os MESMOS, e FIRMINO. (*O Criado do 1.º acto.*)

CLARA.

(*Que havia alguns instantes estava de traz do toucador, e que ouvira a uttima scena.*) Meu Deos! como minha ama é boa! se eu alguma vez fôr adorada pelo público, não hei de ser assim! hei de trabalhar conforme me pagarem... á justa! e mesmo assim.... (*Vendo Firmino que parece procurar alguem.*) O' lá Firmino! o que ha de novo?

FIRMINO.

(*Baixo.*) Senhora Clara, eu queria dizer-lhe uma cousa

CLARA.

Pois diga.

FIRMINO.

Mas não quero que ninguem ouça.

CLARA.

Diga, diga, que ninguem se occupa de nós... estão com attenção para a scena. (*Com effeito todas as personagens estão grupadas quer no fundo, quer nos bastidores, olhando para a scena.*)

FIRMINO.

Eu sou um grande malvado!

CLARA.

Deveras?

FIRMINO.

Estou com remorsos!

CLARA.

(*Com profundo desdem.*) De que?

FIRMINO.

(*Dando-lhe um masso de cartas.*) É preciso primeiro que lhe entregue....

CLARA.

Cartas?

FIRMINO.

Sim, que forão dirigidas a nossa ama, durante esta semana, e que eu interceptei.

CLARA.

Para que?

FIRMINO.

Era pago para isso.

CLARA.

Que infamia!

FIRMINO

Recebi cem escudos.

CLARA.

Bagatela! mas explique-me....

FIRMINO.

Eu lhe digo: ja sabe que o Sr. Boriloff ficou furioso quando soube que os diamantes que tinha mandado de presente a nossa ama, ella os mandára á baroneza sua mulher?

CLARA.

Bem, e depois?

FIRMINO.

Depois, o Sr. Boriloff jurou vingar-se de nossa ama.

CLARA.

Quer matal-a?

FIRMINO.

Não... mas sim roubal-a.

CLARA.

Ora! e isso que tem?

FIRMINO.

Eu lhe digo o plano. O Sr. Boriloff portou-se como verdadeiro principe... comprou a carruagem da Sra. Olympia... o lacaio, o cocheiro... os cavallos... tudo.

CLARA.

(*Com admiração.*) Deveras!

FIRMINO.

Acabado o espectaculo a senhora Olympia, sem desconfiança alguma, subirá para a sua sege... os cavallos partiráõ a galope... a uma legua de distancia uma muda espera a carruagem, e continuaráõ seu caminho a toda a brida; e nossa ama chegará á fronteira, sem ter tempo mesmo de perceber o que é.

CLARA.

(*Depois d'um instante.*) Ah! tenho uma idéa... Se Vmc. me quer ajudar, salvaremos nossa ama, e pregaremos uma peça ao boiardo.

FRMINO.

Vejamos! o que é?

CLARA.

O senhor Boriloff quer roubar?

FIRMINO.

Quer.

CLARA.

Pois elle roubará !

FIRMINO.

A senhora Olympia ?

CLARA.

A mim !

FIRMINO.

A Vmc. ?

CLARA.

A mim propria... É uma fantasia que ha muito tempo se me metteo na cabeça, e quero satisfazel-a.

FIRMINO.

Isso é difficil! como hade ser ?

CLARA.

Vmc. só tem escrupulos, e nada de imaginação! . . . É um velhaco que não presta para nada.

FIRMINO.

Mas. . . diga. . .

CLARA.

Terminado o espectaculo, eu ponho o mantelete côr de rosa da senhora, e saio pela porta pequena... o corredor é escuro... passo como um relampago. . . a portinhola está aberta, lanço-me dentro. . . Vmc. feixa. . . e tóca a galope para a patria dos Czars.

FIRMINO.

E se o boiardo se zangar?

CLARA.

Talvez não!

FIRMINO.

Se a matar ?

CLARA.

(*Abaixa os olhos.*) Pois sim! (*Com finura*).

FIRMINO.

Farei o que quizer.

CLARA.

Então vá esperar-me. (*Firmino sahe.*)

CONTRA-REGRA.

(*Chamando outro actor, que é o joven Horacio.*) Senhor Célicourt, é a sua entrada. (*O actor apressa-se ; faz a sua entrada, seguido de outro, que é Proculo, soldado do exercito romano, que leva na mão as tres espadas dos Curiacios.*)

CLARA.

(*Examinando as cartas que lhe deu Firmino.*) Duas cartas do Conde de Rudentz! e a senhora que se admirava d'elle lhe não escrever!... Dar-lh'as-hei quando sahir da scena, e em quanto as estiver lendo... eu... (*Vendo Lindoro que se lhe aproxima, diz á parte:*) Ah! é o meu futuro... passado. (*Passa á esquerda.*)

LINDORO.

Então, ingrata, consente? (*Baixo.*)

CLARA.

(*Baixo.*) Sim.

LINDORO.

Oh! ventura! onde a devo esperar?

CLARA.

(*Sempre baixo.*) Ao pé da grade do Luxemburg.

LINDORO.

Oh!

CLARA.

Quando acabar de despir minha ama, irei ter com Vmc.

LINDORO.

Porem, ouça: ha trez dias que o rio gelou.... e ao pé da grade, eu arrisco-me tambem a ficar gelado.

CLARA.

Assim é preciso.

LINDORO.

Está bem: então gelarei. (*A' parte.*) Oh! amor! empresta-me as tuas chammas! (*Baixo.*) Guignet fará o meu lugar no

baile ; está convencionado... Nem mesmo perco tempo em despir-me ; boto o meu capote assim como estou, e vou esperal-a.

CLARA.

Está dito.

LINDORO.

Até logo. (*Perde-se entre os grupos que se espalhão nos bastidores, no momento em que se ouve uma trovoada d'applausos.*)

CLARA.

Quantas palmas! Vamos, a senhora cumprio a palavra a si mesmo. (*Neste momento, ouve-se a vóz do Joven Horacio que persegue Camilla.*)

HORACIO.

« Basta, calque a razão sentir interno,
« Curiacio chorar vai no inferno!

(*Elle a mata nos bastidores. . . Olympia dá um grito, e entra na scena ; todos que estão nos bastidores a applaudem.*)

CLARA.

(*A' parte.*) Em que estado ella vem! (*Rosa a sustêm, leva-a para defronte do toucador, senta-a e cobre-lhe os hombros.*)

SCENA 6.ª

OS MESMOS, OLYMPIA, ST.-PHAR, DE BRIONNE, e DE FLASSAN.

ST.-PHAR.

(*Correndo.*) Olympia! estiveste sublime! divina!

DE BRIONNE.

Magnifica! senhora, magnifica! . . D'hoje em diante não tem mais rivaes. . . só tem admiradores!

ST.-PHAR.

(*Com um braçado de flores, que lhe entregou uma personagem da tragedia.*) Ahi tens a primeira colheita! (*põem as flores sobre uma cadeira.*)

DE FLASSAN.

Apresentando-lhe um bouquet.) E eu junto mais este ao seu triumpho.

ST.-PHAR.

Isto não é nada! tu verás logo quando te chamarem á scena. . . . o que não tardará muito; convencionou-se cortar as scenas, pois que o publico não as attende. (*Vai ao fundo, perto do bastidor.*)

ROSA.

Meu Deos! que bellas flores

OLYMPIA.

Eu dou-t'as.

ROSA.

(*Tomando as flores.*) E eu aceito-as.

OLYMPIA.

(*Dando a mão a de Brionne e de Flassan, diz-lhe:*) Obrigada, meus senhores, obrigada. Preciso retirar-me.

DE FLASSAN.

Quizemos ser os primeiros em felicitál-a, minha senhora. (*Inclina-se; Clara os conduz.*)

CLARA.

(*Baixo a Olympia.*) Aqui estão duas cartas.

OLYMPIA.

(*Com prazer.*) Ah!

CLARA.

Forão interceptadas pelo Sr. Boriloff, mas Firmino trouxe-m'as. São do Sr. Conde.

OLYMPIA.

Oh! dá cá, da cá. . . . Agora vai buscar o meu mantelete ao camarim. . . . estou muito cançada. . . vou-me embora. . . Em casa me despirei.

CLARA.

(*A' parte.*) Então não ha tempo a perder. Succêda o que succeder! . . . A sege espera-me. . . animo! mãos á obra! quem não arriscou, não perdeu nem ganhou! (*Sahe correndo.*)

OLYMPIA.

(*Que durante este tempo, rompêo o sinete d'uma das cartas, e a percorre.*) Pobre Carlos!... Sempre os mesmos protestos de amor e dedicação!... Sempre os mesmos offerecimentos!... (*Abre a outra.*) Oh! Carlos, é preciso que eu te ame muito, para resistir! (*Lê, em quanto falla; de repente dá um grito.*

ROSA.

(*Que se tem conservado ao pé do toucador, arranjando as flores, deixa-as cahir.*) Que tens?

OLYMPIA.

(*Levanta-se e diz á parte:*) Oh! meu Deos! parece-me que li mal!... (*Procura ler de novo.*) Nada vejo!... tenho uma nuvem de sangue nos olhos!

ROSA.

(*Assustada.*) Olympia!

OLYMPIA.

Rosa, lê, lê... que é isto?

ROSA.

(*Com terror.*) Este homem, quer matar-se!

OLYMPIA.

Matar-se!... elle?... Não póde ser... Tu tambem não vês.. dá cá... (*Lendo o fim da carta.*) « Senhora, se não me der « resposta, e ainda representar esta noite, fico entendendo que « prefere o theatro ao meu amor! que me não ama... Então só « attenderei ao meu desespero. Irei ao theatro, porque ainda « dezejo vel-a... ouvil-a antes de morrer; e quando a multidão « enthusiasta a chamar á scena... eu direi adeus ao mundo, a « minha mãi e a Olympia! »

ROSA.

È melhor mandal-o para o hospicio dos doudos!

OLYMPIA.

(*No paroxismo da febre.*) Se elle está doudo não sei... o que sei, é que me fará endoudecer! (*Passa á direita.*)

ROSA.

E agora o que fazes?

OLYMPIA.

O que faço? por ventura posso saber o que faço? (*N'isto, os actores sahem da scena e ouve-se gritar confusamente no theatro*)

ROSA.

(*Escutando com medo.*) Que será isto? Parece que estão brigando! (*Ouvem-se gritos distinctos no theatro*: — *Olympia! Olympia!*)

OLYMPIA.

(*Com um grito.*) Ah! chamão-me á scena!... e é n'este momento que elle me ameaça!

ST.-PHAR.

(*Tomando-lhe o passo.*) Não ouves? (*Gritos.* — *Olympia! Olympia!* — *Grande barulho.*)

ST.-PHAR.

É preciso que appareças!

TODOS.

(*Cercando-a.*) Sim... sim! (*O tumulto cobre a voz d'Olympia.*)

OLYMPIA.

(*Com desespero.*) Não saio!... não! não! (*Todos a cercão.*)

TODOS.

Venha!

OLYMPIA.

(*Arrastada pelos outros, diz a St.-Phar*:) Meu amigo... por piedade... essa carta... o conde...

ST.-PHAR.

O conde que vá para o diabo! O público primeiro que tudo!

TODOS.

Sim! sim!...

OLYMPIA.

(*Com um ultimo esforço, e quasi um grito de raiva.*) Deixem-me! Deixem me! (*O tumulto da platéa cresce. . Sentindo-se arrastada grita*:) Matão-n'o! matão-n'o!... (*Chega ao bastidor, desapparece um instante; o enthusiasmo chega ao seu auge: gritos, bravos e applausos freneticos.*)

ROSA.

(*Com susto.*) Meu Deos ! . . . meu Deos ! . . . e eu que vim aqui para me divertir ! (*N'isto ouve-se um tiro no theatro ; logo grande rumor. — Chegão todos em chusma, e no meio d'elles, Olimpia pallida de terror.*)

OLYMPIA.

(*Com um grito de dôr.*) Carlos ! Carlos ! matárão-te. (*Desmaia. Todos a cercão. Cahe nos braços de St.-Phar.*)

ACTO III.

TERCEIRO QUADRO.

Nos banhos de Bourbonne.

Um grande salão aberto para um jardim ; de cada lado uma mesa ; sobre ellas, jornaes, e algumas brochuras. — No fundo um terrado dando para um rio.

SCENA 1.ª

DE BRIONNE, DE FLASSAN. Muitos pensionistas passeião no terrado ; depois JORGE.

DE BRIONNE.

(*Sentando-se á direita, lendo uma gazeta, diz a de Flassan, que entra pelo fundo :*) Recebeo o seu correio senhor de Flassan ? que noticias nos dá da côrte ? Sabe se a Rainha não visita este anno Bourbonne ?

DE FLASSAN.

Fallou-se n'isso ; porém as cousas não vão bem em Paris !... (*Suspirando.*) Hoje só se trata da assembléa dos Notaveis, e da independencia d'America.

DE BRIONNE.

A proposito, sabe que o marquez Emilio de Rudentz voltou á França ? (*Dão-se o braço e passeião.*)

DE FLASSAN.

Aquelle estouvado que tinha partido com o senhor de Lafayette?

DE BRIONNE.

Esse mesmo. . . Demora-se alguns dias em Bourbonne, antes de ir ao castello de sua tia, a condessa de Rudentz.

DE FLASSAN.

(*Rindo.*) Que estou certo o hade receber bem! Porém como sabe isso?

DE BRIONNE.

Elle mesmo m'o escreveu. (*Sobem ao fundo.*)

DE FLASSAN.

(*Olhando para o fundo, com um tom de escarneo.*) Ah! ah! eis ahi a condessa de Rudentz, que sahe para o seu passeio.

DE BRIONNE.

Sim, a condessa d'Alma-viva! (*Jorge tem entrado, e conversa com algumas pessoas.*)

DE FLASSAN.

(*Vendo-o.*) Senhor Jorge, sou muito feliz em apertar-lhe a mão.

JORGE.

Senhor. . . (*Corteja, vai á mesa, e toma uma gazeta.*)

DE BRIONNE.

(*Baixo.*) Quem é este senhorsinho todo de preto?

DE FLASSAN.

Um medico que curava os meus criados em Paris.

DE BRIONNE.

(*Baixo.*) E V. Exa. dá-lhe a mão? Popularisa-se d'essa maneira?

DE FLASSAN.

Ah! depois do famoso juramento do jogo da pélla, é preciso termos amigos em todas as classes. . . Não sabemos o que poderá succeder! (*Tem subido ao fundo, olhando á esquerda.*) Não me engano! Aquelle gentilhomem que ahi vem, n'uma brilhante

carruagem, e seguido por um numeroso sequito de criados, é o marquez Emilio de Rudentz. Veja de Brionne.

DE BRIONNE

É elle mesmo! (*Vão ao encontro do recem-chegado. O marquez apparece no fundo, acompanhado do mordomo da casa, que está perto d'elle com o chapeo na mão. As outras pessoas se dispersão no jardim.*)

SCENA 2.ª

Os mesmos, e EMILIO DE RUDENTZ.

EMILIO.

(*Ao mordomo.*) Está bom, meu cáro... está bom; eu contento-me com tudo. Basta que tome cuidado de meus criados; e de meus cavallos; principalmente de meus cavallos. (*O mordomo corteja e sahe. Elle desce á scena.*)

DE BRIONNE.

Salve! ao heroe americano!

EMILIO.

Meus senhores!.. (*Corteja.*) Ora esperem! com a breca! eu conheço-os!... De Brionne! De Flassan!.. meus caros amigos! estou louco de os tornar a vêr! Sangue azul (*Dando uma piroeta.*) Ainda se costuma dizer—sangue azul?

DE BRIONNE.

(*Rindo.*) Sempre!

EMILIO.

Bem sabem... Acabo de desembarcar, e nada sei dos costumes do velho mundo!.. olhem para mim... parece que desci d'um painel!... posso passar por meu avô!

DE BRIONNE.

Ora, qual!

DE FLASSAN.

Então V. Ex.ª fez proezas na America? na côrte só se fallava do Sr. de Lafayette, e de V. Ex.ª

EMILIO.

Quasi nunca me separei do lado do nosso joven general. Primeiro, serviamos ambos como voluntarios, e na batalha de Brandywine, ambos fomos feridos. Depois, commandamos juntos a vanguarda de Washington. Assignada a paz, acompanhei Lafayette á sua escursão pela America. Ah! meus amigos, que triumphos!.. era admiravel!.. O Marquez partio para França, e continuei só as minhas explendidas peregrinações. Visitei a Virginia com seus bosques e eterna verdura! suas florestas primitivas, e seus lagos com suas ilhas fluctuantes!.. (*Rindo.*) Mas, por minha palavra de honra, tudo isto não vale o nosso Trianon.... Por tanto, quiz tornar a ver as nossas latadas de lilas abrigando as nossas lindas Marquezas! Sangue azul!... Ainda se diz — sangue azul! não é assim?

DE BRIONNE.

Sim, sim, ainda!

EMILIO.

Chegando a Paris, não vou á cama por quinze dias! é preciso que recupére o tempo perdido!.. Agora, senhores, fallem V. S.as; digão-me o que ha de novo pela cidade e pela côrte... Levão sempre vida alegre e divertida? Ainda se pregão muitas peças?.. Ainda se roubão as pequenas da patulêa?

DE BRIONNE.

Nada, as embuscadas forão prohibidas; agora só se roubão as criadas.

EMILIO.

Que me diz?

DE FLASSAN.

A verdade... ouça um caso acontecido o anno passado ao Barão de Boriloff... um russo da primeira nobreza, e possuidor de milhares de servos; elle deixou-se enganar como um tolo, por uma criada que tomou o lugar da ama.

EMILIO.

E que fez o boiardo quando deo pelo engano?

DE FLASSAN.

Deo prova d'espirito... A pequena era bonita, elle apaixo-

nou-se loucamente por ella, e a velhaca entrou em Paris n'uma brilhante equipagem, a quatro cavallos. Para dar á sua amante uma posição social, Boriloff acaba de a fazer escripturar como dançarina na opera, onde apósto que fará furor este anno.

EMILIO.

A noticia é picante, porem velha; veja se tem outra cousa que dizer-me.

DE BRIONNE.

A mais fresca, é que o rei Luiz 16 convocou os estados geraes.

EMILIO.

Ah! ah! ah! (*Rindo.*) Ja sei: nós abalámos o velho mundo.

DE BRIONNE.

Sim, e elle está quasi a cahir.

EMILIO.

Ao contrario: agora é que se levanta!... Por Deos! eu trouxe da America ideas furiosamente liberaes; ja os vou prevenindo. Porem, dão-me noticias de meu primo Carlos de Rudentz? o Catão, o sabio da familia?... Ainda vive no meio dos seus cães e dos seus ursos?

DE FLASSAN.

(*Rindo.*) Pois sim!...

EMILIO.

Pois sim, o que?

DE BRIONNE.

Em quanto V. Ex.ª fazia loucuras na America, seu primo fazia-as aqui.

EMILIO.

Magnifico!.. Assim não m'o apresentaráõ mais como um modelo; e se m'o apresentarem, posso aceital-o. Então que diabo fez elle?

DE BRIONNE.

Amava uma actriz do Theatro Francez...

EMILIO.

(*Rindo.*) Deveras?

DE BRIONNE.

Uma tragica; e para lhe agradar quiz tambem representar uma pequena tragedia... tentou suicidar-se.

EMILIO.

Peste!

DE BRIONNE.

Falhou o fim, mas o meio prevaleceo. A bella não teve mais coragem de resistir.... e depois d'alguns mezes, o Conde de Rudentz é seu amante.

EMILIO.

E tem bom gosto? é cousa minha conhecida?

DE FLASSAN.

Não. Semelhante a essas fugitivas estrellas, que brilhão por uma hora no firmamento, e que depois se amortecem, Olympia era ignorada ha dous annos, e bem depressa será esquecida. (*Jorge levanta-se vivamente, e desce á scena.*)

JORGE.

(*A de Brionne.*) Perdão, mas parece-me que o senhor disse que o Conde Carlos de Rudentz, era amante da senhora Olympia?

DE BRIONNE.

Sem duvida!... (*Rindo.*) Ora essa!... não estão aqui juntos?

JORGE.

(*Admirado.*) Aqui?

DE BRIONNE.

Pois que, ignorava que a senhora Olympia, estivesse em Bourbonne?

JORGE.

Cheguei ha pouco; mas o senhor enganou-se quando disse que a senhora Olympia...

DE BRIONNE.

Meu caro Senhor, tenho a honra de repetir-lhe que ella está aqui com...

JORGE.

Com seu marido... e então...

TODOS.

Seu marido ?! . . .

EMILIO.

Perdão, mas o senhor insulta meu primo.

JORGE.

Como, senhor Marquez ?

EMILIO.

Como ? porque o julga capaz de se ter ridiculamente esquecido. . .

JORGE.

(*Com colera*) Senhor ! (*Acalmando-se.*) V. Ex.ª esqueceo-se que é liberal. . . ainda ha pouco o confessou.

EMILIO.

Mas. . .

JORGE.

(*Gracejando.*) E que acaba de combater pela independencia d'um povo !

EMILIO.

Meu senhor, liberta-se um povo, mas não se libertão as comicas. . . (*De Brionne e de Flassan riem.*) Meu primo, não podia ter arrojado dez costados de nobreza aos pés de uma mulher de theatro ; e dou um formal desmentido a quem quer que ouse sustentar que essa Olympia seja mulher do Conde de Rudentz.

JORGE.

Serei eu quem o sustente, senhor Marquez.

EMILIO.

Muito bem. Estou ás suas ordens !

DE BRIONNE.

(*A Jorge.*) E se o senhor Marquez tiver razão?

JORGE.

Não a tem, digo-lh'o eu !

EMILIO.

Bater-nos-he-mos ; está dito. Mas o que unicamente desejo, é saber com quem tenho a honra de arriscar uma cutilada ?

JORGE.

Sou medico, senhor, meu nome é Jorge.

EMILIO.

(*Procurando.*) Jorge...

JORGE.

Não procure appellido, senhor, sou simplesmente Jorge.

EMILIO.

Então permitta... porque eu...

JORGE.

O senhor Marquez, sempre esquece que é republicano.

EMILIO.

Republicano? republicano na America.

JORGE.

Por isso não haja dúvida... Irêmos na America bater-nos.

EMILIO.

Ora muito obrigado!... chego agora de lá... Nada, aqui mesmo estou ás ordens. (*Entra o mordomo, e falla-lhe baixo.*) No entanto se quer tomar parte no meu jantar, acabão de annunciar-me que está servido.

JORGE.

(*Recusando.*) Agradeço. Tenho algumas disposições a tomar. (*Sobe o fundo, com de Brionne e de Flassan.*)

EMILIO.

(*A' parte.*) Diabo! um medico deve ter a mão infeliz... Preciso fazer testamento... á sobremesa o farei (*Ao mordomo.*) O senhor Carlos de Rudentz?

MORDOMO.

Está ausente.

EMILIO.

Logo que elle chegue, provina-me. (*A' parte.*) Não hade recusar servir-me de padrinho. (*A de Brionne e de Flassan.*) Venhão, senhores. (*Toma o braço de de Brionne.*) Parece-me que não perdí tempo... ainda não mudei de roupa e já um duello!

SCENA 3.ª

JORGE, O MORDOMO, depois OLYMPIA.

JORGE.

(*Ao mordomo, a quem tem detido.*) O senhor disse que o Conde de Rudentz estava ausente; e a Condessa?

MORDOMO.

A senhora Condessa, creio que foi dar um passeio pelo rio: parece-me que ouço o ruido dos remos. (*Indicando o lado direito do terrado.*) Não me engano, eis a senhora Condessa.

JORGE.

Obrigado.

OLYMPIA.

Senhor Jorge, aqui? . . . oh! como sou feliz de o encontrar!

JORGE.

(*Beijando-lhe a mão.*) Senhora!

OLYMPIA.

Precisava tanto vêr um rosto amigo. . .! Nos ultimos tempos (*Sorrindo tristemente.*) da minha vida d'actriz, não tinha noticias suas, senão por via de cartas, que eu relia com immenso prazer. Nunca tive senão dois verdadeiros amigos. . . o senhor e St.-Phar. Pobre St.-Phar! fui muito ingrata para com elle: deixei-o, talvez para sempre! deixei-o velho e só. . . a elle, que me recolheu orphã e pobre! Com tudo, estou certa que em seu coração não ha uma queixa. . . não ha uma reprehensão para aquella que chamava sua filha! Diga-me, está contente? começa a ser conhecido?

JORGE.

Alguma cousa. . . graças á senhora.

OLYMPIA.

Quer dizer: graças ao seu talento?

JORGE.

Escute, minha senhora, não é de mim que devemos fallar; falle-me de si.

OLYMPIA.

Ah! houverão grandes mudanças em minha vida! Já sabe que sou Condessa?

JORGE.

Acabo de o saber agora mesmo; estão ahi o senhor de Brionne, e o senhor de Flassan.

OLYMPIA.

Chegados ha dous dias.

JORGE.

E o primo do senhor conde, (*Olhando-a.*) de seu marido. Fallavão da senhora... dizião... mil perdões — que a senhora não era casada... que o senhor de Rudentz era seu amante.

OLYMPIA.

Meu amante!

JORGE.

Eu disse o contrário.

OLYMPIA.

Muito bem. (*Olhando-o.*) Mas o senhor não duvidou de mim, não é assim?

JORGE.

Não.

OLYMPIA.

(*Dando-lhe a mão.*) Agradecida!

JORGE.

Está chorando?

OLYMPIA.

Eu sou amada... sinceramente amada, Jorge; e não obstante prevejo para o futuro, lutas bem dolorosas!

JORGE.

Quaes são seus inimigos?

OLYMPIA.

São dois; poderosos, implacaveis: o preconceito e o orgulho!

JORGE.

É um engano.

OLYMPIA.

Não é, não, meu amigo! Ha quatro mezes que sou casada, e poderá acreditar que nem uma porta se abrio ainda á Condessa de Rudentz? Vivo só, em companhia do Conde: oh! esta vida a mim serme-hia bem doce! nunca me aborreceria!.... Porém, elle. . elle, não acabará por ter saudade de suas brilhantes reuniões... de suas amizades interrompidas?... Meu amor, talvez não seja bastante por muito tempo para compensar tanto sacrificio.... E sobre tudo, sua mãi.... sua mãi... por quem sua ternura é um culto! sua mãi, que por minha causa não vê ha quasi um anno! Muitas vezes lhe fallei n'ella... muitas vezes lhe mostrei timidamente o desejo de lhe ser apresentada! O Conde mudou sempre de conversação... tornava-se confuso; na ultima vez, pareceu-me descobrir colera em seus olhos, e desde então nunca mais pronunciei diante d'elle o nome da Condessa de Rudentz. Percebi que a soberba da nobre dama se havia revoltado só á idéa de contacto com a actriz... percebi que tambem ella me repellia... e que até mesmo teria amaldiçoado seu filho. Pobre Carlos! como deve soffrer! Cada vez o amo mais... porém, se elle um dia deixasse de me amar... Ah! Jorge... sou muito infeliz!

JORGE.

Infeliz!

OLYMPIA.

Sim. E não obstante, bem sabe quanto lutei! Uma noite, em que uma especie de loucura acommetteu o Conde de Rudentz, elle attentou contra seus dias.... trouxerão-m'o ensanguentado, moribundo!.. durante um mez, não sahi de seu lado.... alli estava noite e dia, com a minha mão entre as suas.... meus olhos fixos nos seus, espreitando um sorriso.... um terno olhar.... Durante um mez, seus labios não pronunciárão outro nome além do meu.... O medico me dizia: « a sciencia é inutil, só a senhora póde salval-o. » Então, esquecendo que elle era nobre, que era rico... gritei: Carlos, meu bem amado! tu viverás.... serei tua mulher! — E eis como cheguei a Condessa de Rudentz. (*Firmino apparece á direita, tem uma carta na mão, e parece procurar alguem.*) A quem procuras, Firmino?

FIRMINO.

Perdão, minha senhora, julguei que estivesse aqui o Sr. Conde, para entregar-lhe este bilhete, que agora lhe remetteo um escudeiro da Sra. de Brionne.

OLYMPIA.

Dá cá!

FIRMINO.

Perdão, minha senhora, mas foi-me recommendado que só entregasse este bilhete ao Sr. Conde.

OLYMPIA.

Mando eu que me dês essa carta. (*Firmino inclina-se, e dá a carta.*) Esperão a resposta?

FIRMINO.

Sim, minha senhora.

MORDOMO.

(*Entrando.*) No salão esperão o Sr. Doutor.

JORGE.

O meu dever obriga-me a deixal-a, senhora Condessa.

OLYMPIA.

Dentro em breve tornar-nos-hemos a ver, não é assim?

JORGE.

Sim, senhora. (*A' parte.*) Pobre Olympia, antes que o insulto chegue a ella... matar-me-hão! (*Sahe com o mordomo pela direita.*)

SCENA 4.ª

OLYMPIA e FIRMINO. (*No fundo.*)

OLYMPIA.

(*A' parte.*) Esta carta é d'uma mulher... e só deve ser lida pelo Conde!... pelo Conde que m'a occultaria, assim como tem feito a todas as outras que lhe são dirigidas? Oh! hei de lê-la! (*Rasga o sinete; lê baixo, depois faz um movimento de colera. Lendo.*) « A senhora Marqueza de Brionne, convida o

Sr. Conde de Rudentz a fazer-lhe a honra de passar o serão no seu castello de . . . . » É isso. . . convidão-n'o. . . a elle só. . . só!.. (*Ao criado.*) Entrega esta carta ao senhor, que deve estar em casa. . . elle te dará a resposta. . . dize-lhe que fui eu que rasguei o sinete. . . (*O criado sahe pela esquerda.*) Veremos o que faz meu marido... veremos se elle deixará ignorar por mais tempo a esta orgulhosa Marqueza, que existe aqui uma Condessa de Rudentz. (*Senta-se á esquerda.*)

SCENA 5.ª

OLYMPIA, EMILIO, DE FLASSAN, e DE BRIONNE.

EMILIO.

(*Entrando com o chapeo na cabeça, e um pouco animado pelo champagne.*) Então os senhores dizem, que aquella é a tal minha prima de mão esquerda! . . . Com a fortuma! não me deixarei matar por ella, sem lhe fallar nas suas preêzas.

DE FLASSAN.

(*Baixo a Emilio.*) Tome sentido, Marquez, V. Ex.ª não está muito apresentavel.

DE BRIONNE.

(*O mesmo.*) V. Ex.ª perdeu o uso do champagne ; agora custa-lhe a aguentar com elle.

EMILIO.

Sangue azul! Meus senhores, na America poderia desacostumar-me do champagne, mas nunca da galanteria franceza. . . Os senhores vão vêr. (*Avança para Olympia, que tem ficado sentada e pensativa, e que se volta ao ruido que elle faz.*)

OLYMPIA.

Alguem! (*Levanta-se e quer sahir.*)

EMILIO.

(*Detendo-a.*) Perdão, talvez a incommode, bella Dama! porem é preciso desculpar-me... chego de longe... (*Examinando-a.*) Na verdade! a senhora é muito bonita! reconheço-o e assigno: — Emilio de Rudentz.

OLYMPIA.

O primo de meu marido!

EMILIO.

Seu marido! e que tal está a teima!

OLYMPIA.

(*Olhando-o admirada.*) Eu julguei que os Rudentz fossem todos cavalheiros!

EMILIO.

Tanto como o rei, minha senhora

OLYMPIA.

Então o senhor ou está doudo, ou está embriagado.

EMILIO.

(*Entre dentes.*) Sangue azul!

OLYMPIA.

Condessa, ou comediante, sou mulher, senhor; e diante de uma mulher, todo o cavalheiro, seja elle principe ou rei, inclina-se e descobre-se.

DE FLASSAN.

(*Passando ao lado direito de Emilio, tira-lhe brandamente o chapeo e diz-lhe baixo:*) Marquez, a lição é merecida! (*Grande movimento de estupefacção de Emilio. Passa á esquerda.*)

OLYMPIA.

(*Dirigindo-se aos dois fidalgos.*) Agora, meus senhores, bem digo o acaso, que me collocou em presença de tres homens, que me ultrajárão com uma dúvida offensiva. O Sr. Conde de Rudentz, conhecedor d'um tal insulto, teria appellado para a sua espada. Eu sou uma mulher, e posso sem fraqueza appellar para a honra e lealdade de dous nobres gentis-homens.

DE BRIONNE.

(*Inclina-se.*) Falle, senhora.

EMILIO.

Que prosapia!

OLYMPIA.

Acreditão-me amante do Conde de Rudentz; assim o disserão... Eu attesto, e o Conde provará, que sou sua mulher.

DE FLASSAN.

Devemos acreditál-a, senhora.

EMILIO.

Não acredito eu... Sangue azul! (*De Brionne lança-se para elle, e o acalma com geito. — Elle apercebe-se que ainda tem o chapeo na cabeça, e atira-o sobre a cadeira á esquerda.*) Perdão! Acabou-se de todo a minha embriaguez, e vou fallar seriamente a esta senhora, e a estes senhores. Quando alguem de nossa familia se casa, é em presença de todos; o rei assigna o contracto, e a mais pura nobreza de França nos serve de testemunha... Quando algum de nós se casa, o castello de Rudentz reveste-se de suas mais preciosas galas. Os sinos de sua velha parochia fazem retinir os ares com seus alegres sons... e por oito dias, todos os pobres são ricos. A Condessa viuva de Rudentz depoem, com suas proprias mãos, a corôa de Condessa sobre a fronte da noiva... chegada a noite ella a abençôa e acompanha á camara nupcial. Foi feito isto, senhora?

OLYMPIA.

Não... não... O Conde de Rudentz estava convalescente, residiamos no campo, em uma aldêa, e foi perante pobres camponezes, que se celebrou a nossa união.

EMILIO.

Ora... (*Rindo.*) Eis ahi está!... ambos nós temos razão... Meu primo sabe fazer as cousas! Que malvadete! (*Rindo.*)

OLYMPIA.

Mas, senhor...

EMILIO.

É isso... um casamento mysterioso, em uma aldêa... perante um supposto tabellião... testemunhas falsas... finalmente, um casamento de comedia!

OLYMPIA.

Senhor, eu não o comprehendo! (*De Flassan e de Brionne sobem á scena.*)

EMILIO.

Ora vamos, estes casamentos fazem-se vinte vezes no theatro... ha mais de cem annos que fazem parte do repertorio.

OLYMPIA.

Sabe que é infame, o que o senhor suppõe?

EMILIO.

Eu não o supponho.

OLYMPIA.

Basta. O que é necessario para se convencer de que seu primo é meu marido?

EMILIO.

É preciso, senhora, que meu primo a conduza em pleno dia aos dominios de nossa familia... que se ajoêlhe a seu lado ante o altar da velha igreja da nossa villa; que, á vista de seus vassallos, lhe dê a mão para a ajudar a subir os degráos da escada do nosso castello feudal, e que ahi, em presença de todos, elle a proclame,—Condessa de Rudentz... Então, senhora, eu direi: meu primo é doudo, mas *está casado.* (*Toma o chapeo, passa á direita Inclina-se.*) Até então, minha senhora, permitta-me acreditar unicamente, que é o mais feliz dos homens. (*Comprimenta-a, e sahe pelo fundo, com de Flassan, e de Brionne.*)

SCENA 6.ª

OLYMPIA, só por um momento, depois CARLOS.

OLYMPIA.

(*Sentando-se á direita.*) É muito!... Carlos será um cobarde, se não fizer o que este homem acaba de dizer, ou então nunca me amou.

CARLOS.

(*Entrando vivamente, com uma carta na mão.*) Olympia, cara Olympia, esta carta é um insulto da senhora de Brionne, mas eu terei uma satisfação.

OLYMPIA.

Carlos, não é já a mim que elles insultão, mas sim a ti... accusão-te de falso... desleal, a ti, um gentilhomem: accusão-te de me haveres enganado com um supposto juramento, uma fingida união!

CARLOS.

O nome do calumniador ?

OLYMPIA.

(*Levanta-se, e diz com exaltação* :) Senhor, não é ao calumniador, mas sim á calumnia que se deve responder... ella falla alto, e é preciso responder-lhe mais alto ainda ! . . . Duvidão de nosso casamento, e é uma dúvida ultrajante ! . . . Agora, Carlos, a minha honra é a sua. Não lhe peço que deffenda esta honra com as armas na mão... a espada é céga... mata e nada prova. O que eu exijo, o que é necessario, é provar a todos que eu não sou uma mulher perdida, protegida por seu amante, mas sim uma mulher casada sob a salva-guarda de seu marido . . . Quero ser conduzida ao castello de seus antepassados. . . quero ser apresentada a sua mãi. . . sua mãi, perante a qual poderei conservar minha fronte alta, e meu coração tranquillo. Finalmente, quero ser Condessa de Rudentz perante a sociedade, como o sou perante Deos.

CARLOS.

Olympia, o que pede, é impossivel!

OLYMPIA.

Impossivel? então o que estes homens dizem, é certo?

CARLOS.

Olympia, eu te prometto dissipar esta dúvida, e fazer calar a calumnia... Porem, ir ao castello de Rudentz afrontar a colera de minha mãi, é impossivel. . . é impossivel ! . . .

OLYMPIA.

Leio em tua alma, Carlos ; o teu amor, que não hesitou diante d'um suicidio, recua diante d'um sarcasmo ! . . Não é por tua mãi que tremes... é pelos preconceitos do mundo.... Não é o respeito filial que te detêm, é o orgulho ! . . . (*Carlos faz um movimento.*) Mas isto não pode durar. . . eu enlouqueço. . . é preciso acabar com isto. Carlos, nada mais lhe peço, senão que me conduza a Paris.

CARLOS.

A Paris ! (*Senta-se Olympia*)

OLYMPIA.

Sim; de lá, irá a Versailles, fallará com o rei.... o rei é poderoso, elle fará annullar o nosso casamento.

CARLOS.

Que dizes?

OLYMPIA.

(*Com amargura.*) Nada mais facil... O Conde de Rudentz, arrastado por uma cega paixão, commetteo a loucura de esposar uma comediante... basta dizer, que esta comediante é indigna de seu amor. Elle será acreditado, por que brada em nome de seus avós... em nome da nobreza de França... Carlos será attendido pelo rei, e então... oh! então ficará livre... poderá mostrar-se orgulhosamente na côrte! Que importa que eu fique desgraçada! com tanto que elle haja reconquistado a estima de seus nobres amigos!... que importa que eu morra, se elle irá receber as caricias e as bençãos de sua mãi!... (*Carlos faz um movimento; ella levanta-se.*) Quando partiremos, senhor? Eu estou prompta!

CARLOS.

Olympia, acabas de chamar-me á razão... a minha hesitação era um crime. (*Vai á mesa da esquerda, e toca.*)

OLYMPIA.

Que faz? (*Passa á esquerda.*)

CARLS.

(*Passando á direita.*) O meu dever! (*Ao criado que entra.*) José, prepára tudo para a nossa partida. A Sra. Condessa e eu, deixamos Bourbonne hoje mesmo; ja, se possivel fôr. Previne os Srs. de Brionne e de Flassan, e principalmente o Sr. Marquez, meu primo; dize-lhes que antes de partir, espero receber os seus adeoses.

JOSÉ.

O Sr. Marquez de Rudentz, esperava impacientemente a volta de V. Ex.ª

CARLOS.

Que entre.

JOSÉ.

(*Annunciando.*) O Sr. Marquez de Rudentz!

SCENA 7.ª

Os MESMOS, e EMILIO. (*Apparecendo no fundo á direita.*)

CARLOS.

Como sou feliz, meu primo, que antes da minha partida, lhe posso apresentar a senhora Condessa de Rudentz, sua prima.

EMILIO.

(*A' parte.*) Heim? então o caso é serio!

CARLOS.

(*A Olympia.*) Minha senhora, os senhores de Brionne, e de Flassan terão tambem a honra de depôrem a seus pés a homenagem de seu respeito.

OLYMPIA.

Para onde vamos, Carlos?

CARLOS.

Depois o direi diante de todos. Como a offensa foi pública, a reparação ha de tambem ser pública e estrondosa!.. (*Elle a conduz respeitosamente até á sahida á direita. Emilio inclina-se, e desce adiante á esquerda.*) Eu não tardo, minha bella Condessa!

SCENA 8.ª

EMILIO, e CARLOS.

EMILIO.

Meu pobre primo... está com effeito casado?

CARLOS.

Sim, senhor.

EMILIO.

Casado deveras? perante um verdadeiro tabellião? verdadeiras testemunhas?

CARLOS.

Sim, senhor.

EMILIO.

Muito bem. Meu primo, tenho a observar-lhe unicamente, que V. Ex.ª estava no seu direito, compromettendo sua fortuna, por que é sua; mas antes de comprometter seu nome, devia lembrar-se que não é o unico senhor d'elle.

CARLOS.

Sr. Marquez. . . .

EMILIO.

Não me provoque, meu primo. . . por que se eu tivesse a desgraça de o matar, minha tia jamais m'o perdoaria! Deos sabe quanto lhe custará a perdoar-me a minha campanha da America!... Vamos, eu nunca abandono os meus amigos quando elles se achão em apuros; o primo está casado, muito bem... mas agora que é que vai fazer de sua mulher?

CARLOS.

Emilio. . .

EMILIO.

Vai conduzil-a á côrte?

CARLOS.

Sem dúvida.

EMILIO.

Perdão, eu não me expliquei bem. . . vai apresental-a na côrte?

CARLOS.

Já lhe disse que sim.

EMILIO.

Mas, creio que a não receberáõ. . . Não estamos no novo mundo.

CARLOS.

Então viverei affastado d'essa côrte.

EMILIO.

É isso; vai fechar-se como um ermitão no seu velho castello de Rudentz; isto é, se minha tia, que é a dama mais soberba de toda a França e Navarra, lá os quizer receber.

CARLOS.

Já escrevi a minha mãi, pedindo-lhe como uma graça, de

acolher com indulgencia e bondade a mulher, que eu tinha julgado digna de meu amor e de meu nome.

EMILIO.

E então?

CARLOS.

Minha mãi não respondeu.

EMILIO.

Era bem d'esperar. Cuidado, meu primo; o silencio d'uma mãi, a semelhante pedido, equivale a uma maldição. (*Carlos senta-se. Emilio diz alegremente*:) Diga, primo, para onde irá?

CARLOS.

Para Paris.

EMILIO.

Não.

CARLOS.

Por que?

EMILIO.

Por que na cidade encontrará outras sensaborias... A cada passo, póde esbarrar com algum saltimbanco, antigo camarada da Sra. Condessa... ou com alguns de seus antigos apaixonados.

CARLOS.

(*Levanta-se.*) Apaixonados!...

EMILIO.

Sim, as comicas devem têl-os, assim como as outras. (*Comsigo.*) Ainda mais do que ellas.

CARLOS.

Emilio.....

EMILIO.

Sangue azul! A sua honra é a minha... e é por esta honra que eu vou ter hoje um duello.

CARLOS.

Um duello!

EMILIO.

Sim, ha pouco, aqui mesmo, eu fallava com de Brionne e de Flassan, na sua velhacada....

CARLOS.

Emilio. . . .

EMILIO.

Sim, por que não podiamos acreditar n'uma doudice! Eu, ao principio, sustentava que o Conde de Rudentz não poderia ter esposado realmente a. . . em fim, n'este momento cahio-nos, não sei d'onde, um tal senhor. . . senhor Jorge.

CARLOS.

Jorge?

EMILIO.

Um nome vulgar. . . Este senhor começou a desmentir-nos com toda a energia. . . fazendo-se garante da virtude da senhora Olympia. Acabou por nos lançar a luva, e eu apanhei-a.

CARLOS.

Espera. . .

EMILIO.

Estou esperando.

CARLOS.

Diz que é um moço chamado Jorge?

EMILIO.

Conhece-o?

CARLOS.

Não.

EMILIO.

Isso é bom.

CARLOS.

Porém lembro-me. . .

EMILIO.

Ah! diabo! de que?

CARLOS.

Uma noite. . . antes do nosso casamento, eu estava em casa d'Olympia. . . entregarão-lhe um masso de cartas. . . ella lançou todas no fogo, excepto uma.

EMILIO.

Assignada Jorge?

CARLOS.

Sim ; parece-me que li esse nome. . . Olympia não pôde occultar sua alegria quando abrio aquella carta. . . « É d'elle » exclamou ella com felicidade. Esta lembrança apagou-se-me da memoria... porém agora... sim. . . não ha dúvida... outro homem... Este homem a defendia, é elle, não póde ser senão elle !

EMILIO.

E se fôr outro, será peor.

CARLOS.

(*Muito agitado.*) Emilio, acabas de dar-me uma prova da tua amisade ; mas ainda preciso d'outra.

EMILIO.

Falla !

CARLOS.

Tu não te baterás com Jorge.

EMILIO.

Oh !

CARLOS.

Ou, ao menos, bater-te-has depois de mim.

EMILIO.

Mas. . .

CARLOS.

Eu t'o peço !

EMILIO.

(*A' parte.*) A culpa é minha ; só lh'o deveria ter dito á manhã. . . (*Alto.*) Oh ! eil-o ahi vem. (*Baixo.*) E queres. . .

CARLOS.

Absolutamente !

SCENA 9.ª

Os MESMOS, e JORGE.

EMILIO.

(*A' parte.*) Isto é o diabo. . . mas em fim. . . (*A Jorge.*) O Sr. vai ficar surprendido ; porem, o Sr. Conde sabendo que

eu hia ter a honra de me bater com o Sr., quer que eu lhe cêda a minha vez... Não pude recusar; é mais velho do que eu....

JORGE.

(*A Carlos.*) Um duello entre nós! .. Então por que? Será talvez por haver tomado ha pouco a defesa da Sra. Condessa?

CARLOS.

(*Com surda colera.*) Uma palavra, senhor, escreveu alguma vez á senhora de Rudentz?

JORGE.

Só escrevi á Sra. Olympia.

CARLOS.

(*Com um movimento.*) Ah!

JORGE.

E a Sra. Olympia tambem me escreveo.

CARLOS.

(*Com raiva.*) Ao senhor!

JORGE.

Uma carta... uma só.

CARLOS.

(*Indo a elle.*) Que diz?

JORGE.

(*Que tirou uma carta do seio, e a apresenta ao Conde.*) O Sr. Conde deseja lê-la?

CARLOS.

(*Acalmando-se.*) Lê-la!

JORGE.

(*Indicando uma linha da carta.*) Basta que lance os olhos sobre esta linha.

CARLOS.

(*Lendo.*) « Cemiterio de S. Lourenço; Tumulo 214. » (*Admirado.*) Que significa isto?

EMILIO.

Eu não entendo.

JORGE.

Eu lhe havia promettido guardar segredo... porém V. Ex.ª duvidou da Sra. Condessa... fallarei.

EMILIO.

(*A' parte.*) Contos de cemiterios, hão de ser tristes.... Não ha remedio senão ouvir.... ouçamos. (*Toma uma cadeira, e senta-se um pouco adiante.*)

JORGE.

Eu tenho vinte e cinco annos, e ha cito que perdi minha mãi! .. sou filho d'um pobre gentilhomem maritimo, que foi morto sobre seu banco de quarto, antes de me haver podido deixar seu nome... eis por que me chamão Jorge, Sr. Marquez. Minha mãi, perdendo a esperança de ver legitimar o meu nascimento, quiz ao menos que lhe fosse perdoado.... quiz fazer de seu filho alguma cousa mais do que um simples artifice; e para este fim, estragou com o trabalho, sua juventude e sua vida!.... minha pobre mãi!... tinha eu desesete annos quando ella morreo!.. sem que tivesse a esperança de um dia a enriquecer com o meu trabalho; e não obstante eu trabalhava corajosamente! Restou-me um unico desejo... foi o de comprar para o futuro o pequeno canto de terra onde ella repousava! Deos o não permittio! Tinha feito algumas economias para esse fim... uma molestia cruel m'as absorveo!.. Alguns amigos, tão pobres como eu, curárão de mim, e me salvárão! mas, quando voltei á saude e á razão... ja não tinha nada!.... nada! O praso estava vencido, e fui prevenido que bem depressa seria tirada a pedra, onde estava traçado o nome de minha mãi....

EMILIO.

(*A' parte.*) Pobre moço! (*Levanta-se.*)

JORGE.

Ah! senhores... então é que me tornei louco!.. appellei para todos os meus conhecimentos, ricos e pobres.... uns não podião... os outros.... basta: ninguem me respondeo, e o momento fatal se aproximava.... Uma noite que eu passava em frente do theatro francez, onde se apinhava a multidão, ouvi proferir um nome. Fallava-se na celebre tragica, e dizião: *Tem tanto de bondade como de belleza*!.. corri a minha casa, e escrevi á senhora Olympia... Oh! senhores, era uma carta bem tocante! n'ella estavão encerradas todas as minhas lagrimas! todas as minhas dôres! levei a carta, e esperei..... Passarão-se dous dias... tres... quatro... e a resposta não appare-

cia. . . . e eu esperando. . . esperando sempre !... Estava só na minha triste habitação. . . a neve cahia em grossos frócos. . . e eu vi-a cahir com prazer, dizendo comigo : ao menos ella encobrirá o tumulo de minha mãi, e não o encontraráõ mais ! . . . não m'o roubaráõ! De repente ouço bater na porta, abro. . . Um criado me entrega uma carta. . . era d'ella. . . era d'Olympia ! . . do meu bom anjo ! . . . ella tinha attendido aos meus votos ! e tinha remediado tudo sem me prevenir ! . . Graças a ella, minha mãi repousava para sempre em seu lugar, marcado no campo do asylo ; e eu podia, aos pés do salgueiro que lhe dá sombra, rogar a Deos por nossa bemfeitora !

EMILIO.

(*Enchugando uma lagrima.*) Diabo ! é mais triste que um duello !

CARLOS.

(*Com lagrimas.*) Olympia ! minha bem amada esposa ! . . e eu ousava suspeitar de ti !

EMILIO.

E eu tambem suspeitei ! . . . que crueldade ! . . somos dous malvados !

CARLOS.

Mas eu saberei obter o meu perdão. (*A Emilio.*) E o seu tambem.

JORGE.

Como ?

CARLOS.

Silencio ! . . . vai ver.

SCENA 10.ª

Os MESMOS, DE BRIONNE, e DE FLASSAN ; damas e fidalgos, que começão a circular no fundo, e no salão. e que fórmão um grupo á esquerda.

DE BRIONNE.

(*A Carlos.*) Acabamos de saber o seu projecto de partida.

CARLOS.

E eu estimo que viessem todos estes senhores, que assím terão occasião de comprimentar a Condessa, que vai atravessar esta sala, antes de subir para a carruagem.

DE BRIONNE.

(*Rindo para Emilio.*) Condessa!

EMILIO.

(*A de Brionne.*) Sabe que já não me bato com o senhor Jorge?

DE BRIONNE.

Então foi provado... (*Rindo.*)

EMILIO.

Que eu era um tôlo.

JOSÉ.

(*Annunciando.*) A senhora Condessa de Rudentz.

EMILIO.

(*A de Brionne.*) Minha prima, senhor de Brionne. (*Ao grupo da esquerda que fez um movimento de admiracão.*) *Minha prima*, senhores! (*Carlos aperta-lhe a mão no momento em que elle sobe ao encontro de Olympia, a quem conduz ao pé de Carlos. — As damas levantão-se á entrada de Olympia; Emilio volta para a esquerda perto do grupo.*)

SCENA 11.ª

Os MESMOS, OLYMPIA, depois a CONDESSA VIUVA DE RUDENTZ, e criados.

CARLOS.

(*Em alta voz a de Brionne.*) Senhor Marquez de Brionne, recebemos o gracioso convite da senhora Marqueza sua esposa... A senhora Condessa (*Designando Olympia.*) pede por sua vez á senhora de Brionne, a honra de sua presença no baile que, dentro em oito dias, vai dar no seu castello de Rudentz.

OLYMPIA.

No castello de Rudendez!..

CARLOS.

Sim, senhora, no castello de Rudentz, onde vou ter a honra de conduzir a V. Ex.ª

OLYMPIA.

(*Sentando-se.*) O' meu Deos ! é possivel ! (*Com lagrimas de prazer.*)

EMILIO.

Sim, minha senhora, e V. Ex.ª hade permittir-me de acompanhar a cavallo a portinhola de sua carruagem, que eu faço voto de ir com a cabeça descoberta todo o caminho, e de nunca mais beber champagne; nem mesmo á saude de V. Ex.ª

OLYMPIA.

(*Estende-lhe a mão, que elle beija. — Elle volta para a esquerda ; ella diz baixo a seu marido:*) Carlos, e tua mãi?...

CARLOS.

(*Com amor.*) A' manhã a abraçarás.

OLYMPIA.

(*Com um grito abaffado.*) A' manhã !... á manhã abraçarei sua mãi ! (*Neste momento apparecem no fundo dois criados de libré, precedendo uma senhora velha, que caminha lentamente, com altivez, e seguida de outros dous criados.—Emilio sobe ao fundo, e pára á vista da velha dama, que tambem pára no limiar da porta.*)

EMILIO.

Minha tia ! (*Inclina-se respeitosamente, ao gesto da velha que lhe impõe silencio.*)

CARLOS.

(*Que dirigindo-se aos fidalgos, nada vio d'este movimento.*) Então, meus senhores, não esqueção, que a senhora Condessa os espera no castello de Rudentz.

CONDESSA.

(*Que tem descido lentamente.*) No castello de Rudentz. . . .

CARLOS.

Minha mãi!

OLYMPIA.

(*Levantando-se.*) Sua mãi !

CONDESSA.

Pode conduzir lá sua mulher, Sr. Conde, por que sua mãi, ja sahio. (*Movimento geral. — Emilio inclina-se respeitosamente diante da velha, apresenta-lhe o braço sobre o qual ella se apoia, e sahe pela esquerda seguida de seus criados.*)

ACTO IV.

QUARTO QUADRO.

Casa de Rosa Michon.

Um grande armazem de calçado na rua de S.^to^ Honorio. No fundo uma taboleta á direita e á esquerda da porta d'entrada. — No fundo á direita um pequeno balcão. — A' esquerda, á boca da scena, uma mesa de trabalho. — Portas lateraes ao lado d'aquella da esquerda, e um pequeno armario.

SCENA 1.ª

ROSA MICHON, (*Sentada á mesa.*) LUIZA, costureira de sapatos. (*Tambem sentada.*) UM CAIXEIRO, no balcão, prepara obra.

ROSA.

(*Com um registro.*) Oh! meu Deos! Luiza, esquecemos mais uma encommenda... tres pares de sapatos de setim branco... para um casamento.... devião ser enviados no dia 3 e já estamos a 5.... (*Tomando os sapatos que estão embrulhados n'um papel.*) Será bom leval-os sempre. (*Ao caixeiro.*) Thomás, leva estes sapatos, bem sabes aonde. Quando sahires deixa aberta a porta do corredor. (*O caixeiro sahe, levando a encommenda Ella olha para fóra. Apercebem-se grupos reunidos que conversão.*) Os ajuntamentos continuão... e sempre defronte da nossa porta. (*Arranjando o armazem.*) Foi de que servio o engrandecimento!.. Em quanto estavamos na nossa lojasinha da rua dos Açougues, viviamos tranquillos.... Agora, que temos um grande armazem na rua S.^to^ Honorio, o Sr. Michon faz mais discursos do que

sapatos... foi nomeado capitão da milicia parisience.... batalhão do Alto-dos-Moinhos. Tudo isto é muito bom... mas ja nos quebrárão por tres vezes os vidros da loja.... e meu marido está mais tempo em armas, do que no balcão. Ah! a proposito de meu marido, Luiza, sabes se elle está acordado?

LUIZA.

Acordado?.. pois sim!.. Escute como elle resona... ouve-se d'aqui. (*Rindo.*) Quem hade dizer, que dorme ha 24 horas!

ROSA.

Podéra não!... pobre homem, que esteve tres noites consecutivas de guarda.

LUIZA.

Então elle é militar?

ROSA.

É official!(*Com orgulho.*) Trás espada!

LUIZA.

Sim... á direita.

ROSA.

(*Reprehendendo-a.*) Só aconteceu isso uma vez, menina!

LUIZA.

Na revista, e o senhor de Lafayette rio-se d'elle.

ROSA.

É uma honra, porque o senhor de Lafayette não se ri de todos. (*Lindoro apparece no fundo.*)

SCENA 2.ª

ROSA, LUIZA e LINDORO.

LINDORO.

(*Entrando.*) O' da loja!

LUIZA.

(*Indo a elle.*) Entre senhor.

ROSA.

De que precisa? (*Reconhecendo-o.*) Não me engano!

LINDORO.

A senhora Rosa Michon!

ROSA.

É o senhor Lindoro, que eu vi uma vez vestido de pastor, não é assim?

LINDORO.

Eu mesmo. Ha muito tempo... então parecia eu que guardava ovêlhas... mas depois, quasi que ficava guardando a cama.

ROSA.

Porque?

LINDORO.

Por causa do rheumatismo... senhora Rosa!... Tenho-o por toda a parte!

ROSA.

Sente-se... Então onde apanhou semelhante molestia?

LINDORO.

(*Sentando-se defronte de Rosa á mesa, e esfregando as pernas.*) Aonde? ao pé da grade do Luxembourg... estava o frio a onze gráos. (*Luiza ri, e sahe pela esquerda.*)

ROSA.

Mas que foi lá fazer?

LINDORO.

Esperar a minha perfida discipula... bem sabe... a criada da senhora Olympia.

ROSA.

Sim; bem me lembro... aquella que sempre me chamava *pequena*... muito bonita, é verdade... porém muito...

LINDORO.

Muito descarada!... é isso.

ROSA.

E depois?

LINDORO.

E depois, emquanto eu a esperava no Luxembourg, ella safava-se para a Russia.

ROSA.

Ella esteve na Russia?

LINDORO.

Esteve. E depois que de lá voltou, já poz em secco dous grandes Marquezes... um pequeno Duque... e trez financeiros, sem contar o boiardo.

ROSA.

E todos estes homens a amavão?

LINDORO.

Qual o que!... A aventura do boiardo é que a poz em caminho. Clara não é uma belleza, nem tem talento, porém está na moda... e é do ultimo tom, um homem arruinar-se por ella.

ROSA.

(*Mettendo os registros na estante.*) Ora muito me conta!... Então agora, Vmc. com o seu rheumatismo, já não póde dansar? (*Vai á esquerda de Lindoro.*)

LINDORO.

Não. Eu só estou gelado por dentro, e espero...

ROSA.

O que?

LINDORO.

(*Esfregando as pernas.*) O *desgêlo.*

ROSA.

E como vive Vmc., esperando o *desgêlo*?

LINDORO.

Dando lições... Veja, trago sempre a minha rabeca... (*mostra uma pequena rabeca.*) Se souber de alguem que queira aprender a dansar, lembre-se de mim.

ROSA.

Se eu souber...

LINDORO.

E de mais, como passeio muito, sempre encontro algum amigo que me convida para jantar.

ROSA.

Mas isso não será sempre. . . e então, senhor Lindoro, quando não encontrar ninguem. . . nós jantamos ás duas horas.

LINDORO.

(*Levantando-se.*) Obrigado, senhora Rosa; isto não é recusar; mas ouça: haverá dous mezes, em Julho, eu estava convidado para jantar com um amigo no Palais-Royal. . . Era justamente no dia da demissão do senhor Necker. . . Todo Pariz estava no jardim. Gritavão. . . empurravão-se. . . quebravão tudo. . . depois fizerão laços para os chapeos com folhas de arvores. . . puzerão um no meu, que foi o que jantei n'esse dia.

ROSA.

Pobre moço! comeo o laço!

LINDORO.

Algum tempo depois, hia agarrar um excellente almoço; era no canto do bairro de Santo Antonio; porém no momento em que hião frigir os ovos. . . tomão a Bastilha!

ROSA.

Então não almoçou?

LINDORO.

Não, porque fugi.

ROSA.

(*Com timidez.*) Vamos, senhor Lindoro, seja franco. . . hoje ainda. . . não. . .

LINDORO.

(*Commovido.*) Obrigado, minha boa Rosa Michon. . . Ah! se ao menos eu tivesse os meus trinta annos de serviço. . . já tinha direito á pensão. . .

ROSA.

E ainda falta muito?

LINDORO.

(*Contando pelos dedos.*) Não. Vejamos... En entrei no theatro em. . . Faltão só 28 annos.

ROSA.

(*Passando á esquerda da mesa.*) Então Vmc. veio aqui por acaso?

LINDORO.

Sim; eu queria entrar em qualquer loja de sapateiro.... desejo mandar botar meias sólas. . . . por que eu mando concertar o meu calçado assim como o grande Corneille. (*Tirando um sapato de dansa, de dentro d'um papel.*) Quem hade dizer que este sapatinho ja dançou diante do rei!..... (*Procura bater uma quarta.*) Ai... ai... ainda não chegou o desgêlo. . . emfim, (*A Rosa.*) Vmc. quer. . . .

ROSA.

(*Botando o sapato sobre a mesa.*) Arranjaremos isso para lhe fazer favor, Sr. Lindoro, por que nós não fazemos se não obra nova. (*Ouve-se bulha d'uma sege.*) A modo que parou uma sege. . . alguma fregueza que chega. (*Sobe e abre a porta da loja.*) Ah! é uma nova. . . eu não a conheço. . . que lindo vestido! . . . que bella moça!

LINDORO.

(*Olhando a través dos vidros, lança um grito.*) É ella!

ROSA.

Ella, quem?

LINDORO.

Clara! Ah! as minhas pernas derretem-se como gêlo! (*Cahe sentado ao pé da porta; Clara entra.*)

SCENA 3.ª

Os MESMOS, e CLARA.

CLARA.

Bom dia, pequena.

ROSA.

(*A' parte.*) Não ha duvida, é ella.

CLARA.

Não estou contente com o meu sapateiro, quero outro. Indicarão-me o seu armazem, e vim procural-o. Minha cara, o seu bairro é muito insupportavel! . . que de povo! . . A cada

passo se atropella alguem. . . . não sei para que consentem toda essa gente na rua. . . incommoda a circulação !

ROSA.

Que obra precisa ?

CLARA.

Pequena, preciso calçar de novo toda a minha casa.... homens, mulheres, cocheiros, lacaios, cosinheiros.... paneleiros. . . despenseiros... copeiros &. &. Para mim, bástão só tres duzias de pares de sapatos, em quanto não chega o inverno.

ROSA.

Dentro em meia hora irá a sua casa uma caixa de amostras.

CLARA.

Muito bem, pequena.

ROSA.

(*Apresentando-lhe uma penna.*) Se a senhora me quer dar a sua morada. . . .

CLARA.

(*Depois de um momento.*) Não estou para escrever. (*Rasgando o sobrescripto d'uma carta.*) Ahi tem, pequena.

ROSA.

(*Lendo.*) Rua da Muralha, numero 7.

CLARA.

Sim. . . em casa do Sr. Conde de. . . (*Arrependendo-se.*) Em minha casa. (*A Lindoro, sem olhar para elle.*) Rapaz, chama o meu postilhão.

LINDORO.

(*Indignado, levanta-se.*) A mim ! . . .

CLARA.

Lindoro ! (*A' parte.*) Como está mal vestido !

ROSA.

(*A' parte.*) Vou deixal-os juntos. (*Sahe pelo fundo á esquerda.*)

SCENA 4.ª

LINDORO, e CLARA.

LINDORO.

Carroagem. . . cavallos. . . lacaios. . . Vmc. . . . a quem ha um anno, eu honrava com um de meus olhares ! . . ora tem razão em dizer que o mundo é o jogo do balouço ! Então, Vmc. está muito por cima. . . e eu cá, estou. . . .

CLARA.

No quarto andar ! (*Rindo.*)

LINDORO.

E ri-se. . . . Bem dizia eu, que era uma ingrata !

CLARA.

Tambem nunca lhe disse o contrário.

LINDORO.

(*Com amargura.*) No em tanto, o que Vmc. é deve-m'o a mim !

CLARA.

Ora deixe-se d'isso, meu caro, o que eu sou devo-o a mim mesma.... Saiba, que não é como dansarina que estou na moda ; é como mulher.

LINDORO.

Lá isso é verdade. O que eu fiz, foi a dansarina. . . a mulher fêl-a o diabo. (*Clara passa por diante de Lindoro ; elle olha-lhe para os diamantes.*) E fêl-a rica !

CLARA.

Rica ? . . . ora qual ! . . Em minha casa o dinheiro sahe no mesmo instante em que entra. . . não sei como isso é feito... é incomprehensivel. . . porque eu não dou esmola a ninguem.

LINDORO.

Queixa-se, quando tem uma fortuna nas orêlhas ?

CLARA.

Estes diamantes ? . . isto não presta para nada. . . Quero outros muito melhores. . . . ainda melhores do que os d'aquella

insolente Condessa de Rudentz, que o outro dia hia atropellando os meus cavallos.

LINDORO.

Como?

CLARA.

Eu voltava do bosque, quando á volta de não sei que rua, a minha sege achou-se lado a lado com a d'ella. . . quero disputar a passagem, e grito ao cocheiro: atropella. . . escangalha, mas passa!

LINDORO.

E passou?

CLARA.

Qual! . . o bruto ainda em cima, recebeo uma chicotada, quero dizer, meia, por que a outra metade levei-a eu na cara!... Eu não teria recebido semelhante affronta, se o imbecil do meu segeiro me tivesse posto brasão na carroagem!

LINDORO.

(*Admirado.*) Mas. . . onde o havia de ir buscar?

CLARA.

Em muitas partes. . .

LINDORO.

Ah! isso sim. . . sim. . .

CLARA.

Eu ja fui Duqueza. . . Marqueza. . . Baroneza. . .

LINDORO.

(*Inclinando-se.*) E agora o que é?

CLARA.

Condessa! meu cáro! . . . jurei vingar-me, e ha tres dias que me vingo.

LINDORO.

Da chicotada?

CLARA.

Justamente! . . . Meu Lindorosinho, apesar de tudo, eu sou boa moça. Não te procuraria. . . mas ja que te encontrei, não te deixarei ficar na rua.

LINDORO.

Deveras!

CLARA.

Uma idéa!

LINDORO.

Qual?

CLARA.

Se queres, ficas addido á minha pessoa.

LINDORO.

Como que?

CLARA.

Como mordomo. . . . Pagarás aos meus fornecedores; não terás nada que fazer.

LINDORO.

(*Comsigo.*) Que humilhação!

CLARA.

Então?

LINDORO.

(*Com apparente satisfação.*) Aceito.

SCENA 5.ª

Os MESMOS, o postilhão de Clara, ROSA, e depois ST.-PHAR.

ROSA.

Senhora, a caixa está na sua sege.

CLARA.

Bem. (*A Lindoro.*) Vês aquelle rapaz? (*Mostra-lhe o postilhão que espera á porta.*)

LINDORO.

Sim.

CLARA.

É o ultimo servo do senhor Boriloff, o unico que não roí.

LINDORO.

Porque, era duro?

CLARA.

Vamos, a sege está á nossa espera.

LINDORO.

Levas-me comtigo?

CLARA.

Sim, pódes subir.

LINDORO.

Para dentro?

CLARA.

Não.

LINDORO.

(*Indignado.*) Para traz?!...

CLARA.

Ora essa... um homem que me amou...

LINDORO.

Vamos lá...

CLARA.

Subirás para diante... com o cocheiro. Adeus, pequena (*Ao postilhão.*) Vem Moujicoff. (*Sahe seguida do postilhão.*)

LINDORO.

(*Sahindo, diz a Rosa:*) Com tudo, senhora Rosa, mande sempre concertar o sapato... porque não sei o que póde acontecer

ST.-PHAR.

(*Que entrou pela porta da direita. Sobre o fim d'esta scena, depõe o guarda chuva n'um canto, e diz comsigo:*) Onde iremos parar!... meu Deos!... Estas mulheres pavoneião-se nas carroagens, em quanto que as senhoras da alta sociedade, não se atrevem a entrar n'ellas.

ROSA.

O Senhor St.-Phar!

SCENA 6.ª

ROSA e ST.-PHAR.

ROSA.

(*Indo a elle.*) Ha um seculo que o não vêmos!

ST.-PHAR.

Depois que fiz a minha retirada, habito no campo.

ROSA.

No campo?

ST.-PHAR.

Sim, na rua Menilmontant; tenho uma casinha bem bonita! e um jardimzinho com uma arvore.

ROSA.

E é feliz?

ST.-PHAR.

Muito. O que sinto é ter desgostos.

ROSA.

Adevinho por que.

ST.-PHAR.

Ha dous mezes que não vejo....

ROSA.

Olympia, não é assim?.. ja não vai a sua casa?

ST.-PHAR.

Estive lá, logo que ella voltou dos banhos de Bourbonne; contou-me o seu encontro com a Condessa de Rudentz.

ROSA.

Sim, a sogra, que fugia d'ella como da peste.

ST.-PHAR.

Olympia deixou-lhe seus dominios e seus vassallos, e voltou a Paris, onde habita simplesmente, um grande palacio, grande de mais por que nunca lá vai ninguem. Ella recebia-me sempre muito bem... mas o marido fazia caretas quando eu chamava Olympia pelo seu nome, ou a tratava por tu como d'antes.... Eu esperava que elle se acostumasse... por que eu cá não podia perder um habito de dez annos. E de mais, como ja estou velho, isto não durará muito; porém creio que elle achou que durava de mais... Um dia apresentei-me no palacio, e não vi Olympia.

ROSA.

Por que?

ST.-PHAR.

Por que não me deixarão entrar.

ROSA.

É por que Olympia o não soube.

ST.-PHAR.

Certamente! ella nunca seria capaz de me fechar a sua porta... Se eu tal imaginasse.... A sua casa fica ao pé do cáes, perto da ponte....

ROSA.

E então?

ST.-PHAR.

Ter-me-hia lançado n'agua.

ROSA.

Oh!

ST.-PHAR.

E não era para fazer effeito, que eu me lançava n'agua... nunca tive essas pretenções... nem mesmo quando representava.

ROSA.

(*A' parte.*) Pobre homem! teve boa inspiração em vir hoje! (*Alto.*) O que succedeo a Vmc., senhor St-Phar, podia ter succedido a mim. O senhor Conde de Rudentz teria corado por ter uma cunhada sapateira... assim como n'outro tempo meu marido me teria prohibido ir á casa d'uma irmã actriz... o preconceito prenetra em todos. Comprehendi isto, e escrevi a Olympia: « Irmã, não posso subir até onde estás; se ainda me amas, « desce até onde estou. »

ST.-PHAR.

E que respondeo ella?

ROSA.

Nada. Desceo.

ST.-PHAR.

E veio a sua casa?

ROSA.

Vem uma vez por semana.

ST.-PHAR.

E em que dia?

ROSA.

A' terça feira.

ST.-PHAR.

Terça-feira é hoje... e a que horas?

ROSA.

A' uma.

ST.-PHAR.

Então não póde tardar!

ROSA.

Estou á sua espera.

ST.-PHAR.

Oh! poderei abraçar a minha filha!... a minha Olympia! e é a Vmc. que deverei esta ventura! (*Abraça Rosa.*) Não faça caso, tenho feito economias de ternura, tenho o coração cheio d'ella! posso dispensal-a á vontade! (*Abraça-a.*)

ROSA.

Olhe que pode ficar sem nenhuma! (*A Olympia que entra.*) Chega minha irmã a tempo.

ST.-PHAR.

Olympia!

SCENA 7.ª

Os MESMOS e OLYMPIA.

ST.-PHAR.

Minha filha!

OLYMPIA.

Meu bom pai!... Julguei que me tinha esquecido!

ST.-PHAR.

Esquecer-te!

OLYMPIA.

Como sou feliz em o tornar a ver! Bom dia, Rosa. (*Rosa*

vai para abraçar Olympia; St.-Phar empurra-a docemente, e toma o seu lugar.)

ROSA.

(*Sorrindo.*) Velho invejoso!

ST.-PHAR.

Então estás em resguardo na tua casa?...

OLYMPIA.

Que diz?

ST.-PHAR.

Nada... nada... Assenta-te... (*Retira a cadeira, e apresenta-lhe outra.*) Esta é melhor... (*Olympia senta-se.*) Mas os teus sapatos estão humidos... Viestes a pé com este tempo? Já não tens a tua sege?

OLYMPIA.

Deixei-a a alguma distancia d'aqui.

ST.-PHAR.

Hasde ter frio. (*Agitando-se.*) Que heide pôr debaixo de teus pés? (*Vai á mesa, pega n'um cartão, e o põe debaixo dos pés d'Olympia.*) Oh! isto é bom.

ROSA.

(*Trazendo um banquinho.*) Isso não, que são fitas.

OLYMPIA.

(*Tomando a mão de St.-Phar.*) Como é bondoso, meu pai!... Assente-se ahi, ao pé de mim. (*Rosa traz outra cadeira para o pé da irmã.*)

ST.-PHAR.

(*Tomando-a.*) Obrigado, foi a mim que ella disse, de sentar-me a seu lado. (*Rosa vai rindo, para á esquerda d'Olympia, e senta-se em uma cadeirinha.*) Agora, olha bem para mim!.. com o teu riso d'outro tempo!.. Meu Deos! acho-te pallida! estás doente?

OLYMPIA.

Não... não meu pai.

ST.-PHAR.

Mas então tens desgostos! (*A Rosa.*) Não lhe parece que Olympia tem desgostos?

OLYMPIA.

(*Esforçando-se para rir.*) Asseguro-lhe... que não.

ST.-PHAR.

(*Olhando-a bem em frente.*) Tu mentes! (*Olympia volta a cabeça.*) Eu bem sei que não sou ja o mesmo para ti... que ja não tens confiança em teu velho pai.... Teu marido contraria-te.... apoquenta-te ... anda, falla... a dôr confiada fica meia consolada!

OLYMPIA.

(*Chorando.*) Tem razão, meu pai... a dôr concentrada... a dôr que se occulta, róe, devora o coração!... Oh! sim!.. eu soffro... eu sou desgraçada!

ST.-PHAR.

Desgraçada!

OLYMPIA.

Vou dizer-lhes tudo, meus verdadeiros amigos!

ST.-PHAR.

(*Beijando-lhe a mão.*) Sim, falla.

OLYMPIA.

Carlos tinha lutado corajosamente contra o preconceito do mundo, que me atacava.... porém, desde a hora fatal em que a Condessa de Rudentz me repellio, e me renegou diante de todos.... parece que uma maldição ficou pesando sobre nós.... Voltámos a Paris; Carlos encerrou-se comigo no palacio; o meu amor, dizia elle, compensava-o de tudo quanto perdia... e eu acreditava-o.... tanto o amava!.. Aquella solidão, para mim tão cara... não tardou em se tornar monotona para Carlos... Ficava horas inteiras sombrio e silencioso... O Marquez Emilio de Rudentz, que se nos tinha conservado amigo, disse-me um dia: Carlos aborrece-se da solidão.... e isto póde matar seu amor... consinta que eu o faça sahir d'esta apathia.... » Elle o levou comsigo aos seus passeios, á cassa... ás suas antigas reuniões, onde elle encontrou a sua sociedade e os seus costumes d'outro tempo. Eu fiquei só, inteiramente só n'aquelle palacio, onde os amigos de Carlos não se dignavão visitar-me, e do qual havião expellido os meus!

ST.-PHAR.

A mim me fechárão elles a porta..... mas se eu soubesse que eras desgraçada, tinha entrado pela janella.

OLYMPIA.

As ausencias de Carlos forão ao principio curtas e raras; elle parecia hesitar ao entrar n'essa torrente de praseres, para a qual o arrastava seu primo.... mas bem depressa Carlos passava fora de casa, não só horas inteiras, como noites e dias. Finalmente, ha tres dias que o não vejo!.. que nem se quer appareceo em casa!... Então receei... mandei saber d'elle... nos circulos em que costumava comparecer não o tinhão visto... Cada vez mais inquieta, escrevi a Jorge... a Jorge, meu amigo... minha providencia!

ST.-PHAR.

(*Levanta-se.*) Então eu ja o não sou!

OLYMPIA.

(*O mesmo.*) Perdão, meu bom pai; Jorge não me é mais dedicado que Vmc... porem é moço e seria preciso, talvez, correr todo Paris. Jorge deve estar á minha espera; são tres horas; e eu me hia esquecendo d'elle na sua companhia. Adeos!

ST.-PHAR.

(*Detendo-a.*) Está chovendo a pótes... onde deixaste a tua sege?

OLYMPIA.

(*Tomando a manta.*) Perto d'aqui... na rua dos Polés.

ST.-PHAR.

Espera que eu vou chamal-a. (*Toma o chapeo de chuva, e sahe da direita*; *Firmino entra pelo fundo.*)

SCENA 8.ª

FIRMINO, ROSA e OLYMPIA.

ROSA.

Alguem? O senhor Jorge talvez!... Não; é Firmino.

OLYMPIA.

(*Surpreza.*) Firmino! quem te mandou aqui?

FIRMINO.

O senhor Jorge. Segundo as ordens de V. Ex.ª, eu o acompanhei. Corremos bastante, mas em fim, encontrámol-o.

OLYMPIA.

O senhor de Rudentz?

FIRMINO.

Sim, minha senhora, e o senhor Jorge mandou-me immediatamente aqui, para tranquillisar a V. Ex.ª

OLYMPIA.

Porque não veio elle mesmo?

FIRMINO.

Porque ficou esperando o senhor Conde.

OLYMPIA.

Aonde?

FIRMINO.

N'uma casa particular, na rua da Muralha.

ROSA.

(*A' parte.*) Rua da Muralha?

OLYMPIA.

De quem é essa casa onde está o senhor Conde?

FIRMINO.

(*Confuso.*) De ninguem... minha senhora.

OLYMPIA.

Ah! tu não me dizes o que sabes, Firmino? Vejamos: quero ouvir tudo.

ROSA.

Que numero é o d'essa casa?

FIRMINO.

Creio que é o numero 7.

ROSA.

(*Que tomou o sobrescripto que lhe deu Clara.*) Numero 7!... que infamia!

OLYMPIA.

(*Indo a ella.*) Que tens?

ROSA.

Eu sei quem mora n'essa casa.

OLYMPIA.

Tu sabes? quem é?

ROSA.

(*Confusa.*) Não... talvez me engane...

OLYMPIA.

É uma mulher! (*Arranca o papel das mãos de Rosa.*) Uma mulher! (*Lendo.*) *Clara*... esta letra é de meu marido!... *Clara*!... (*A Rosa.*) Comprehendes?... meu marido enganar-me-hia por...

ROSA.

É impossivel!...

OLYMPIA.

Sim, é impossivel... seria muito infame!... (*A Firmino.*) Firmino, falla-me a verdade!... toda a verdade!... eu te ordeno... supplico-te... quero... Minha irmã adevinhou, não é assim? Responde, essa mulher é amante de meu marido?

FIRMINO.

Eu prometti ao senhor Jorge...

OLYMPIA.

(*Passando á esquerda.*) Oh! é verdade!... é verdade!... E por elle eu sacrifiquei tudo! sacrifiquei a minha gloria d'artista... e toda a felicidade que essa gloria me dava!... Por elle, soffri tantos desdens e tantas humilhações... Eu dizia comigo: elle me ama! e elle enganava-me... trahia-me!...

ROSA.

Socega, Olympia!

OLYMPIA.

(*Passando á direita.*) Oh! já não tenho lagrimas nos olhos...

ja não tenho soluços no coração! . . Não posso resignar-me santamente, como outras, ao abandono e ao desespero. . . Tambem não posso, como outras, consolar-me com as homenagens d'um amante. Não quero que me enganem, por que eu não engano ninguem. (*Indo a Firmino.*) Rua da Muralha n.° 7? acompanha-me lá.

FIRMINO.

Eu, senhora!

OLYMPIA.

Sim, tu; eu t'o ordeno.

ROSA.

Pois tu irias. . . .

OLYMPIA.

Bem sei, não é passo que dê uma senhora nobre. . . porém eu não pertenço á nobresa. . . bastante m'o disserão.

ROSA.

Mas que vais fazer a essa casa?

OLYMPIA.

Buscar meu marido.

ROSA.

(*Pondo a sua manta.*) Eu vou comtigo.

OLYMPIA.

Um abraço, minha irmã.... receio morrer! . Vem. . . partamos. . . . (*Sahem seguidas de Firmino.*)

QUADRO QUINTO.

A casinha particular de Carlos de Rudentz.

Rico salão com tres entradas dando para outro salão. — Portas lateraes. — Lustres e arandellas illuminados. Tudo indica os principios d'uma festa nocturna. — A' direita adiante, um canapé, cadeiras e poltrônas.

LINDORO, mestre de dansa. DANSARINAS. (*Ao levantar do panno, as dansarinas estão em grupos para começar o baile* —O Peão fidalgo.)

LINDORO.

(*Com a sua rabequinha, e batendo o compasso.*) A compasso,

meninas, a compasso! (*A uma das dansarinas á direita.*) Nanine, vais fóra de tempo!..

NANINE.

(*Parando.*) Parecia-me que hia a tempo.

LINDORO.

Meninas, pelo amor de Deos... a compasso!.. (*A outra á esquerda.*) Esther, vais muito depressa.

NANINE.

É para acabar cêdo.

LINDORO.

(*A Esther.*) Vejamos a tua variação. (*Acompanha-a tocando a rabeca; depois pára de repente e diz:*) Que diabo fazes?... Não foi isso que eu marquei... Toma sentido. (*Dansando e cantando.*) Tra la la la... tra la la la... (*Pára dando um pequeno grito.*) Ai... (*Esfrega as pernas; todos riem.*) O desgêlo ainda não chegou! (*A Esther, muito zangado:*) Dansa lá como quizeres... vai para o diabo!... (*Ella dansa e elle acompanha-a.*) Nem graça nos braços... nem vigor nas pernas... (*A's outras dansarinas:*) Agora, um grupo engraçado! (*Ellas fórmão um grupo adiante á direita.*)

SCENA 2.ª

Os mesmos, e EMILIO. (*Entrando pelo fundo á esquerda.*)

EMILIO.

(*Applaudindo.*) Bravo! bravo! (*Desmanchão o grupo.*) Então que tal, senhor Lindoro, parece que a sua recepção é maravilhosa!

LINDORO.

Creio que este meu bailete hade agradar á senhora, para a festa que ella dá esta noite na sua casa da rua da Muralha.

EMILIO.

Ainda não é d'ella.

LINDORO.

Assegurão que o Sr. Conde lhe dará a propriedade, na occasião da sobremesa.

EMILIO.

É o que havemos de ver.

LINDORO.

(*A's dansarinas.*) Minhas gatinhas, vão para a estufa, que eu irei ter com Vmc.s . . o baile foi bem. ... ensaiaremos mais dez vezes. . . (*Ellas murmurão.*) Que boa vontade! . . vão minhas cutias. . . saião a compasso. . . (*Ellas sahem dansando.*) Que bando de pernas! . . (*Ao Marquez.*) Sr. Marquez, por mais que V. Ex.ª diga, seu primo cahio nas unhas d'essa boa Clara, completamente.

EMILIO.

Sim, o diabo meteo-se no corpo d'quella sirigaita. . . Não lhe poude esquecer a chicotada!

LINDORO.

Foi por baixo do olho.

EMILIO.

Jurou vingar-se da Condessa de Rudentz, e vingou-se. (*Levanta-se e passa á direita.*) Na verdade, é cousa que não se póde explicar... D'antes, Carlos hia raras vezes a casa... agora não vai nunca !.. Sangue azul ! . . . isto não pode durar muito.

LINDORO.

V. Ex.ª tem algum meio para romper esta união tão disparatada?

EMILIO.

Talves. . . .

LINDORO.

Deveras?

EMILIO.

Sim, tirando do lanço a meu primo, a tal sirigaita.

LINDORO.

Que ouço ! . . . V. Ex.ª tambem a ama?

EMILIO.

Está doudo ! . . nem a posso soffrer. . . . aborrecer-me-hia horrivelmente... porém devemo-nos sacrificar por nossos parentes.

LINDORO.

Silencio! ella ahi vem.

SCENA 3.ª

Os MESMOS, e CLARA. (*Em grande toilette.*)

CLARA.

(*Entrando da esquerda; a Lindoro, sem ver Emilio.*) Então mordomo, a festa d'esta noite será magnifica? (*Toma o meio.*)

LINDORO.

Estrondosa!.. N'aquillo que me toca, dansa, musica, cêa, e refrescos, será esplendida!... Em quanto á lista dos convidados, bem sabe que não é da minha repartição.

CLARA.

Não, isso não é comtigo. (*Vendo Emilio.*) Sua criada, Sr Marquez. (*A Lindoro.*) Teremos uma brilhante sociedade... Todo o corpo de baile da opera, e algumas damas do theatro francez... Estas ultimas pedirão-me para virem mascaradas.

EMILIO.

(*Rindo.*) Oh! oh!

CLARA.

Desejão guardar o incognito até á sobremesa... Mordomo, Vmc. sabe o regulamento. Só serão recebidas em dominós, ou em costumes.

EMILIO.

(*Recreando-se.*) Que pagode!..

CLARA.

Excepto os Srs. da côrte.

EMILIO.

Está direito.

CLARA.

(*Passando á esquerda.*) Aqui serão respeitados os privilegios.

EMILIO.

Dentro em pouco os perderemos de todo.

LINDORO.

(*Indo a Emilio.*) Felizmente que ainda V. Ex.ª conservão as suas casinhas particulares, aonde se divertem.

EMILIO.

Ou aonde nos allucinamos.... (*Baixo a Clara.*) Bella ninpha, não poderiamos ficar sós um instante?

CLARA.

(*A Lindoro.*) Mordomo, vá dar uma vista d'olhos sobre os seus preparativos.... faça trabalhar a imaginação ao menos!

LINDORO.

(*A' parte.*) Sempre é muito atrevida!

CLARA.

E então?

LINDORO.

Obedeço. (*Ao Marquez, sahindo.*) O' senhor Marquez, vingue-me d'essa arripiada... vingue-me!

SCENA 4.ª

EMILIO, e CLARA.

CLARA.

(*Indo sentar-se no canapé á direita.*) Marquez, diz que tem a dizer-me o quer que é?

EMILIO.

(*A' parte.*) Experimentemos. (*Alto.*) Então não suspeita... (*Em pé, por de traz do canapé.*)

CLARA.

Creio que sim... mas diga sempre.

EMILIO.

Em que ficámos hontem á noite?

CLARA.

(*Procurando.*) Não me lembra.

EMILIO.

Então será melhor começar de novo. (*Beja-lhe a mão.*)

CLARA.

Decididamente me ama, não é assim?

EMILIO.

(*Com paixão.*) Loucamente! .. (*A' parte.*) Cá para os meus fins.

CLARA.

Muito bem; e depois?

EMILIO.

Diga-me: a senhora gosta deveras de meu primo?

CLARA.

Certamente que gosto.

EMILIO.

(*Rindo.*) Ora!... Um macambusio! .. comigo a senhora estaria sempre a rir.

CLARA.

Como! pois o Sr. quer o meu amor para rir?

EMILIO.

(*Sentando-se ao pé d'ella.*) Ao contrario... é um caso muito serio..... Que lindo pésinho! ... que olhinhos!... Ora diga-me: e se fugissimos ambos? ... (*A' parte.*) Havia de te levar para bem longe!

CLARA.

Fugir! como anda depressa, Marquez!

EMILIO.

Eu ando como os acontecimentos. (*Beija-lhe o hombro.*)

CLARA.

O Marquez é audacioso!

EMILIO.

Qual! (*A' parte.*) É cá para os meus fins.

CLARA.

Veio-me agora uma idéa, Marquez.

EMILIO.

Ouçamos.

CLARA.

(*Com dúvida.*) Pareceo-me esse beijo. . . um beijo de Judas.

EMILIO.

Oh! que está dizendo!

CLARA.

E tambem me parece que o senhor em lugar de me amar. . .

EMILIO.

(*A' parte.*) Demais a mais será bruxa. . .

CLARA.

O que quer é indispor-me com o Conde.

EMILIO.

Leia em meus olhos!

CYARA.

Não lhe vejo nada.

EMILIO.

(*Suspirando.*) Repare n'esta emoção. . .

CLARA.

Deixe-se d'isso. . . o senhor está lá commovido!... Cuida que eu não sei o que são emoções?

EMILIO.

Não falle assim, encantadora Clara. . . Olhe que eu suicido-me. . . (*Ajoelha.*) Eis-me a seus pés. . .

CLARA.

Que prova isso?

EMILIO.

Deixe-me abraçar seus joelhos.

CLARA.

Não prova nada.

EMILIO.

Mas que. . .

CLARA.

Quer que acredite no seu amor?

EMILIO.

Se quero!

CLARA.

Pois então case comigo.

EMILIO.

(*Saltando para traz.*) Eim? que é que diz?

CLARA.

Preciso d'um titulo. . . É uma idéa que me acompanha desde que estive na Russia. . . O que queria era ser Duqueza, e o senhor só é Marquez; mas não importa, faça-me primeiro Marqueza, que eu depois o farei Duque.

EMILIO.

(*Levantando-se.*) Muito obrigado! (*A' parte.*) A mulher é dos diabos!

CLARA.

(*Levantando-se.*) Então que diz?

EMILIO.

Eu nada.

CLARA.

De mais, o Sr. não faria senão o que seu primo fez.

EMILIO.

Permitta-me. . . .

CLARA.

Não casou elle com uma mulher de theatro?

EMILIO.

Sim; mas. . .

CLARA.

Senhor Marquez, é escolher: tomar ou deixar.

EMILIO.

Pois então deixo. (*A' parte.*) Os meus fins não erão esses; nada, a minha dedicação não chega até lá. (*Jorge apparece no fundo.*)

SCENA 5.ª

Os MESMOS, e JORGE.

CLARA.

(*Baixo a Emilio.*) Quem é este senhor?

EMILIO.

(*Indo a Jorge, e dando-lhe a mão.*) Senhor Jorge.

JORGE.

Senhor Marquez. (*A Clara, comprimentando.*) Minha senhora.

CLARA.

(*Comprimenta, e diz á parte:*) Eu não convidei este homem.

JORGE.

Minha senhora, se me apresento n'esta casa, é porque me disserão que n'ella encontraria o senhor Carlos de Rudentz.

CLARA.

Sim, mas elle ainda não veio.

JORGE.

Dar-me-ha licença que o espere?

CLARA.

Pois não!... (*A Emilio.*) O seu braço, meu inimigo... porque nós somos inimigos.

EMILIO.

(*Dá-lhe o braço, e dirigem-se para a direita.*) Intimos!

CLARA.

Quando começaráõ as hostilidades?

EMILIO.

A' sobremesa; é quando a verdade sahe das garrafas.

CLARA.

Pois seja. (*Emilio acompanha-a até á porta; beija-lhe a mão, e volta para Jorge, vivamente.*)

SCENA 6.ª

EMILIO e JORGE.

EMILIO.

Ah! meu caro amigo, é o céo que o envia.

JORGE.

Como!

EMILIO.

Para salvar meu primo... a meu primo que naufraga... e a mim que já não tenho forças. O que me resta fazer, bem o adevinho: é naufragar com elle!... Creio que o demonio nos anda tentando!... Todos os dias eu venho aqui... a esta sua casinha particular.... Elle é casado, e tem casa particular!... e eu, que sou solteiro, não a tenho!... Quando aqui chego é com as melhores intenções... trago as algibeiras cheias de predicas; á primeira palavra, elle ri-se na minha cara!.... eu perco o meu serio, e rio-me tambem!... Esta tagarella, enche-me o cópo, e eu bebo á sua saude, sem dar por tal.... e em lugar de levar meu primo comigo, sou eu que fico com elle!.. Escute: esta noite vai haver aqui uma grande cêa; e eu ja adevinho que hei de cêar!.. não é isto uma desgraça?... Não sou um homem grave, como o Sr. Jorge; comtudo sou homem de coração... e, sangue azul! fico furioso quando penso que eu é que sou a causa!..

JORGE.

Com effeito, o Sr. Marquez...

EMILIO.

Mas tambem este diabo de meu primo, uma vez solto, fica desenfreado!.. Eu, é verdade, que o quiz distrahir dos seus desgostos de familia; porem elle tomou a distracção por maluquisse!.. Atirou com a sua fortuna para a primeira mesa de jogo, sem saber se lh'a ganhavão, ou lh'a roubavão!.. Em fim, tocou o extremo. Uma Clara, é mulher que se requeste, mas não que se conserve.

JORGE.

O Conde ama esta mulher?

EMILIO.

Qual!.. ama-a tanto como o jogo e o vinho. O que elle procura, não é o prazer, nem a felicidade... é o delirio... o esquecimento!

JORGE.

Quererá elle esquecer a Condessa?

EMILIO.

Não. O que elle quer é esquecer a maldição de sua mãi...

essa maldição que pesa em sua vida, e que lh'a torna insupportavel! . . . Estou certo, que não tendo elle força para romper estes laços infames que o deshonrão, abençoaria comtudo a mão que lh'os viesse cortar.

JORGE.

Acredita isso? Pois bem, senhor Marquez, essa mão será a minha. (*Dá-lhe a mão.*)

EMILIO.

A sua? Oh! eu contava com o senhor. Silencio! ahi vem meu primo. . . procure ser mais bem succedido do que eu. (*Sahe pela direita.*)

SCENA 7.ª

JORGE e CARLOS.

CARLOS.

O senhor Jorge aqui? . . . Se precisava fallar-me, porque não me procurou no palacio?

JORGE.

Porque V. Ex.ª já lá se não encontra; e o que tenho a dizer-lhe não soffre demora.

CARLOS.

(*Pondo o chapeo no fundo.*) Então queira ter a bondade de sentar-se.

JORGE.

Senhor Conde, ha pouco eu affirmei á Condessa de Rudentz, que seu marido só a ella amava.

CARLOS.

Senhor . . .

JORGE.

Ter-me-hei enganado? Disse mais á senhora Condessa, que havião calumniado seu marido, e que eu me compromettia a levar-lh'o sempre digno do seu amor. (*Movimento de Carlos.*) Fiz mal, senhor Conde?

CARLOS.

Hade permittir-me que lhe diga, que estranho muito o haver-se encarregado d'uma tal missão.

JORGE.

Porque, senhor ?

CARLOS.

Porque só um parente o poderia fazer ; e a senhora Condessa não tem familia.

JORGE.

Não tem familia!... Engana-se, senhor Conde! (*Movimento de Carlos.*) E se julgou poder despedaçar o coração de sua esposa, sob pretexto de que ella não tinha quem a protegesse... quem a defendesse... fez muito mal! a senhora de Rudentz não está só no mundo ; ella tem um irmão, que está prompto a morrer em sua defesa.

CARLOS.

(*Levantando-se.*) Isto parece uma ameaça!

JORGE.

Perdão! eu não ameaço... supplico!... Senhor Conde, por sua honra lhe peço... volte aos lares de sua casa, que por tanto tempo abandonou!... esqueça estes amores, indignos de seu nome, e de seu brio!

CARLOS.

(*Com escarneo.*) Conselhos, senhor Jorge? queira dizer-me: qual de nós é mais velho?

JORGE.

Aquelle que melhor se sabe respeitar.

CARLOS.

(*Um tanto raivoso.*) Senhor!...

JORGE.

Se V. Exª soubesse a tristeza que reina em sua casa, depois que a abandonou!... Se visse á pobre Olympia como eu hontem a vi!... banhada em lagrimas... estalando de dôr!... E nem uma queixa em seus labios... nem uma maldição em seu peito!.. Somente chamava por seu esposo, com supplicas e soluços... Senhor Conde, pense que V. Exª é todo o seu amor... toda a sua felicidade no mundo!... pense que o abandono a

desespera, e que o ciume a mata!... E Olympia está no auge da desesperação... Olympia póde morrer!

CARLOS.

Olympia!... Olympia!...

JORGE.

Está commovido, Sr. Conde?... Oh! V. Ex.ª sempre a ama!... Eu ganhei a sua causa, não é assim?

CARLOS.

Sim... e amanhã...

JORGE.

Amanhã? mas amanhã esta mulher, que ja lhe ha feito tanto mal, terá rehabilitado seu imperio!... terá apagado até o ultimo vestigio das lagrimas que eu lhe vejo derramar!... terá suffocado no coração de V. Ex.ª a ultima saudade... o ultimo remorso!... Não; não é ámanhã... é hoje... agora mesmo, que deve fugir d'esta mulher... que deve deixar esta casa.

CARLOS.

Hoje é impossivel... Está vendo. (*Mostra-lhe os preparativos do baile, e passa á esquerda.*)

JORGE.

(*Com amargura.*) Impossivel, por que essa Clara dá uma festa, não é assim?... E que importa?... n'esta casa hade haver sempre festa, mesmo não estando V. Ex.ª... em quanto que na de Olympia só haverão lagrimas!

CARLOS.

Acabemos com isto senhor; nada mais temos que dizer. (*Sobe ao fundo.*)

JORGE.

Está enganado, Sr. Conde.

CARLOS,

Não insista mais, Sr. Jorge.

JORGE.

(*Com resolusão.*) Jurei á Sra. Condessa que, hoje mesmo, V. Ex.ª acabaria as relações com sua amante.

CARLOS.

(*Com raiva.*) Quem o autorisou...

JORGE.

Sempre cumprí os meus juramentos.

CARLOS.

E como cumprirá esse?

JORGE.

Dirigindo-me primeiro á lealdade de V. Ex.ª

CARLOS.

(*Escarnecendo.*) E depois?

JORGE.

E depois... á minha espada.

CARLOS.

Começando por ahi...

JORGE.

Seja!

CARLOS.

Na verdade! O Sr. está doudo!

JORGE.

Sr. Conde, eu o espero. (*Ouve-se rodar de seges.*)

CARLOS.

Está vendo: chegão as carroagens... não posso afastar-me d'aqui... Só esta noite poderei bater-me.

JORGE.

Pois eu insisto que deve ser ja... Estou decidido a não o deixar mais nem uma hora n'esta casa.

CARLOS.

O senhor esquece que eu posso chamar gente?

JORGE.

E V. Ex.ª esquece que eu posso insultal-o?

CARLOS.

É de mais!... O lugar?

JORGE.

A traz da muralha, se fôr do seu agrado.

CARLOS.

(*Tomando o chapeo, e passando á esquerda.*) Seja. Porém não temos testemunhas. . . e n'um caso d'estes. . . uma fatalidade. . .

JORGE.

Tudo preveni. (*Tira um papel.*) Eis um passaporte em branco; elle pertencerá áquelle de nós que precise partir, para evitar perseguições.

CARLOS.

(*Examinando o papel.*) Vamos. Chega gente. É preciso que ninguem desconfie. . . Tome o meu braço, senhor Jorge. (*Dão-se o braço; Clara e Lindoro apparecem no fundo á direita.*)

SCENA 8.ª

Os mesmos, CLARA e LINDORO.

CLARA.

(*Entrando, diz para Lindoro:*) Mordomo, a ceia, aqui.

LINDORO.

Tudo está prompto.

CLARA.

(*A Carlos.*) Vai-se embora, meu amigo?

CARLOS.

(*Deixando o braço de Jorge.*) Só por um minuto... Pódem ir ceiando... que nós não tardamos.

CLARA.

Se o promette... (*Dá-lhe a mão, que elle beija.*)

CARLOS.

Prometto!

JORGE.

(*A' parte.*) Oh! elle partirá!... (*Sahem ambos.*)

SCENA 9.ª

CLARA, LINDORO, DE BRIONNE, DE FLASSAN, ESTHER, NANINE, DIONISIA. Damas mascaradas. Dominós &. Mais tarde um Dominó preto e outro côr de rosa.

CLARA.

Ah! chega a nossa gente! (*Vai ao encontro dos convidados, e os conduz a seus lugares.*)

EMILIO.

(*No fundo, diz á parte:*) Não me engano! . . . é Jorge e Carlos. . . Jorge que o leva para sua mulher. . . Esta bella Ariana fica abandonada! . . . (*Descendo á scena.*) Oh! esta noite heide ceiar com appetite! (*Ouve-se n'outra sala uma doce simphonia.*)

CLARA.

(*A Lindoro.*) Mordomo, mande servir.

LINDORO.

(*Dando-lhe uma campainha.*) Quando a senhora quizer tocar... (*Ella toca: immediatamente um alçapão abre-se, e vê-se subir uma mesa ricamente servida.*)

TODOS.

Bravo! bravo! (*Lindoro desapparece.*)

EMILIO.

O senhor de Richelieu não tinha uma casa melhor machinada.

CLARA.

Senhores, previno-os, que cada um deve servir-se a si mesmo; aqui não entrão os criados. (*Os homens collocão cadeiras á roda da mesa.*)

DE BRIONNE.

Se as senhoras quizerem, seremos nós os criados.

DE FLASSAN.

Não somos sempre os escravos?

CLARA.

A' mesa, senhores!

TODOS.

A' mesa! (*Collocão-se á mesa.*)

DE FLASSAN.

(*No canto da mesa á direita.*) De Brionne, assistio hontem ao jantar dos *guardas-do-corpo*, em Varsailles?

DE BRIONNE.

(*No outro canto á esquerda.*) Não; mas fizerão tal bulha, que o echo chegou a Pariz... que desde esta manhã está amotinado... Já teem quebrado um bom numero de candieiros!...

DIONISIA.

(*Em frente ao público.*) Aqui não se falla em politica.

DE FLASSAN.

E d'amor?

CLARA.

(*No meio, voltando as costas ao público.*) Ainda não.

DE FLASSAN.

Advertir-nos-ha quando chegar a occasião.

EMILIO.

(*Em pé.*) Sim; advertir-nos-ha.

DIONISIA.

(*A de Brionne, que veio ao pé d'ella beber-lhe no cópo.*) Olhe que bebeu no meu cópo.

DE BRIONNE.

Perdão! Foi de proposito.

DIONISIA.

Ainda não foi advertido. (*Todos riem.*)

CLARA.

(*Indicando de Flassan que conversa com um fidalgo.*) Eu denuncio o senhor de Flassan.

EMILIO.

Que fez elle?

CLARA.

Está fallando em politica.

TODOS.

Multado!

CLARA.

Multado em uma alegre cantiga.

DE FLASSAN.

Declaro-me incapaz... Em Pariz não ha alegria.

EMILIO.

Ora vamos! succeda o que succeder, em França nunca se está triste... Canta-se sempre, ri-se e diverte-se. Vou pagar por ti, visconde.

DE FLASSAN.

(*Cedendo-lhe o lugar.*) Bravo, Marquez; paga por mim.

EMILIO.

(*Em pé canta:*)

Resta-nos sempre uma hora serena,
Para o vinho, o amor e folía;

TODOS.

Resta-nos sempre uma hora serena,
Para o vinho, o amor e folía;

EMILIO.

O prazer que impera na arêna,
Como rei adoramos, de noite e de dia.

TODOS.

O praser que impera na arêna,
Como rei adoramos, de noite e de dia.

EMILIO.

A belleza que aqui nos consola,
As penas da vida nos faz esquecer;
O mundo, bem sabem, é feito uma bóla...
N'um dia a tristeza, no outro o praser!
Cantemos, bebamos,
O' bellas d'Amor!
Amanhã sereis sábias
Com todo o rigor.

TODOS.

Resta-nos sempre uma hora serena,
Para o vinho, o amor e folía!

EMILIO.

O praser que impera na arêna,
Como rei adoramos, de noite e de dia!

(*Emilio desce um pouco á boca da scena. Clara levanta-se, e deita-lhe champanhe no cópo.*)

EMILIO.

N'este cópo onde brilha o champanhe,
Vejo n'elle bem escripto o futuro!
A tristesa, que não me acompanhe...
Que affaste de mim seu aspecto tão duro!
Cantemos, bebamos,
O' bellas d'Amor!
Ámanhã sereis sábias
Com todo o rigor.

CORO.

Resta-nos sempre uma hora serena,
Para o vinho, o amor e folía;

(*Emilio beija o hombro de Clara. Ouve-se como um rumor ao longe; depois o tambor toca a chamada; bulha de lampeões que quebrão.—Movimento geral de espanto. No mesmo momento apparecerão dous dominós no fundo, que tomão lugar em quanto repetem o côro.*)

EMILIO.

(*Indo a cima e rindo.*) É a trovoada que passa... cantemos alto para não ouvil-a.

TODOS.

Resta-nos sempre uma hora serena,
Para o vinho, o amor e folía;

TODOS.

(*Dopois do côro.*) Bravo! bravo!

DE FLASSAN.

(*Examinando o dominó preto que se acha collocado á direita.*) O meu lugar foi tomado.

DE BRIONNE.

(*Do outro lado, vendo o dominó côr de rosa no seu.*) E o meu tambem!

CLARA.

(*Que não vio este jogo de scena; elevando o seu cópo.*) Senhores, vou propor um *toast*, como dizem os inglezes.

TODOS.

Ouçamos!

CLARA.

A' Condessa de Rudentz! (*Todos riem.*)

EMILIO.

(*Que não rio.*) Heim?

DE BRIONNE.

A qual d'ellas?

EMILIO.

Ha só uma, senhores.

CLARA.

Engana-se, Marquez; ha duas: e eu valho bem a outra.

EMILIO.

(*Escarnecendo.*) Ora essa!

CLARA.

Não sou tão amada como ella o foi?... não sou tambem uma artista?

DOMINÓ PRETO.

Uma artista, a senhora? (*Movimento geral.*)

CLARA.

(*Admirada.*) Heim? (*O dominó rosa approxima-se vivamente do preto.*)

DOMINÓ PRETO.

Sabe o que é uma artista?

EMILIO.

(*A' parte.*) Esta voz!...

CLARA.

Porém, senhora...

DOMINÓ PRETO.

Uma artista é a mulher que votou sua vida ao culto de tudo que é bello!... de tudo que é nobre!... Uma artista é a mulher que só tem uma ambição... um desejo... o de subtrahir uma faisca d'aquelle sagrado fogo chamado—*genio*!... Dramatica, é aquella que empallidece no estudo das obras do poeta, para chegar a traduzir os affectos de seu coração!... Cantora, aquella que á força de trabalho chega a comprehender os segredos d'uma harmonia divina... Dançarina, emfim, aquella que estorce seu corpo, como as outras estorcem sua alma, e a quem Deos recompensa

dando-lhe azas. Sim, essas são artistas . . . essas, por uma hora de triumpho, condemnão-se sem pesar a dias sem prazer, e a noutes sem descanço. (*Levanta-se.*) Uma artista, a senhora? . . . Responda-me então: o que fez de seus dias? o que tem feito de suas noutes? . . . Cala-se? . . . pois eu lh'o vou dizer: a senhora e as outras que pensão como a senhora, fizerão da arte um meio de vida. . . e do theatro, um pedestal de infamia! . . . Enriqueção em seus salões, mas não aviltem a arte, não deshonrem o theatro.

DE BRIONNE.

Bravo! bravo! Abaixo as mascaras!

TODOS.

Sim. . . sim! (*Muitas mulheres tirão as mascaras, e correm para o dominó preto: o côr de rosa, colloca-se entre o preto e ellas.*)

EMILIO.

Qual dos senhores as fará cahir?

CLARA.

(*Furiosa.*) Quem é esta mulher que assim me insulta em minha casa?

OLYMPIA.

(*Tirando a mascara*) Em sua casa?

TODOS.

A Condessa!

ROSA.

(*Tirando a sua.*) Já me hia faltando o ár.

EMILIO.

A senhora aqui! (*Baixo.*)

OLYMPIA.

Sube tudo, e vim. (*A Clara.*) Parece-me que a senhora fallou em sua casa. . . Engana-se: esta casa é do Conde de Rudentz, meu marido; portanto é em minha casa que a senhora está!

CLARA.

(*Com desafio.*) Sim?

ROSA.

E se quer que lh'o provem, não tardará muito. (*Todos sobem ao fundo.*)

CLARA.

(*Com desdem.*) Quem a chama cá, pequena?

OLYMPIA.

Repito-lhe que a senhora está em minha casa; deve portanto comprehender que não podemos morar juntas.

CLARA.

Veremos. (*Vai para sentar-se; Rosa tira-lhe a cadeira.*)

ROSA.

É inutil... não vale a pena. (*Tirando a cadeira.*)

CLARA.

(*Furiosa.*) É de mais!...

OLYMPIA.

Adevinho. Ha pouco perguntei-lhe o que fazia de suas noites... Vende-as, não é assim? (*Atirando-lhe uma bolsa.*) Ahi tem; está paga... Sáia.

CLARA.

Oh! é muito ultrage!... excluida!... excluida!... (*Ao seu postilhão que está no fundo.*) A minha sege! (*Suffocada, a Olympia.*) A senhora... a senhora... (*Mudando de tom.*) Ora adeos... volto para a Russia! (*Sahe.*)

SCENA 10.ª

Os mesmos, e FIRMINO.

FIRMINO.

(*Correndo da esquerda.*) Oh! meu Deos! soccorro! soccorro! (*Todos sobem ao fundo.*)

OLYMPIA.

Que succedeo? falla!

FIRMINO.

Ah! senhora é horrivel... Um duello no fim do jardim; o senhor Conde e um estranho... um d'elles cahio... (*Olympia vai para sahir; Jorge apparece sustido por dous lacaios, á esquerda.*)

SCENA 11.ª

Os mesmos, e JORGE.

OLYMPIA.

Ah!

ROSA.

O senhor Jorge! (*Lanção-se para elle e o fazem sentar.*)

JORGE.

(*Com voz affavel a Emilio*:) Eu bem sabia, que seria elle que partiria... (*A Olimpia.*) O senhor Conde deixou Pariz... a senhora irá ter com elle... Adeus Olympia!... paguei o tumulo de minha mãi! (*Morre nos braços de Emilio e de Rosa. Olympia se ajoelha diante d'elle.*)

ACTO V.

SEXTO QUADRO.

Casa de St.-Phar.

O theatro dividido em duas partes iguaes.—Á direita, o interior da casa de St.-Phar, em vista do público.—Interior simples.—No fundo uma chaminé; á esquerda, um buffete; á direita uma commoda; uma mesa entre a chaminé e a commoda; um velador á esquerda; cadeiras.— Á direita, uma porta dando accesso a um segundo quarto que se não vê.—Á esquerda, na segunda parte do theatro, um pequeno jardim, com uma só arvore; no fundo, uma gradesinha de páo pintada de verde, e que deita para a rua. Por cima dos muros do jardim, veem-se as casas da rua Menilmontant.

SCENA 1.ª

ST.-PHAR, depois BERNARDO, proprietario da casa. (*Ao levantar do panno, o velho St.-Phar, dando á cabeça tristemente, revolve as gavetas da commoda.*)

ST.-PHAR.

É escusado procurar... nada... absolutamente nada nas

gavetas. . . nem se quer um assignado! (*Dá um grande suspiro. Abre-se a grade do jardim, fazendo soar a campainha, e apparece Bernardo: a este signal, St.-Phar abre a porta que deita para o jardim; com tristeza, diz á parte:*) Eis justamente a visita que eu temia! (*Comprimentando Bernardo.*) Entre, senhor Bernardo... sou seu criado.

BERNARDO.

(*Entrando.*) Bom dia, meu cáro inquilino. . . Já me esperava, não é assim?

ST.-PHAR.

Sim, estamos em 8 thermidor. . . dia em que se vence o aluguel da casa. (*Chega-lhe uma cadeira.*)

BERNARDO.

Parecia-me que este 8 nunca chegava!

ST.-PHAR.

(*Sentado ao pé d'elle.*) Ah! o senhor tinha pressa? . . . (*A' parte.*) E esta? . . . (*Alto.*) Sou obrigado a pedir-lhe uma delonga, senhor Bernardo... é a primeira vez que tal me acontece.

BERNARDO.

Então parece que Vmc. este mez desperdiçou. . .

ST.-PHAR.

Desperdiçar! Ao contrário: fui obrigado a supprimir a meia chicara de café. . . a partida de dominó. . . e o rapé. Já não tomo rapé. (*Mostra a boceta vasia.*)

BERNARDO.

Mas Vmc. sempre recebe a sua pensão do theatro.

ST.-PHAR.

Sim; ella me era sufficiente em quanto eu estava só; mas agora não chega, porque somos dous. . . tenho comigo a minha filha; a minha Olympia.

BERNARDO.

Devéras!

ST.-PHAR.

Dous. . . não disse bem: somos tres, porque tambem tenho comigo a irmã de minha filha; Rosa.

BERNARDO.

(*Reflectindo.*) Rosa !...

ST.-PHAR.

Rosa Michon, a mulher do sapateiro da rua de St. Honorio. Oh ! elle estava em bom caminho ; tinha chegado a fornecedor dos exercitos.

BERNARDO.

E depois ?

ST.-PHAR.

Depois, arruinou-se... ou, para melhor dizer, o estado é que o arruinou. . . Pagavão-lhe em assignados, e elle pagava em dinheiro. . . isto não podia durar muito. . . Depois de ter dado o ultimo de seus escudos, por honra do seu emprego, o pobre do rapaz marchou corajosamente com o seu batalhão do Alto-dos-moinhos. . . sua mulher ficou comigo. Coitada ! ella tambem é corajosa ! . . . pedio trabalho a seus antigos freguezes. . . Porém agora o calçado não dá interesse ! . . . O que parece extraordinario ! . . . porque desde 89, que os Parisienses estão todos os dias na rua !... Por conseguinte devião gastar muitos sapatos.

BERNARDO.

E que foi feito do marido da outra sua filha, Olympia ?

ST.-PHAR.

Ah ! aquelle que fez tantas extravagancias ? . . . Felizmente que a desgraça é como o fogo : purifica. O senhor Carlos tinha-se arrependido, e Olympia perdoou-lhe. . . Quando tudo foi virado de baixo para cima. . . em lugar de fugir, como os mais para o estrangeiro, sentou praça, e partio com seu primo o senhor Emilio de Rudentz ; e a pesar de serem os primeiros que se expoem ao fogo. . . estão lá mais seguros do que aqui. Consegui persuadir Olympia d'esta razão, e ficou mais tranquilla. (*Rosa apparece na grade.*) Batem na campainha, ó Olympia. (*Abre a porta da casa.*) Não, é Rosa.

SCENA 2.ª

Os mesmos, e ROSA.

ROSA.

(*Entrando no quarto, e sentando-se á esquer da.*) Uff! estou cançadissima... e morta de fome!

ST.-PHAR.

(*A Bernardo, que se acha á sua esquerda.*) Tenho notado uma cousa, que é: quando ha menos dinheiro, é quando ha mais fome!

ROSA.

Sempre andei a valer!... (*Vendo Bernardo.*) Ah! bom dia, senhor Bernardo! (*A St.-Phar.*) Fui levar a obra ao senhor Mittonet, aquelle que nos comprou o nosso estabelecimento da rua dos Açougues.

ST.-PHAR.

E pagou-te?

ROSA.

Sim; deo-me quinhentas libras.

ST.-PHAR.

Quinhentas libras? Então, senhor Bernardo, podemos...

ROSA.

(*Baixo.*) Tio St.-Phar, olhe que são em assignados! (*Dalhe os papeis.*)

ST.-PHAR.

(*Suspirando.*) Paciencia! se os quer, senhor Bernardo...

BERNARDO.

Não... não... esperarei.

ST.-PHAR.

Então servirá isto para pagar á leiteira.

BERNARDO.

Sim... sim, pague á leiteira. Adeos, meu amigo. Até sempro, senhora Michon. (*Sahe conduzido por St.-Phar e Rosa, que ficão no jardim.*)

SCENA 3.

ST.-PHAR e ROSA.

ROSA.

(*Tomando o braço de St.-Phar e passeando com elle.* Eu trouxe pouco... mas foi o que pude!

ST.-PHAR.

(*Vivamente.*) Pobre pequena!

ROSA.

(*Alegremente.*) E com tudo, ainda ganho mais do que a pobre Olympia! Coitada! e ella tem um pesar immenso em não concorrer com alguma cousa... ainda não ha oito dias que ella me dizia: Rosa, é preciso a todo custo, que eu ganhe dinheiro... o pai não tem mais.

ST.-PHAR.

Sim... Sim... te...

ROSA.

Olympia tinha razão; Vmc. tudo sacrificou por nós.

ST.-PHAR.

(*Sorrindo.*) Eu não me queixo... Vossês é que se queixão.

ROSA.

(*Tornando a entrar no quarto.*) Não se deve affligir...

ST.-PHAR.

(*Seguindo-a.*) Ella é quem hade soffrer mais...

ROSA.

Sim, por que foi fidalga e estava acostumada ao luxo e á commodidade .. Cá eu não estranho, estava acostumada a tudo... ainda que cõma carne de cavallo... (*Rindo.*) Tudo me sabe bem.

ST.-PHAR.

É verdade... são horas de jantar? Olympia não tarda.

ROSA.

Vou por a mesa. (*Colloca a mesa defronte da chaminé, e*

põem a toalha.) É a hora em que ella volta todos os dias de fóra.

ST.-PHAR.

(*Tristemente.*) Pôr a mesa! . . . quando só temos um talher... e esse mesmo foi reservado para ella... e bem depressa...

ROSA.

Bem depressa ella comerá ao estanho, assim como nós. . . Paciencia, dar-lhe-hemos um abraço de mais.

ST.-PHAR.

Creio que ja passa da hora. . . (*Procura o relogio na algibeira.*) Sempre me esquece que o relogio está fazendo companhia aos talheres. . . e muitas vezes o procuro na algibeira, ou na commoda. (*Indicando a commoda, lança um grito de surpresa.*) Ah!

ROSA.

(*Que remechia no buffete.*) Ah!

ST.-PHAR.

O relogio voltou!

ROSA.

E os talheres tambem!

ST.-PHAR.

Aqui ha cousa. . . o monte do socorro não os deixava vir sós. . . (*Olympia tem entrado sem tocar, e a grade fica aberta.*)

ROSA.

Que será isto? que quer dizer?

OLYMPIA.

(*Entrando.*) Quer dizer, meus amigos, que somos ricos.

SCENA 4.ª

Os MESMOS, e OLYMPIA.

ROSA.

Ricos!

OLYMPIA.

(*No meio.*) Sim.

ST.-PHAR.

Tiraste a sorte grande?

OLYMPIA.

Meu bom pai, não quero que Vmc. se prive mais de cousa alguma, por nossa causa... Hade voltar aos seus antigos habitos. Agora vamos jantar, e esta noite irá ao espectaculo.

ST.-PHAR.

Ao espectaculo!

OLYMPIA.

E Rosa tambem. Tomei dous lugares excellentes para ambos, na primeira ordem das galerias.

ST.-PHAR.

Não ha duvida que tirou a sorte grande!

ROSA.

A que theatro vamos?

OLYMPIA.

(*Dando um bilhete a St.-Phar.*) Veja. (*Passa á direita.*)

ST.-PHAR.

(*Lendo.*) « Theatro da Republica. Hoje, 8 thermidor: *Horacio, para reentrada da...* » Ai... creio que li mal... não é possivel... reentrada da...

OLYMPIA.

Senhora Olympia.

ST.-PHAR.

Tu voltas para o theatro?... tu... tu...

OLYMPIA.

Eis o segredo das minhas vigilias...

ST.-PHAR.

Era para recordares os teus papeis?...

OLYMPIA.

Das minhas sahidas mysteriosas...

ST.-PHAR.

Hias ensaiar!... e eu não adevinhei!

ROSA.

Por que não nos disseste?

OLYMPIA.

(*Passando ao meio.*) Por que duvidava de mim; porque não queria dar-lhes uma esperança que podesse falhar. Tencionava mesmo nada dizer-lhes, senão depois de minha reentrada... O publico teve tempo d'esquecer-me... Poderia ser mal recebida... (*Movimento de St.-Phar.*) Em fim, quem sabe se eu ainda serei a mesma!

ST.-PHAR.

Que idéa!

ROSA.

Pode ser muito bem. Quando eu tornei a bordar sapatos, ja não tinha a mão firme como dantes.

ST.-PHAR.

Que comparação!

OLYMPIA.

Porém não tive coragem d'esconder por mais tempo. Preciso que Vmc. esteja no theatro, meu pai; preciso saber que Vmc. está perto de mim... que me vê... que me ouve...

ST.-PHAR.

Querida filha! Mas como podeste arranjar tudo isto?

OLYMPIA.

Uma vez resolvida... apresentei-me no theatro. Estavão ensaiando... todos os nossos antigos camaradas achavão-se reunidos. Então eu lhes disse: meus amigos, hoje estou pobre, muito mais pobre do que quando aqui me recolhêrão. Sim, muito pobre... porque já não se trata de mim só... trata-se tambem de meu bom pai adoptivo, que por minha causa está hoje sem pão.

ST.-PHAR.

(*Chorando.*) Olympia! (*Abraça-a.*)

OLYMPIA.

Não me envergonhei de fallar assim.

ST.-PHAR.

Que te respondêrão?

OLYMPIA.

Primeiro abraçárão-me, depois pagárão-me um mez adiantado. (*Dá o dinheiro.*)

ROSA.

(*Tomando a bolsa, que põe sobre o velador.*) E não foi em assignados!

ST.-PHAR.

E que fizeste quando te achaste de novo no theatro... no nosso bello theatro?

OLYMPIA.

Oh! não o sei dizer... a felicidade não se póde explicar... chorava!

ST.-PHAR.

Choravas?

OLYMPIA.

Sim... em quanto ensaiava, olhava para essa sala vazia, silenciosa... sombria, tão sombria como o luto das minhas recordações!... Eu reconstruia o passado... e julguei ver n'essa sala deserta todas essas cabeças tão bellas, e tão nobres, que a tormenta derribou... Mais distinctamente ainda me parecêo vêl-a, *a ella*!... *a ella*, que d'aquelle mesmo lugar me havia lançado graciosamente seu ramo!... *a ella*, cuja mão não lançará mais flores... cujos labios nunca mais hãode surrir!

ST.-PHAR.

Olympia, toma cautela... chora, porém baixo... muito baixo... Lembra-te d'aquella infeliz mulher que desvairada pela dôr... e talvez pela gratidão, gritou em plêna rua: *Viva a Rainha!* Este grito não podia dar vida áquella que ja não existia... porém matou áquella que o proferio!... Vamos, fallemos em outra cousa: quando representas?

OLYMPIA.

Não lhe disse que esta noute?

ST.-PHAR.

Esta noute mesmo?

OLYMPIA.

Sim.

ST.-PHAR.

Ah! meu Deos!... Os annuncios serião bem feitos?... a casa...

OLYMPIA.

(*Com praser.*) Está toda alugada! (*Rosa, sobe ao fundo para a mesa.*)

ST.-PHAR.

Muito bem!... Nossos amigos não poderáõ entrar... assim estaremos tranquillos... Eu sei o que convém... para um completo triumpho, não devem estar no theatro, senão os que comprão bilhetes, e os credores... A proposito, heide dar um bilhete ao meu senhorio... (*Toma o chapeo.*) Eu já venho.

OLYMPIA.

Onde vai?

ST.-PHAR.

Vou lêr os cartazes! E vou ver se os jornaes fallão de tí; se fallarem, eu t'os trarei.

ROSA.

E o jantar?

ST.-PHAR.

Entretanto vai esfriando..., eu já volto. (*Vai para sahir; indicando a porta da direita.*) Saio pela portinha da rua que fica mais perto. (*Sahe.*)

SCENA 5.ª

OLYMPIA, e ROSA.

ROSA.

(*Contemplando-a.*) Estou admirada!

OLYMPIA.

Porque?

ROSA.

Nunca te vi tão feliz!

OLYMPIA.

Oh! devéras... sou bem feliz!

ROSA.

Mas de que?

OLYMPIA.

Inda m'o perguntas! . . . Porque posso ajudar áquelles a quem amo... porque me sinto reviver na minha vida passada!... (*Passando á direita.*) Em fim, porque achei no correio uma carta de meu marido! . . . Adorada carta, na qual elle me diz, que me ama mais do que nunca. . . na qual elle me diz, que tanto se distinguio na ultima acção, que espera fazer esquecer como soldado, o crime de ser nobre.

ROSA.

A proposito de nobre. . . sabes quem encontrei esta manhã? o senhor Emilio de Rudentz, o primo de teu marido.

OLYMPIA.

Elle está em Pariz?!

ROSA.

Em pleno Pariz. Passeava como em sua casa; conversava com várias pessoas, e entendia com as ramalheteiras.

OLYMPIA.

É impossivel.

ROSA.

E nem se quer ao menos disfarçado! Sempre alegre, e estouvado como d'antes. Abraçou-me, deo-me a sua morada... pedio-me a nossa, e prometteo-me que nos viria ver hoje mesmo.

SCENA 6.ª

OLYMPIA, ROSA e EMILIO.

EMILIO.

(*Vestido simplesmente, porém atirando mais para fidalgo, do que para plebeu. Entrando.*) Uma grade verde... uma arvore amarella... deve ser aqui. (*Dando com Rosa.*) É aqui mesmo.

ROSA.

(*A Olympia.*) Não te dizia? ei-lo ahi... Entre, senhor Marquez.

EMILIO.

(*Rindo.*) Risque o titulo se não lhe dá incommodo. . . porém se não se póde desacostumar, continue porque eu não o escondo. (*A Olympia.*) Minha bella prima. . . (*Beija-lhe a mão.*) Então é aqui que mora? . . . Não é um palacio, mas não está máu!

OLYMPIA.

V. Ex.ª em Pariz?

ROSA.

Minha irmã não queria acreditar que eu o tinha encontrado...

EMILIO.

No Boulevard? com as mãos nas algibeiras e o nariz para o ar? . . . lá estou sempre, quando faz sól.

OLYMPIA.

Que imprudencia!

EMILIO.

Imprudencia? póde ser que não: os que se escondem são apanhados; os que apparecem talvez o não sejão.

OLYMPIA.

Falle-me de Carlos. . . partirão juntos.

EMILIO.

É verdade. Carlos e eu, presenciámos a revolução, com aquelle pesar que se póde imaginar! . . . E tinhamos razão, sangue azul! (*Reprimindo-se.*) Diabo! isto já se não diz. . . A guerra foi declarada. . . a França estava ameaçada. . . insultada. . . então só vimos o perigo da patria! . . . A nossa bandeira tinha mudado suas côres. . . mas era sempre a bandeira franceza! . . . E quando esta bandeira marcha á fronteira, e lá se colloca em face do inimigo... nobres e povo só conhecem um grito: *A' vante*! e este grito foi o nosso!... e por combatermos com punhos de cambraia, nem por isso as cutiladas erão menos pesadas!... As cousas corrião-nos menos mal até ao dia em que nos accusárão de entertermos relações com os emigrados!... Na nossa qualidade de fidalgos, immediatamente nos tornámos suspeitos... Mas, felizmente, tinhamos lá encontrado um antigo conhecimento, o senhor Michon.

ST.-PHAR.

Michon?

ROSA.

Meu marido!

EMILIO.

Arriscando sua vida, elle nos deo um salvo-conducto, que a muito custo pôde alcançar.

ROSA.

Pobre homem!

EMILIO.

A prudencia exigia que eu e Carlos não caminhassemos juntos; portanto separamo-nos haverá quinze dias. Com o salvo-conducto que lhe permittia passar para a Alemanha, deve elle a estas horas estar em segurança.

ROSA.

E V. Ex.ª?

EMILIO.

Eu tinha a escolher entre a Suissa e a Italia... porém decidi-me por Pariz... gósto mais da minha terra, apesar de seus defeitos. Eu frequento todos os circulos, passeios, theatros, &., e dou-me com pessoas da época... Querem saber? liguei-me com Tallien, um alegre patusco; tomou-me amisade por que eu bebo melhor do que elle. È presidente da Convenção e da-me bilhetes d'entrada. Vou para uma tribuna, muito a meu commodo!... Elles gritão, e ás vezes espancão-se; eu então fico esperando que se comão! É muito divertido!... (*A Olympia.*) Que é isso, querida prima, que tem?

OLYMPIA.

Tremo por meu marido. Oh! as pessoas que soffrêrão muito, tem um privilegio.

EMILIO.

Qual?

OLYMPIA.

O de presentirem, adivinharem a nova desgraça que as ameaça! Carlos está perdido se ficou em França... e eu sinto que elle está em Pariz. (*A campainha sôa. Com um grito:*) É elle!

ROSA.

Não; é nosso pai St.-Phar.

SCENA 7.ª

Os MESMOS, e ST.-PHAR.

ST.-PHAR.

(*Entrando.*) Aqui estou... aqui estou, e mais o jornal.

EMILIO.

Bom dia, senhor St.-Phar.

ST.-PHAR.

Adeos, senhor.

EMILIO.

E diz-me só isso? (*Rindo.*) Ah! ah! ah!

ST.-PHAR.

É um habito que tomei, e por isso não me queira mal!... No tempo presente estamos expostos a encontrar a cada passo pessoas que carecem d'esconder-se... E se quando as vêmos, nos pômos a exclamar: céos! é fulano!... ou sicrano, boas noite... ajunta-se povo... o desgraçado é conhecido... preso, e &. &. (*Dando a mão a Emilio.*) Então como tem passado?

EMILIO.

(*Rindo.*) Menos mal... Trouxe um jornal? temos alguma cousa de novo?

ST.-PHAR.

Se temos!

EMILIO.

Venceria o meu amigo Tallien? cumpriria tudo quanto prometteo hontem á noite á cêa?

ST.-PHAR.

A reentrada d'Olympia no theatro Francez... é tudo o que sei; veja, é official... aqui tem o *Monitor*. (*mostra-lhe o jornal.*)

EMILIO.

Devéras?

ST.-PHAR.

Pois lêia, ahi tem.

EMILIO.

Parabens, minha prima! A sua corôa de condessa cahio; mas vai cingir de novo a sua outra, d'artista... Talvez essa seja respeitada... sangue azul! (*Reprimindo-se.*) Diabo, sempre me esquece, isto ja se não diz. Pois vou applaudil-a!

OLYMPIA.

Como?

EMILIO.

Vou comprar um lugar nas galerias, em frente.

ST.-PHAR.

Bem; assim dá bem nos olhos... bastantes palmas.

ROSA.

(*Baixo a St.-Phar.*) Quer que elle se faça notar?

EMILIO.

Irei ao theatro depois da Convenção! Adeos, meu amigo. Olympia, tenha esperança!... tenha confiança na estrella dos Rudentz... ella a protegerá esta noite. (*Baixo.*) Assim como o protege a elle... senhora Rosinha; beijo-lhe as mãos. (*Beija-lhe o pescoço.*)

ROSA.

(*Desembaraçando-se d'elle.*) Chama a isto as mãos? já hoje são duas vezes. (*Acompanha-o até á grade; Olympia senta-se perto do velador á esquerda.*)

ST.-PHAR.

Agora, Rosinha, vamos jantar depressa, que ja deve estar sufficientemente frio... E de mais, quem representa á noite, deve jantar cedo, para ter o estomago livre, e desembaraçado. (*A Rosa que escuta.*) Vai, minha pequena, vai, tu não entendes o que eu digo; isto é para a gente de theatro.

ROSA.

(*Rindo.*) Então é outro caso. (*Entra á direita na casa.*)

SCENA 8.ª

ST.-PHAR, OLYMPIA, depois ROSA, e em seguida CARLOS

ST.-PHAR.

(*A Olympia, que pensa.*) Que tens tu? estás recordando o teu papel mentalmente?

OLYMPIA.

Não, não, meu pai.

ST.-PHAR.

Então em que pensas?

OLYMPIA.

(*Repellindo seus pensamentos.*) Esteve no theatro?

ST.-PHAR.

Não. Fui só ao gabinete de leitura, e depois fui lêr os cartazes.

OLYMPIA.

Ah!

ST.-PHAR.

E fiquei furioso!... Vendo uma chûsma de estupidos parados, disse comigo: Bravo! a reentrada d'Olympia faz sensação!... Chego-me para elles, sem mostrar que hia ouvir o que dizião de ti... sabes em que estavão fallando aquelles brutos?

OLYMPIA.

Não.

ST.-PHAR.

Em politica!... barbaros!... N'outro tempo a tua reentrada teria occupado todo Pariz... Ah! as revoluções!... as revoluções não são boas para os theatros!

ROSA.

(*Correndo.*) Olympia... senhor St.-Phar... Se soubessem...

AMBOS.

O que?

ROSA.

Elle estava na rua... fui fechar a porta que tinhão deixado

aberta; elle vio-me... eu o fiz entrar depressa... estou tremendo...

ST.-PHAR.

Quem?

OLYMPIA.

(*Levantando-se de repente.*) É Carlos!...

CARLOS.

(*Entrando.*) Olympia!

OLYMPIA.

Eu bem sabia que elle estava em Pariz!... Carlos! Carlos! (*Lanção-se nos braços um do outro.*) Meu Deos! Meu Deos! quanto sou feliz! (*Mudando de tom.*) Ah!... que me esquecia!... estás proscripto!... perseguido talvez!... O' Carlos!... Carlos!... para que voltaste?...

CARLOS.

Para te ver, e te abraçar!

OLYMPIA.

(*A St.-Phar.*) A porta está bem fechada?

ST.-PHAR.

Vou eu mesmo passar o ferrolho; Rosa, vai fechar a grade. (*Sahe pela direita; e Rosa vai fechar a grade.*)

OLYMPIA.

(*A Carlos, que está sentado á esquerda.*) Carlos, meu bem amado!... (*Vai para o abraçar; suspende-se ao toque da campainha.*) Céos!

ROSA.

(*Voltando.*) Não tenhas medo.

OLYMPIA.

Vai, Rosa, vigia por elle. (*Rosa entra á direita. A Carlos.*) Oh! este dia, devia ser um dia de felicidade!...

CARLOS.

De felicidade!...

OLYMPIA.

(*Olhando-o attentamente.*) Que tens?... Quando eu, á força

de prazer, pude esquecer os meus terrores, tu tens lagrimas nos olhos! . . . Occultas-me algum sinistro?

CARLOS.

O salvo-conducto que me foi dado, servia-me para passar a fronteira. . . porém a inquietação devorava-me; e a cada passo que me affastava, o coração se me partia. . . Pensava em ti. . . em minha mãi. . . nos perigos que corrião! . . . Então voltei: dirigia-me a Pariz, onde tu estavas, mas quiz parar em Rudentz, onde deveria estar minha mãi, a quem já lá não achei! ...

OLYMPIA.

Que dizes! . . .

CARLOS.

(*Levantando-se.*) O castello estava reduzido a cinzas! . . . Lá encontrei, chorando sobre a nossa ruina, um antigo servo de nossa familia!... soube por elle que minha mãi, escudada muito tempo pelo respeito de nossos rendeiros, tinha sido finalmente denunciada, presa, e conduzida a Pariz; estava perdida se eu aqui não chegasse ao mesmo tempo do que ella. . . Caminhei noite e dia. . . e agora que a vi. . . que a abracei. . . parto.

OLYMPIA.

Onde vais?

CARLOS.

Vou ter com Emilio; disserão-me que estava em Pariz.

OLYMPIA.

(*Detendo-o.*) Oh! tu não me deixarás! (*Rosa e St-Phar entrão.*)

ROSA.

O senhor Carlos quer ir-se embora?

OLYMPIA.

Não. Elle ficará.

ST.-PHAR.

Certamente não hade ir morar n'outra parte.

CARLOS.

Senhor St-Phar, aceito o asylo que me offerece, porém é preciso que eu veja Emilio, immediatamente.

OLYMPIA.

Espera ao menos que anoiteça... O' Carlos, se te vissem... se te reconhecessem...

CARLOS.

Pois bem; esperarei. (*Senta-se á esquerda.*)

ROSA.

(*Que tem acabado de preparar a mesa, traz a sopeira.*) O jantar está prompto.

ST.-PHAR.

Este jantar assemelha-se a um accessorio de theatro.

ROSA.

Vamos, á mesa.

CARLOS.

(*Que machinalmente tem pegado no jornal, e, percorrendo-o, dá um grito.*) Ah! (*Todos correm para elle.*)

OLYMPIA, ST.-PHAR e ROSA.

Que é!

CARLOS.

(*Designa com o dedo um artigo do jornal, porque mal póde fallar.*) Vejão... leião... leião...

ST.-PHAR.

(*Lendo.*) « Lista das pessoas que á manhã deveráõ apresentar-se no tribunal. »

OLYMPIA.

(*Que tem tambem lido, lança um grito abafado.*) Ah!

CARLOS.

(*Quasi louco.*) Minha mãi!... minha mãi!... (*Abraça Olympia.*) Olympia, eu corro á casa de Emilio... só elle póde salvar minha mãi! minha pobre mãi!

ROSA.

E sabe onde mora o senhor Emilio?

CARLOS.

Não. Mas eu me informarei... saberei.

ROSA.

Perturbado como está, compromette-se no mesmo instante! Eu vou com o senhor.

OLYMPIA.

Vai, sim... não o deixes.

ROSA.

Tranquillisa-te! (*Sahe primeiro, e abre a grade.*)

OLYMPIA.

Carlos, meu esposo .. não te exponhas... pensa em mim!

CARLOS.

Agora, Olympia, só penso em minha mãi! (*Atravessa, correndo, o jardim. Rosa o segue.*)

SCENA 9.ª

OLYMPIA e ST.-PHAR.

OLYMPIA.

(*Sentada á esquerda, soluçando.*) Ah! é muito soffrer!

ST.-PHAR.

Coitada! tão feliz esta manhã... isto é para enlouquecer! (*Ouve-se dar cinco horas. — Saltando:*) Cinco horas!... e o theatro!... se ella não podesse ir... tornar-se-hia suspeita!... (*Indo a ella.*) Olympia... minha filha... são cinco horas, e tu hoje não pertences a ti!... não tens o direito de chorar!

OLYMPIA.

Não ouço... Que está dizendo?

ST.-PHAR.

Dizia... tem paciencia... dizia, que representas esta noite.

OLYMPIA.

Sim; é verdade! (*Olhando para o dinheiro que está sobre a mesa.*) E já fui paga! (*Levanta-se.*) Não ha remedio! Representar!... fallar... declamar verso... com as lagrimas no coração! E não ha remedio... estou paga! (*Toma a sua manta, sem saber*

o que faz. Chorando.) Porém, como é possivel eu representar, quando meu marido talvez está perdido, e que sua mãi vai morrer!

ST.-PHAR.

(*Muito agitado.*) Bem sei que é horrivel!... (*Ferido d'uma idéa.*) Não obstante, é preciso que representes, Olympia! Foi uma inspiração divina, essa de entrares de novo no theatro!... A ex-condessa, a nobre dama decahida, nada póde fazer por aquelles que ama; porém a actriz, o idolo do público, póde obter muito... póde pedir muito!

OLYMPIA.

Tem razão, meu pai!... Vamos, pobre mulher! devora tuas lagrimas!... arrasta-te para a scena; sê forte... sê corajosa! pede á tua propria dôr, esses transportes que despertão o enthusiasmo! Não são applausos que vais procurar... são talvez duas existencias que vais salvar! (*Com um grito.*) Ao theatro, meu pai, ao theatro! (*Deixa a casa; depois pára no jardim, levando a mão á fronte.*) Meu Deos! (*Procurando reunir suas lembranças.*)Esta manhã no ensaio, não errei uma palavra... mas, agora... agora... não me lembra nem d'um verso... nem d'um unico verso!... Meu Deos! se tivesse perdido a memoria!... oh! não... não! heide lembrar-me!... assim o quero!... assim é preciso!... (*Batendo na testa.*) Ah! minha memoria!... minha memoria!... (*Procura lembrar-se; passa á direita.*) Vejamos! (*Com raiva.*) Oh! e se elles o matarem!... se elles o matarem!... (*Com uma crescente raiva, recita:*)

Sedento tigre o pranto me prohibe!
Quer que na morte sua, encanto eu libe!

ST.-PHAR.

(*A' parte.*) Vai chegando.

OLYMPIA.

(*Continuando:*)

Roma, a ti só meu odio palpitante!
Roma, a quem immolaste o meu amante?!...
Roma, que o vio nascer, que te enlouquece?
Roma, em fim, que eu detesto, pois te enobrece

ST.-PHAR.

Acalma-te, minha filha, se continúas assim, perdes a força para a noite.

OLYMPIA.

(*Na maior desordem.*)

Possão visinhos seus, contr'ella duros,
Razar-lh'os alicerces mal seguros;
E se não basta a Italia, o Oriente
Unido venha em peso ao Occidente!
Cem povos contra si de longes terras,
Corram p'ra a destruir, mares e as serras;
Seus muros contra si roge ella em sanhas,
Co'as proprias mãos rasgue as entranhas!

OLYMPIA.

(*Suspende-se de repente, como recordando-se.*) Que dizia eu?

ST.-PHAR.

(*Apontando:*)

A meus rogos, do céo a ira acêsa...

OLYMPIA.

(*Com desespero.*) Oh! esqueceo-me! esqueceo-me!...

ROSA.

(*Correndo pela porta do jardim.*) Senhor St.-Phar! senhor St.-Phar.!

OLYMPIA.

Carlos! Carlos!

ROSA.

(*Fóra de si.*) Está preso!

OLYMPIA.

(*Com crescente delirio.*) Elle... preso!... Meu pai... leve-me! quero representar... quero salval-o!... ou morrer! (*Precipita-se para a grade. N'este momento passa uma grande multidão, no meio da qual vai Carlos. Vê-se passar elle, pela porta do jardim, que Rosa deixou aberta, quando entrou. Vendo Carlos diz:*) Carlos! é elle!... (*Lança-se para a multidão, arranca-lhe Carlos, que conduz para o jardim; os agentes, e o povo os segue.*) Para onde o levão? Este homem é meu marido! Ouvirão? é meu marido!

ST.-PHAR.

Ella perde-se!

CARLOS.

Esta mulher engana-se... Eu não a conheço... levem-me, senhores, levem-me!

OLYMPIA.

(*Alcançando-o.*) Sou sua mulher, ja lhes disse... e não me separo d'elle!

AGENTE.

A ti, não temos ordem de prender.

OLYMPIA.

Oh! hãode prender-me!... Carlos, ao menos teremos a mesma prisão... o mesmo cadafalso!... Eu sei uma palavra que condemna e mata!...

ST.-PHAR.

(*Que comprehendeo, corre a ella e diz:*) Cala-te... desgraçada!

OLYMPIA.

(*Com delirio.*) Viva a Rainha!... (*Movimeato geral; grita mais forte.*) Viva a Rainha!

SETIMO QUADRO.

O Locutorio da Conciergerie. (prisão.)

Uma grande grade no fundo, dando para um pateo. — Porta á direita, dando para o interior. — Porta no fundo dando para fóra.— A' esquerda uma outra porta dando para um quarto. — Uma grande poltrona á esquerda.

SCENA 1.ª

CARLOS, e EMILIO. (*Carlos está sentado no braço da poltrona, Emilio está em pé.*)

CARLOS.

(*Continuando uma conversação principiada.*) Ja te contei a admiravel dedicação d'Olympia! Perdeo-se para seguir-me! chegados ambos aqui hontem á noite, fomos separados apesar das mi-

nhas supplicas e de suas lagrimas. Ainda a não vi hoje! Tambem não pude saber se minha mãi está n'esta mesma prisão . . . se ao menos estamos debaixo do mesmo tecto! . . . morrerei sem abraçal-a!

EMILIO.

Não hasde morrer... os acontecimentos da noite passada, devem ter mudado a face das cousas.

CRALOS.

Como te achas aqui?

EMILIO.

Como visitador... E não é por minha culpa, se tambem não me acho como preso. Por mais que faça, a morte não quer nada comigo. Ao contrário, quasi que tenho valimento, e vou empregal-o para te reunir a tua mãi, e a tua mulher. (*Vendo o inspector da prisão que apparece no fundo.*) Eis o homem justamente, ao qual me vou dirigir.

SCENA 2.ª

Os MESMOS, e MIGUEL.

EMILIO.

O' lá, Miguel! uma palavra. (*Mostrando-lhe um papel.*) Conheces esta assignatura? É de Tallien, e Tallien é poderoso.

MIGUEL.

Agora, sim; porem o que será á noite?

EMILIO.

Teu prisioneiro talvez! Não digo que não: mas por em quanto deves obedecer-lhe.

MIGUEL.

Falle.

EMILIO.

Este é meu primo, e quer ver a Condessa de Rudentz sua mãi, e Olympia sua mulher. Por tanto, vai buscar a Condessa de Rudentz minha tia, e Olympia minha prima. Eu não renego minha familia.

Vou mandar prevenir a cidadã Olympia. (*Baixo.*) Em quanto á ex-condessa...

EMILIO.

Então?

MIGUEL.

(*Mais baixo.*) Está no tribunal.

EMILIO.

Como! pois ainda funcciona?

MIGUEL.

Ainda.

EMILIO.

Oh! cala-te!... cala-te!...

CARLOS.

(*Aproximando-se.*) Obtiveste?

EMILIO.

Sim; vais ver Olympia!

CARLOS.

E minha mãi?

MIGUEL.

Eila que chega.. (*Baixo a Emilio.*) Durou pouco. (*Alto.*) Deixo-os com ella. Vou mandar conduzir a cidadã Olympia. (*Sahe. Vê-se chegar a Condessa.*)

SCENA 3.ª

CARLOS, a CONDESSA, e EMILIO. (*A Condessa passa ao meio; parece aniquilada pela idade e pela dôr, mas sempre com dignidade e soberba.*)

CARLOS.

(*Indo a ella.*) Minha mãi!...

CONDESSA.

Carlos... meu filho... já não esperava ver-te! (*Emilio beija-lhe a mão.*) Emilio!

EMILIO.

Minha tia, tranquillise-se a seu respeito.

CONDESSA.

Esta noute pedi a Deos me concedesse duas graças. . . e elle m'as concedêo. . . A primeira, meu filho, era poder abraçar-te ainda uma vez sobre meu coração.

CARLOS.

Minha boa mãi! (*Volta a cara e chora.*)

EMILIO.

(*Baixo á Condessa.*) E a outra, minha tia?

CONDESSA.

(*Baixo e com tranquillidade.*) De morrer. . . e elles acabão de me condemnar! (*Senta-se.*)

EMILIO.

(*Baixo.*) Morrer! (*Alto.*) Oh! essa não lhe será feita, eu o juro!

CARLOS.

(*Voltando-se.*) Que dizes?

EMILIO.

Digo que vou ter com Tallien. . . Que elles não hão-de obter uma só cabeça dos Rudentz, ou então que as hão-de fazer cahir todas! Tornar-nos-hemos a ver, ouvio, minha tia? tornar-nos-hemos aver. (*Sahe correndo pelo fundo*)

SCENA 4.ª

A CONDESSA, CARLOS, e OLYMPIA.

CONDESSA.

(*Olhando-o com bondade.*) Carlos, eu fui uma ruim mãi! e Deos podia punir-me, recusando-me a graça que me concede! porém Deos é bom! e posso dizer-te: meu filho, eu te abençôo. . . eu te abençôo. . . e te amo! (*Olympia apparece á direita, e pára vendo Carlos de joelhos nos braços de sua mãi.*)

CARLOS.

(*Vendo-a, levanta-se.*) Minha boa mãi, é só para mim que

tem palavras de ternura? eu não estou aqui só. . . aquella que eu tinha nomeado minha mulher, quiz participar do meu captiveiro; qualquer que seja a minhe sorte, nós a partilharemos ambos! . . . Minha mãi, n'esta hora suprema, digne-se reconhecer uma união santa que talvez a morte vá consagrar!

OLYMPIA.

(*Avançando com respeito.*) A senhora repellio a rica e brilhante Condessa. . . repellirá agora a pobre e humilde prisioneira? O nascimento separou-nos, mas a desgraça approxima-nos! Deos outorga a mesma piedade para todos os soffrimentos, a mesma palma para todos os martyrios!

CONDESSA.

É justo!... eu quiz separar o que o ministro do Altissimo havia unido. . . quiz amaldiçoar o que elle tinha abençôado! a febre do orgulho desvairava-me. . . Perdão! perdão, porque eu te repellí, minha filha! (*Dando-lhe a mão.*) Abraça-me.

OLYMPIA E CARLOS.

Minha mãi! (*Abração-se.*)

SCENA 5.ª

Os MESMOS, e MIGUEL.

MIGUEL.

O cidadão Carlos.

CARLOS.

Sou eu.

MIGUEL.

Esperão-n'o na secretaría, para uma assignatura.

CARLOS.

Minha mãi, minha esposa... tudo o que amo no mundo! a Providencia não permittirá uma separação! Até já. (*Abraça-as e sahe.*)

SCENA 6.ª

A CONDESSA e OLYMPIA.

CONDESSA.

Não tornar a ver meu filho!

OLYMPIA.

Que diz, senhora!

CONDESSA.

Escuta-me, minha filha; de todos os bens que me legárão meus avós, só me resta esta cruz!... pude subtrail-a a todas as vistas... Minha mãi deo-m'a em seu leito de morte, assim como eu agora t'a dou... guarda-a em lembrança de mim... que vou morrer!

OLYMPIA.

Morrer! (*Ouve-se fazer um chamada no pateo.*)

UMA VOZ.

Richemont! Preval! Simense! Rochevert!

CONDESSA.

Ouves, minha filha? chamão os condemnados!... não tarda que profirão o meu nome!... Obtem alguns minutos... eu queria orar... orar por meus filhos... vou para a minha camara, e quando fôr tempo... vem prevenir-me... que eu estarei prompta! (*Entra no quarto á esquerda.*)

SCENA 7.ª

OLYMPIA, e depois ROSA.

OLYMPIA.

Oh! ella não hade morrer... ella, que me perdoou! que me abençoou!

ROSA.

(*Entrando vivamente pelo fundo.*) Olympia! Olympia!

OLYMPIA.

Rosa! tu nesta horrivel prisão!

ROSA.

Não tenhas medo, que não vim aqui para ficar... saio já, e comtigo, minha irmã.

OLYMPIA.

Que dizes?

ROSA.

O pai St.-Phar, e eu, não temos dormido, não. Toda a noite levámos a correr d'um lado para o outro, a solicitar... a pedir... em fim, ainda agora, é que podémos obter a tua graça... eila aqui... bem assignada. (*Lendo.*) « Para deixar sahir, sãa e salva, a ex-condessa de Rudentz. » Agora só tens que ir á secretaría assignar o registro dos assentos, depois sahimos, e o mais depressa possivel.

OLYMPIA.

Deixal-a... a ella... é impossivel!

ROSA.

Ella, quem?

OLYMPIA.

Sua mãi... que elles condemnárão!

ROSA.

Ah!

OLYMPIA.

Ha pouco, chamava-me sua filha... abraçava-me... e d'aqui a alguns instantes...

UMA VOZ DE FÓRA.

A ex-condessa de Rudentz.

ROSA.

(*Subindo.*) Eim?

OLYMPIA.

(*A' parte.*) Oh! Carlos não a encontraría mais!

ROSA.

Parece-me que ouvi...

OLYMPIA.

(*Resoluta.*) Sim, o meu nome... é a mim que chamão!

ROSA.

A ti?

OLYMPIA.

Sim, tu mesma o disseste: para prehencher uma formalidade!

ROSA.

Ah! sim, e eu vou conduzir-te.

OLYMPIA.

Não, não Rosa... ao contrário fica... e se a senhora de Rudentz perguntar por mim... se ficar com cuidado... da-lhe este papel, que declara salva a vida da ex-condessa. Não a deixes, em quanto eu não voltar, promettes?... pensa que ella agora é minha mãi... que me chamou sua filha.

ROSA.

Pobre senhora! e onde está ella?

OLYMPIA.

Alli n'aquelle quarto.

ROSA.

(*Que foi ver.*) Sim, ella lá está de joelhos!

CARCEREIRO.

(*Apparecendo á direita.*) A ex-condessa de Rudentz.

OLYMPIA.

(*Vivamente indo a elle.*) Sou eu, senhor... sou eu. (*A' parte.*) Não minto: Condessa de Rudentz perante Deos, posso sêl-o no cadafalso!

ROSA.

(*Inquieta, vindo a ella.*) Olympia... vêm buscar-te... eu vou comtigo.

CARCEREIRO.

Não póde ser.

OLYMPIA.

Estás ouvindo? (*Ao Carcereiro.*) Permitta-me que a abrace, a ella... por todos quantos amo no mundo! (*Abraça-a.*)

ROSA.

Minha irmã, tu ja volt as, não é assim?

OLYMPIA.

Sim... sim... (*A' parte.*) Carlos! está bem pago o teu amor...eu te dou tua mãi!

SCENA 8.ª

ROSA, depois EMILIO, CARLOS, e MIGUEL.

ROSA.

É singular! julguei que para Olympia ir á secretaría, não poderia passar sem este papel... Talvez que sem elle não a acreditem. (*Bulha fóra.*) Que será!... ah! é uma carreta que parte... (*Senta-se.*) Meu Deos! que impressão me fez o rodar d'esta carreta... parece que as rodas me passavão por cima do coração!

EMILIO.

(*Entrando pelo fundo, com Carlos, e seguido de Miguel.*) Victoria! meu primo, victoria! repito-te: o partido de Tallien vence! (*A Miguel, mostrando-lhe um papel.*) Aqui está o decreto da Convenção, perante o qual todas as cadêas se quebrão... todas as portas se abrem.

ROSA.

É possivel!

MIGUEL.

Esse decreto chega tarde.

CARLOS.

Tarde!

MIGUEL.

Para os desgraçados, condemnados esta manhã.

EMILIO.

Ah! a Condessa de Rudentz...

MIGUEL.

Foi...

CARLOS.

Minha mãi foi... minha mãi!

SCENA 9.ª

Os MESMOS, e a Condessa. (*Apparecendo.*)

CONDESSA.

Chamaste-me, meu filho?

CABLOS.

(*Correndo a ella.*) Minha mãi! . . . és tu que eu torno a ver. . . que abraço?. . .

EMILIO.

(*A Miguel.*) Que é então que nos dizias?

MIGUEL.

Digo que ninguem faltou á chamada, e que uma mulher se apresentou ao nome de Rudentz.

ROSA.

(*Com desespero.*) Oh! era Olympia! (*Cahe nos braços d'Emilio.*)

TODOS.

Olympia!

ROSA.

Agora comprehendo. . . quiz morrer em lugar de sua mãi!

CARLOS.

Morrer?... oh! não... não... eu estou livre!... (*A Emilio.*) Dá-me essa ordem... por piedade! (*Toma o papel.*) Deos é justo. . . nós a salvaremos. (*Corre para fora.*)

TODOS.

(*Seguindo o.*) Nós a salvaremos!

QUADRO OITAVO.

Uma encruzilhada.

Depois da mutação, todo o mundo está nas portas e nas janellas, olhando com anciedade para á direita.—Na entrada d'uma rua, á direita no fundo, estão os municipaes, que empurrão a multidão que quer passar. — A Condessa apparece no fundo á esquerda, com Miguel e varias pessoas.

CONDESSA.

(*A alguns cidadãos.*) Meus amigos, por piedade. . . digão-me: chegarão a tempo? (*Ouve-se um grito á direita.*] Ah! é tarde! é tarde!

VOZES.

[*Das janellas.*] Salva! salva!

POVO.

Ella ahi vem! . . . ella ahi vem! [*Olympia apparece conduzida por Carlos e Emilio, seguidos de burguezes, que batem palmas, e agitão os lenços.*]

CONDESSA.

Olympia!

OLYMPIA.

Minha mãi. . . eu nada vi. . . nada ouvi. . . que foi que se passou?

ROSA.

Apesar dos meus gritos, não querião fazer parar a carreta! então St.-Phar lança-se adiante do cavallo... Foi atropellado... pisado aos pés. . . mas a carreta não avançou mais.

CLYMPIA.

Meu santo pai! [*Apparece St.-Phar, sustido por alguns do povo.*]

OLYMPIA.

[*Correndo a elle.*] Meu pai! (*Cahe de joelhos.*)

ST.-PHAR.

Já vés, minha filha, ainda que velho, servi para alguma cousa.

A VIUVA DAS CAMELIAS.

Maria Velluti

A

VIUVA DAS CAMELIAS;

SCENAS DA VIDA PARISIENSE.

COMEDIA EM 1 ACTO,

Traduzida do Francez

POR

D. MARIA VELLUTI.

RIO DE JANEIRO,

Typ. e Livraria de Bernardo Xavier Pinto de Sousa,

Rua dos Ciganos ns. 43 e 45.

1859.

PERSONAGENS.

Alfredo Coq-Heron.	Sr. Sousa Martins.
Mme. de Montaubin (Susanna) joven viuva.	Sra. Miró.
Clara, criada.	Sra. Julia Heller.

A

VIUVA DAS CAMELIAS.

COMEDIA EM 1 ACTO.

Rua de Provença, em 1856.—Interior elegante d'um *boudoir*: mobilia rica, de rodas; tapete, quadros, dous sofás no 1.º plano, um á esquerda, outro á direita; um velador no meio do theatro com objectos d'arte em cima; um piano á direita no 2.º plano, e por cima um retrato; uma janella á direita no 1.º plano.

SCENA 1.ª

CLARA, e depois SUSANNA. (*Ao levantar do panno, Clara está á janella.*)

CLARA.

Que é lá isso! . . . A senhora já de volta! . . . a visita foi curta! . . . só se lhe sobreveio alguma aventura! . . . a senhora é tão original. . . é mesmo uma phantasista! . . . (*Entra Susanna; toilete elegante, porém um pouco excentrico.*)

SUSANNA.

(*Rindo ás gargalhadas.*) Ah! ah! ah! é delicioso. . . divertido! . . . Clara!

CLARA.

Senhora ! . . .

SUSANNA.

Conheces bem o senhor Camuset ?

CLARA

O seu advogado ? vem aqui muitas vezes.

SUSANNA.

Venho de sua casa . . . Fui lá buscar os autos da minha demanda . . . E não sabes ? fez-me uma declaração ! . . .

CLARA.

Porque a senhora quiz . . . Sorria-lhe de um certo modo...

SUSANNA.

Sim, porque queria ver como um advogado fazia uma declaração . . . cousa curiosa ! (*Rindo.*) foi um requerimento sem ser em papel sellado... Larguei uma gargalhada... Abri os dous batentes das portas do seu gabinete, deixei-o de joelhos, em presença dos escreventes, que rião como loucos ! ... Ah ! ah ! que cara que elle fazia ! ... agora não tem remedio senão vender o cartorio.

CLARA.

Tome sentido... minha senhora...

SUSANNA.

(*Tirando as luvas e o chapeo.*) Ora, eu precisava rir hoje... acordei com idéas negras !... vou dizer-te uma cousa que te hade admirar !... Quando estava almoçando, tive saudades de meu marido...

CLARA.

Devéras, minha senhora?...

SUSANNA.

É uma sensaboria almoçar só.

CLARA.

O defunto senhor Conde, nem perisso era lá muito agradavel!... estava sempre no seu club.

SUSANNA.

(*Pensativa.*) Sim, o club das Batatas... Batatas club.

CLARA.

Andava sempre a ralhar... era muito colérico, impertinente, desconfiado, avarento e mao.

SUSANNA.

Basta, Clara. (*Olhando para um grande retrato d'um homem bem vestido, com bigodes e suissas.*) Meu pobre Raul!... como esta mulher te trata!... a ti, que eras tão nobre, tão grande!

CLARA.

Que diz, senhora?... elle era tão pequeno!...

SUSANNA.

Calle-se. (*Ao retrato.*) Meu Raul!... parece que te estou vendo no dia em que me pediste a meu pai! eu te aceitei com orgulho!... estava tão aborrecida na casa paterna!... (*Mudando de tom.*) Clara, tal como me vês, fui criada no algodão... meu pai fabricava barretes, profissão pouco bri-

lhante, mas lucrativa. Eu tinha duzentos mil francos em cada mão, no dia em que meu defunto esposo me conduzio ao altar.

CLARA.

Quatrocentos mil francos de dote!

SUSANNA.

(*Para o retrato.*) Que olhar nobre!... como está parecido com o meu Raul!

CLARA.

Parece-me que o senhor Conde tinha o nariz... não sei como me heide explicar... tinha o nariz... mais...

SUSANNA.

(*Olhando para o retrato, de luneta.*) Tens razão, Clara... o nariz não está bom!... É preciso que leves esse retrato ao pintor, e que lhe expliques como era feito o nariz de meu marido... tu que o tens na cabeça. (*Senta-se no divan á esquerda.*)

CLARA.

Sim, minha senhora, desculpe se fallei assim de seu defunto marido... porém como sei que a senhora não era feliz com elle, por causa do mao genio que elle tinha, por-isso tomei a liberdade...

SUSANNA.

Sim, elle era ciumento... brutal, insupportavel!... Se elle vivesse mais tempo, hia requerer o divorcio... (*Com indolencia.*) ou então, apunhalava-me, Clara... porque eu não sou feliz.

CLARA.

Oh! meu Deos! com 24 annos! rica! e viuva!

SUSANNA.

Ora! esta demanda que me fez a familia de meu marido, por causa das terras em Touraine...

CLALA.

Mas a senhora ganhou-a, graças a esse joven advogado, que, segundo dizem, demandou muito bem.

SUSANNA.

Sim, li o seu pleito... Parece-me um moço de talento... é pena que esteja na provincia!... desejava conhecel-o!

CLARA.

E valia a pena, porque lhe fez ganhar quinhentos mil francos.

SUSANNA.

Tambem paguei-lhe bem... Mas, desejava vêl-o, para agradecer-lhe de viva voz... Dizem que não é feio... (*Com melancolia.*) Clara!...

CLARA.

Senhora.

SUSANNA.

Estou aborrecida.

CLARA.

Torne a casar... talvez que isso a distraia.

SUSANNA.

(*Levantando-se.*) Tornar a casar!... nunca! da maneira que estão hoje os homens?... Uns *petit-maîtres*, que trazem ligas em vez de gravatas, e que cumprimentão assim... (*Arredonda os braços.*)

CLARA.

É verdade, parecem-me uns bonecos de taboleiro!

SUSANNA.

Quando entrão em nossos salões, exalão um cheiro de charuto, capaz de entontecer um granadeiro... Nada, gósto mais de ser loureira com elles... intertel-os com um olhar... uma palavra... apanhal-os no laço, e depois cassoar com elles... Se soubesses como gósto que me fação a côrte... e depois, quando elles cahem a meus pés, dar-lhes uma gargalhada nas bochechas!... É só quando me divirto!

CLARA.

Pois então é continuar.

SUSANNA.

Clara, hoje não tens violetas a dar-me?

CLARA.

Não, minha senhora, o senhor Monclard não as mandou hoje.

SUSANNA.

Ah! elle faz-me pirraças.

CLARA.

A senhora tem-n'o feito desesperar!... hontem sahío elle bem contrariado!

SUSANNA.

Isso logo lhe passa. Hade voltar.

UM CRIADO.

(*Apparecendo no fundo, e trazendo um vaso com uma camelia.*) Da parte do senhor Monclard.

SUSANNA.

(*Sem olhar.*) Eu não t'o dizia'? ... Clara, dá cá. (*Clara apresenta-lhe o vaso.*) Que arbusto é este? ... uma camelia!

CLARA.

Com um bilhete.

SUSANNA.

(*Tomando o bilhete preso á camelia. Lê:*) « A senhora « é uma loureira... amei-a porque os seu olhos mostravão « que isso a fazia feliz... Depois de trèz mezes d'uma côrte « assidua, com a cabeça em fogo, o coração perdido, lan- « cei-me a seus pés... a senhora tocou a campainha, e sua « criada appareceu... depois a senhora, olhando para mim, « largou-me na cara uma graciosa gargalhada. Adeus, Susanna, « perdou-lhe a minha morte. » Ah! desgraçado!

CLARA.

Vamos acudir-lhe...

SUSANNA.

Espera... Um post-scriptum... « No momento em que

« encósto o cano da pistola na fronte, batem... é o meu amigo « Beligni, que vem buscar-me para ir ver os cavallos que lhe « chegárão de Londres... Ja não me mato... vou ver os « cavallos. »

CLARA.

Cobarde!

SUSANNA.

São todos assim!... E não queres tu que eu me divirta com elles?... (*Lendo.*) « Todas as manhãs eu lhe mandava « violetas, porém a estação d'essa modesta flôr passou para a « senhora... remetto-lhe uma camelia; é a flor que lhe con- « vem; ella me vingara! » Ah! miseravel!... uma came- lia!... mandar-me a mim uma camelia!... Dá cá... (*Atira com o vaso pela janella.*)

CLARA.

(*Com um grito.*) Ah! senhora!

COQ-HERON.

(*De fóra.*) Com os diabos!... Quem é que atira os jardins pela janella?...

CLARA e SUSANNA.

Ah! (*Ficão immoveis.*)

COQ-HERON.

(*Ainda de fóra.*) Não está má a graça!

SUSANNA.

Um homem que passava!

CLARA.

Parece que se affastou!

SUSANNA.

Sim, já o não ouço... respiro. (*Uma violenta badalada na campainha faz estremecer a casa.*)

CLARA.

Estamos perdidas!

SUSANNA.

(*Recuando pouco a pouco, até á porta de seu quarto de cama.*) É elle... Clara, recebe-o, pede-lhe desculpa por mim... diz-lhe...

COQ-HERON.

(*Abrindo bruscamente a porta do fundo.*) Onde está o dono da casa?

SUSANNA.

Ah! (*Desapparece á esquerda. Coq-Heron traz o chapeo acachapado, e a roupa coberta de terra. Tem a Camelia nos braços.*)

SCENA 2.ª

COQ-HERON, e CLARA.

COQ-HERON.

(*Furioso.*) Onde está o dono da casa?

CLARA.

Meu amo, sahío.

COQ-HERON.

É materialmente impossivel!... Para me atirar com esta arvore á cabeça, estava em casa... Reclamo o meu assassino, quero leval-o perante o juiz d'este bairro.

CLARA.

Meu senhor...

COQ-HERON.

E dizem que Paris é uma cidade civilisada!... Matarem um homem na rua, ao meio dia e 37 minutos, com um sol claro e magnifico!... Demais, quando me atirárão com o vaso, passava ao mesmo tempo, junto de mim, um homem muito gordo: porque é que não escolherão a elle?

CLARA.

Meu senhor...

COQ-HERON.

(*Pondo a camelia sobre a mesa.*) Desgraçada, não sabes que assigno a minha escriptura de casamento á uma hora e 23 minutos? Não sabes que o tabelião está aparando a penna?... Não sabes que me caso com a menina Zoé — Herminia — Lucianna — Maria — Carlota —. Emma — Gertrudes — Angelica — Antonia de Jolivet?... Não sabes que toda a familia Jolivet, que montão a 31, ou 34, não sei bem o numero, está á minha espera?... Não sabes que toda essa familia está vestida de roupa fina, e de chapeos novos?... Não sabes que elles esperão por um noivo bem vestido, e que eu estou feito um judas em Sabado d'Alleluia?... (*Penteando-se.*) Vejão... vejão em que estado me pozerão!... parece que sahi d'um pantano!

CLARA.

Meu senhor . . .

COQ-HERON.

Não sabes que este chapeo do Pinau, custou-me 20 francos?... Não sabes que só os capitalistas pódem comprar todos os dias chapeos de vinte francos?.. Não sabes que eu não sou rico?... e que não posso gastar com os chapeleiros?... Aposto que tens algum chapeleiro na familia?

CLARA.

Não, senhor, meu pai tira nodoas do fato.

COQ-HERON.

(*Tirando a casaca.*) Bom, leva-lhe a minha casaca. (*Atira com a casaca a Clara.*) Agora não sáio d'aqui, sem que me paguem o chapeo... eu cá, tenho caracter; grudo-me n'esta cadeira, e verão se sáio. (*Senta-se ao lado da mesa do meio.*)

CLARA.

O homem é da pélle!

COQ-HERON.

(*Olhando para o retrato.*) Quem é este carão?... parece-se com o senhor de Framboisy!

CLARA.

(*Gravemente.*) É meu antigo amo... porém ja está defunto!

COQ-HERON.

(*Levantando-se.*) Está feito, a physionomia é magnifica!

(*Canta, zangado, sobre a aria do Sir de Framboisy, e dirige-se para o retrato.*)

« Foste tu, que na cabeça
« Me lançaste enorme vaso!

CLARA.

Meu senhor, juro-lhe que não foi elle.

COQ-HERON.

Senão foi elle, foi o irmão; é o mesmo. (*Canta:*)

Quero fallar ao irmão
Do senhor de Framboisy;
Hade pagar-me o chapeo,
Alias não vou d'aqui.
Tra la la la.

Hade pagar-me o chapeo.
Tra la la la.

SUSANNA.

(*Entra com ár muito grave.*)

COQ-HERON.

(*Suspende-se aturdido; á parte.*) Uma mulher! (*Cumprimenta-a constrangido; está sempre em mangas de camisa. Susanna vai para o sofá da esquerda, e tira da carteira um luiz.*)

SCENA 3.ª

Os MESMOS, e SUSANNA.

COQ-HERON.

Uma mulher! (*A' parte.*) Que vestuario barulhento!... estarei em casa d'alguma Leôa?...

SUSANNA.

(*Com gravidade ironica, apresenta-lhe o luiz.*) Aqui tem 20 francos, senhor; apesar de lhe pagar o chapeo, acredite que ficarei sempre muito sentida por um tão triste acontecimento, causado pelo meu descuido; mas esteja certo que expiarei a minha falta... por um arrependimento de toda a minha vida!... Dou-lhe a minha palavra, que em casa não me entrão mais flores... vou mandar pôr grades de ferro em todas as janellas... E talvez que um dia, testemunha dos meus esforços, o senhor me perdôe.

COQ-HERON.

Meu Deos!... Minha senhora, fique persuadida... que eu da minha parte... se tivesse sabido...

SUSANNA.

Fico persuadida, sim, senhor... Entretanto receba os 20 francos.

COQ-HERON.

Creia, minha senhora, que eu sou superior a isso!... Ganho menos mal com a minha profissão... (*Baixo a Clara que está perto d'elle.*) Da-me a casaca! [*Alto a Susanna, em quanto veste a casaca.* Na verdade, eu fiz uma entrada brutal... deixei escapar certas expressões... mas acredite que eu conheço todas as elegancias da lingua franceza! (*Saúda.*)

CLARA.

(*A' parte, rindo.*) Coitado! está quasi vencido!

SUSANNA.

(*A Clara, designando o retrato.*) Não te esqueça o que te disse a respeito do retrato de meu marido.

CLARA.

Não, minha senhora.

COQ-HERON.

(*A' parte.*) Seu marido?... É viuva! (*Alto.*) Minha senhora, retiro a palavra: « Framboisy. »

SUSANNA.

Não o comprehendo, senhor.

COQ-HERON.

(*A' parte.*) Melhor. (*Em extasis diante do retrato.*) Que bella cabeça!... parece o retrato de Raphael pintado por elle mesmo!... ou então a mimosa predilecta de Goete, com bigodes e suissas... e que ár bom!... faz vontade de comer!

SUSANNA.

Meu senhor, creio que abuso do seu tempo!

COQ-HERON.

Sim, minha senhora, creia que sou com veneração e respeito de V. Ex.ª o mais humilde dos criados &. &. (*Comprimenta recuando; faz cahir uma cadeira. Quer ganhar a porta, faz cahir uma figura chineza que está sobre o velador, e a figura quebra-se.*)

CLARA.

Ah! (*Apanha os cacos.*)

COQ-HERON.

O' diabo!

SUSANNA.

Meu Deos! o meu chinez de porcellana!

CLARA.

O homem está fazendo bonitas habilidades! (*Sahe á esquerda.*)

SCENA 4.ª

SUSANNA e COQ-HERON.

SUSANNA.

Uma raridade que me custou 400 francos!

COQ-HERON.

Quartocentos francos!... aqui estão, minha senhora (*Procurando nas algibeiras.*) Não quero ter na consciencia o peso d'um chinez.

SUSANNA.

Que faz senhor? Guarde o seu dinheiro.

COQ-HERON.

(*Como ferido em sua dignidade.*) Perdão: a senhora quer pagar-me um chapeo, e não quer que eu lhe offereça um chinez!...

SUSANNA.

Não, senhor; o que lhe peço é que me deixe.

COQ-HERON.

(*Muito commovido.*) Minha senhora, não posso retirar-me, sem que se convença de que o moço que está na sua presença, é um moço cheio de qualidades...

SUSANNA.

(*A' parte.*) Que massista!... (*Vai sentar-se no divan, e toma um bordado.*)

COQ-HERON.

(*Indo sentar-se ao pé d'ella.*) Vou contar-lhe a minha historia: Filho d'um velho militar, crivado de feridas... porem, pobre... (*Susanna larga o bordado com impaciencia, vai para o piano, e toca uma polka.*) A minha historia não lhe interessa. (*Levanta-se e seguindo a seu pesar o movimento da polka, vai polkando e contando a sua historia.*) Filho d'um velho militar crivado de feridas, porém pobre... entrei n'um collegio, onde fiz brilhantes estudos... Era preciso, com tudo, escolher uma carreira... Minha pobre mãi... (*A Susanna que toca.*) Apresse mais o movimento... Minha pobre mãi, boa e digna mulher, que tenho a felicidade de possuir ainda, e que tem orgulho em que eu seja seu filho... (*Polkando.*) Assim só não vai a compasso... (*A Clara que entra.*) Anda cá Liseta. (*Apodera-se de Clara, que ri ás gargalhadas, e polka com ella.*) Minha pobre mãi destinou-me ao fôro e agora sou um dos ornamentos do fôro moderno.

SUSANNA.

(*Levantando-se.* Estão dançando?... Clara sahe d'aqui.

CLARA.

Minha senhora, elle é tão esturdio!

SUSANNA.

Decididamente o senhor apoderou-se da minha casa?

COQ-HERON.

Até que a senhora me perdõe.

SUSANNA.

Então tem que esperar. (*Senta-se no sofá á esquerda.*)

COQ-HERON.

Não importa: hoje é terça-feira... não tenho que fazer senão domingo de manhã.

CLARA.

E o seu casamento?

COQ-HERON.

È um casamento de conveniencia; a familia Jolivet que espere. (*Senta-se em uma poltrona.*)

SUSANNA.

(*No sofá, e bordando com raiva.*) Clara, lê o jornal.

CLARA.

Sim, minha senhora. (*Lê.*) « Emprestimo hespanhol. — « subscreve-se em Pariz... » Minha senhora, dizem que isto é um negocio magnifico!

COQ-HERON.

Sim, para os hespanhoes... hi hi hi.

CLARA.

(*Lendo.*)« O musêo acaba de receber um animal extraor-

« dinario !... um boi com quatro orelhas. » Ah ! minha senhora, quatro orelhas...

COQ-HERON.

Sim, quatro orelhas... de que te admiras?...

SUSANNA.

(*Levanta-se.*) Senhor, ó tempo de sahir.

COQ-HERON.

(*Levantando-se.*) Não estou disposto.

SUSANNA.

Clara, vai chamar a guarda.

CLARA.

A guarda?

COQ-HERON.

(*A' parte.*) Com a guarda não quero brincadeiras... (*Alto.*) Minha senhora, retiro-me.

SUSANNA.

Graças a Deos !

COQ-HERON.

A senhora não hade consentir que eu me apresente na rua com um chapeo que passou por uma desgraça.

SUSANNA.

Quer que lhe empreste um dos meus?

COQ-HERON.

Isso seria muito notado... e creio mesmo que as nossas cabeças não regulão... Permitta que a sua criada vá comprar-me outro chapeo.

SUSANNA.

Clara, vai comprar um chapeo para este senhor. (*Com impaciencia.*)

COQ-HERON.

(*A Clara.*) Leva este para medida.

SUSANNA.

Depois retira-se?

COQ-HERON.

Immediatamente. (*A Clara.*) Toma cinco luizes para ti... vai depressa, não converses com o Manoel.

CLARA.

Manoel!

COQ-HERON.

Nem com o porteiro.

CLARA.

(*Rindo e sahindo.*) O homem é das Arabias!

SCENA 5.ª

SUSANNA e COQ-HERON.

SUSANNA.

(*A' parte, sentando-se.*) E não me heide vingar das impertinencias d'este massista! (*Vendo a carta, que tem rasgado.*) Ah! aqui está a minha vingança.

COQ-HERON.

(*Comsigo.*) É uma mulher encantadora! Não quero que fique pensando que eu sou algum ignorante! (*Passeia, e vendo um bandolim sobre o piano:*) Toca bandolim, minha senhora?

SUSANNA.

Alguma cousa.

COQ-HERON.

Tambem eu; quer ouvir? (*Pega no bandolim.*) « O chapeo do bacharel Pedro. » É um romance, traducção do hespanhol. (*Susanna sorri.*) Primeira copla: (*Canta, acompanhando-se no bandolim, e apoiando o pé sobre uma cadeira ao lado da mesa:*)

D'uma janella em Sevilha,
Terra d'Andalusia,
Um vaso de camelias
Deixou cahir um dia,
Uma linda viuvinha,
Sobre um chapeo que tinha
Pedro, moço Bacharel,
Que, correndo de tropel,
A' porta da Dama bella
Foi com furia de leão;
Porém logo que a vê,

Se arrepende do que faz
E lhe supplica perdão. (*Aproxima-se de Susanna.*)
Tra la la la la,
Tra la la la la,

Conceder-lh'o-hão ?

SUSANNA.

(*Fallando, e olhando-o.*) Senhor !

COQ-HERON.

(*Tomando a sua primeira posição, canta* :)

Succedeo isto em Sevilha.
No anno cincoenta e seis,
Onde os olhos das viuvas
Aos amantes davão leis.

SUSANNA.

(*Sorrindo.*) Canta muito bem !

COQ-HERON.

(*Com modestia.*) Alguma cousa... alguma cousa... menos mal... agradavelmente.

SUSANNA.

Eu não sou da sua força... Permitte? (*Toma o bandolim.*) Vou á segunda copla. (*Canta acompanhando-se do bandolim.*)

A dama ficou zangada ;
Pedro então para amimal-a
Vai tocando o bandolim ;
Com seu canto a dôr exhala ;
Seu canto dizia assim :
Tra la la la,
Tra la la la .

Supplicante lhe pedia
Perdão por tanta ousadia !

A Dama, que era boa,
De bom grado lhe perdoa.
Tra la la la
Tra la la la.

COQ-HERON.

Que! minha senhora, seria possivel!... (*Com transporte.*)

SUSANNA.

(*Canta* :)

Succedeo isto em Sevilha
No anno cincoenta e seis,
Onde os olhos das viuvas
Aos amantes davão leis.

COQ-HERON.

(*Com enthusiasmo.*) Oh! minha senhora, minha senhora, V. Ex.ª é adoravel!.

SCENA 6.ª

Os MESMOS, CLARA. (*Entrando.*)

CLARA.

Senhor, aqui está um chapeo novo.

COQ-HERON.

(*A' parte, contrariado.*) Que séca!... (*Alto.*) Vai-te embora.

CLARA.

E o chapeo?

COQ-HERON.

Vai para a cosinha... cheira a queimado... é o jantar... vai, vai... (*Empurra Clara que sahe pela direita.*)

SCENA 7.ª

COQ-HERON e SUSANNA.

COQ-HERON.

(*Com enthusiasmo.*) Ah! minha senhora! ah! minha senhora!

SUSANNA.

Agora ja tem o chapeo, pode-se retirar.

COQ-HERON.

Perdão, minha senhora...

SUSANNA.

O seu contracto assigna-se hoje, e a tribu dos parentes...

COQ-HERON.

Não faz mal... é um casamento por conveniencia.

SUSANNA.

Porém a sua noiva...

COQ-HERON.

Ha 18 annos que espera; pode esperar mais duas horas.

SUSANNA.

Desoito annos? . . . então é moça?

COQ-HERON.

Que grande cousa! . . . quem é que não é moço? . . . os velhos; e mesmo assim. . . demais ella é morêna. . .

SUSANNA.

Uma côr muito engraçada.

COQ-HERON.

Uma côr alsaciana.

SUSANNA.

A Venus de Strasbourg.

COQ-HERON.

(*Rindo-se e sentando-se perto d'ella.*) Venus! Digão o que quizerem, não ha nada como as mulheres acastanhadas!

SUSANNA.

Deveras? (*Sorrindo.*)

COQ-HERON.

(*A' parte.*) Se não me engano, ella começa a interne-cer-se. . .

SUSANNA.

Que tem?

COQ-HERON.

(*Animando-se.*) Escute-me, senhora, eu sou fatalista. . .

Agora abençôo o vaso das camelias que me atirou á cabeça... porque logo que me não matou, é porque devo viver para V. Ex.ª . . . é a linguagem, a verdadeira linguagem das flôres!

SUSANNA.

(*Com requebro.*) Isso é graça.

COQ-HERON.

(*Animando-se cada vez mais.*) Graça! . . . Não, minha adoravel senhora, não é graça . . . Não sei o que se passa em mim. . . tenho febre. . . o coração bate-me. . . quer ver? . . . dê cá a mão. . . O ar que respiro n'este gabinete, embriaga-me como se fosse champagne . . . A senhora perdoou-me, eu vi-a sorrir-me . . . Ah! eu endoudeço. . . o meu coração tambem endoudece. . . eu ardo. . . o meu coração tambem arde . . . Minha senhora, eu amo-a. . . amo-a como louco. . . (*Lança-se-lhe aos pés.*)

SUSANNA.

(*Radiosa, puxa pelo cordão da campainha, e levanta-se. Clara apparece no terceiro plano á direita.*) Clara, um cópo d'agua para este senhor.

CLARA.

Sim, minha senhora. (*sahe.*)

SUSANNA.

(*Passando por detraz do canapé.*) A agua deve acalmal-o. (*Vai buscar o chapeo novo em cima da mesa, approxima-se de Coq-Heron que está sempre de joêlhos, e dá-ih'o, largando uma gargalhada na cara d'elle. Canta:*)

Succedeo isto em Sevilha,
No anno cincoenta e seis.

COQ-HERON.

(*Sempre de joelhos.*) Porem, minha senhora...

SUSANNA.

(*Canta :*)

Onde os olhos das viuvas
Aos amantes davão leis.

(*Retira-se pelo 3.° plano á direita, rindo ás gargalhadas.*)

SCENA 8.ª

CLARA e COQ-HERON. (*Clara com o cópo d'agua.*)

COQ-HERON.

(*Levantando-se.*) Gracejou comigo? ... máu... máu... por que emfim, se a minha entrada foi inconveniente, pedi-lhe perdão... e como ella é bonita... a sua vista causou-me um effeito extraordinario... a mim que só estou acostumado a vêr advogados e tabelliães, gente de ordinario muito feia... principalmente nas provincias.

CLARA.

(*Apresentando-lhe a agua.*) Aqui tem a agua.

COQ-HERON.

Deixa-me. (*Comsigo.*) Todo o homem tem direito de dizer a uma mulher « *amo-a.* »

CLARA.

Aqui tem a agua.

COQ-HERON.

Ja te disse que me deixasses !. . . (*Continuando.*) E nenhuma mulher tem direito de caçoar com elle, quando é sincero... e eu fui sincero ! . . . Demais, não sou nenhum homem á tôa . . . Sou defensor da viuva, do orphão, e de todo o ratoneiro que quer depositar em mim a sua confiança ! . . . Ha pouco tempo, ganhei a causa d'um homem que tinha feito a mulher em pedaços ! . . . para isto é preciso ser alguma cousa. . . é preciso que tenha passado por duros exames. . . (*Tira um cartão d'algibeira, e deita-o em cima da mesa.*)

CLARA.

Certamente. . . e se a senhora tivesse sabido. . .

COQ-HERON.

Onde está o meu chapeo? Ah ! tenho-o na mão.

CLARA.

(*Dando-lhe o chapeo amarrotado.*) E este, o infeliz ?

COQ-HERON.

(*Examinando-o.*) Concertado. . . (*Pondo o chapeo na cabeça.*) Adeos, Maria.

CLARA.

(*Indicando-lhe a agua.*) E a agua ?

COQ-HERON.

Não tenho sêde. (*Sahe pelo fundo.*)

SCENA 9.ª

CLARA e SUSANNA.

CLARA.

Não desgósto deste parlapatão!

SUSANNA.

(*Entrando e rindo.*) Foi-se finalmente?

CLARA.

Sim, minha senhora, e bem afflicto... pode acredital-o!
(*Leva o copo d'agua para dentro á esquerda.*)

SUSANNA.

(*Rindo.*) Se te parece defende-o!... A cara com que elle ficou, quando te pedi a agua!...

CLARA.

Elle não é feio! e é elegante!

SUSANNA.

Qual elegante!... sem distincção... sem maneiras... ah! ah! ah! ah! Quando elle estava de joelhos... ah! ah! ah! ah! ah! que cára... ah! ah! ah! ah! de espantado! ah! ah! ah! ah!

CLALA.

A posição não era propria para um advogado!

SUSANNA.

Advogado, elle?

CLARA.

Defensor da viuva, do orphão, e de ordinario de todos os ratoneiros que querem depositar n'elle a sua confiança. Assim m'o disse; aqui está o seu cartão. (*Da-lhe o cartão.*)

SUSANNA.

(*Lendo.*) « Alfredo Coq-Heron!... » É o meu advogado! foi elle que ganhou a minha causa!

CLARA.

E esta?

SUSANNA.

Oh! meu Deos! o que fiz!... Um moço encantador... por que asseguro-te, Clara, que elle é encantador!

CLARA.

Isso sei eu, minha senhora.

SUSANNA.

Moço distincto, espirituoso... cheio de talento... e um coração...

CLARA.

E como elle dança a polka!...

SUSANNA.

E como canta romances!... oh! como é que não adivinhei!... Clara, eu quero fallar-lhe.

CLARA.

Elle deve estar ainda na rua.

SUSANNA.

Que heide fazer?

CLARA.

Deite-lhe outra cousa em cima da cabeça.

SUSANNA.

Deos me livre... Anda, Clara, vai, corre, Clara, dize-lhe... (*Coq-Heron entra pelo fundo.*) É elle. (*Clara sahe.*)

SCENA 10.ª

COQ-HERON e SUSANNA.

COQ-HERON.

(*Muito tranquillo, com um chinez na mão.*) Minha senhora, em nossa respectiva posição, não devo conservar cousa alguma que lhe pertença. Devo-lhe um chinez... ei-lo aqui. É feio, mas custa caro! Ha uma alta sobre os chinezes. (*Poem-n'o sobre a mesa.*) Agora sou de V. Ex.ª humilde criado.... (*Vai para sahir.*)

SUSANNA.

(*Muito agitada.*) Senhor Coq-Heron...

COQ-HERON.

(*Tirando o relogio.*) São 4 horas menos um quarto: a minha noiva espera-me.

SUSANNA.

Um casamento de conveniencia...

COQ–HERON.

Mas a tribu dos parentes? . . .

SUSANNA.

Que espere: não quero que fiquemos assim. O senhor então é advogado?

COQ–HERON.

Alfredo Coq–Heron. . . o ultimo da familia. . . se eu não tiver filhos, extingue-se a raça. . . mas heide têl-os.

SUSANNA.

Saiba, que o senhor tomou conta da minha demanda em Touraine, e que ganhou a causa; saiba que salvou uma parte da minha fortuna.

COQ–HERON.

Não duvido. Será por acaso a senhora a viuva Montaubin, a quem tenho a honra de fallar?

SUSANNA.

Eu mesma; e o meu reconhecimento. . .

COQ–HERON.

(*Friamente.*) A senhora não me deve nada; pagou-me o meu trabalho, estamos quites. É verdade que foi um pouco cruel para comigo . . . mas, emfim, como não me conhecia . . .

SUSANNA.

Senhor Coq-Heron, perdoe–me.

COQ–HERON.

Pois não, minha senhora. . . até me julgo feliz em ter feito

com que V. Ex.ª se risse e divertisse por alguns instantes. Eu estava louco quando ousei conceber a idéa de inspirar um sentimento serio... Quem sou eu para ser amado!... Um pobre advogadosito de provincia... modesto... simples... ignorado... Se eu fosse ás corridas, com véo verde no chapeo... a casaca empoeirada... como os petimaîtres, então sim...

SUSANNA.

Senhor Coq-Heron...

COQ-HERON.

Bem vê que não tenho o cabello apartado ao meio... que não cheiro a pomadas, nem estou frisado... Sou um pobre... obscuro... indigno de ser amado... e quando o meu coração se enternece, dizem-lhe como ao cão que amima: — abaixo as patas. (*Tirando o lenço e sentando-se no canapé á direita.*) Acredite, minha senhora, que me affligio extremamente.

SUSANNA.

Então era serio o que ha pouco me dizia?

COQ-HERON.

Se era serio!..

SUSANNA.

Pois agora tambem lhe digo, que quando lia as suas brilhantes defesas, sentia não estar presente... queria ver esse gesto nobre... essa eloquencia irresistivel... essa physionomia expressiva...

COQ-HERON.

Que oiço!

SUSANNA.

Acredite... não sei o que digo... (*Senta-se ao pé d'elle.*) Não sei o que experimento...

COQ-HERON.

O mesmo que eu inda agora?

SUSANNA.

E eu que o repellí!...

COQ-HERON.

Quando uma só palavra da sua boca teria sido bastante para...

SUSANNA.

Fazer de duas almas uma, unir os nossos pensamentos... os nossos corações...

COQ-HERON.

Que!... pois poderei esperar!...

SUSANNA.

Eu não disse...

COQ-HERON.

Mas hia dizer... oh! senhora, diga... diga... diga essa palavra de vida... essa musica do coração... essa symphonia celeste... diga que me ama... diga, senhora, diga!

SUSANNA.

Sim... eu... eu amo-o!

COQ-HERON.

(*Levanta-se radioso.*) Finalmente! (*Toca a campainha*; *Clara apparece.*) Um copo d'agua para esta senhora.

CLARA.

(*Admirada.*) Heim?

SUSANNA.

Um copo d'agua!

COQ-HERON.

(*Friamente, passando por detraz da cortina.*)

Succedeo isto em Sevilha
No anno cincoenta seis. (*Olha o relogio.*)

SUSANNA.

(*A' parte e levantando-se.*) Monstro! (*Alto, e mudando de tôm.*) Foi bem apanhada! (*Rindo.*)

COQ-HERON.

(*A' parte, e rindo.*) Leva a cousa de gracejo... É mulher d'espirito! (*Alto.*) A senhora é uma moça d'espirito!... (*Dando-lhe a mão.*) Sem ficarmos mal?...

SUSANNA.

(*Depois de hesitação, da-lhe a mão.*) Certamente.

CLARA.

(*Entrando.*) Aqui está a agua.

COQ-HERON.

Tem flor de laranja?

CLARA.

Sim, senhor.

COQ—HERON.

Bebe-a tu se precisares. (*A Susanna.*) Seu humilde criado. . . (*Comprimenta.*)

SUSANNA.

(*Saudando-o.*) Seja muito feliz.

COQ—HERON.

(*Cantarolando.*)

Succedeo isto em Sevilha
No anno cincoenta e seis.

FIM.

18438